

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE- UFAC
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO/ PROPEG
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RAFAEL FIGUEIREDO PINTO

**Dos sertões a floresta: a trajetória intelectual e política do
professor Ciro Facundo de Almeida**

RIO BRANCO – ACRE

2019

RAFAEL FIGUEIREDO PINTO

Dos sertões a floresta: a trajetória intelectual e política do professor Ciro Facundo de Almeida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Educacional

Orientador (a): Professora Dra. Andréa Maria Lopes Dantas

RIO BRANCO – ACRE

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

P659d Pinto, Rafael Figueiredo, 1985 -

Dos sertões a floresta: a trajetória intelectual e política do professor Ciro Facundo de Almeida / Rafael Figueiredo Pinto; orientadora: Dr^a. Andréa Maria Lopes Dantas. – 2019.

113 f. : il. ; 30 cm e anexos

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós – Graduação Stricto Sensu de Mestrado em Educação. Rio Branco, 2019.

Inclui referências bibliográficas e apêndices.

1. Almeida, Ciro Facundo de – História oral. 2. Almeida, Ciro Facundo de – Trajetória intelectual e política. 3. Discurso pedagógico. I. Dantas, Andréa Maria Lopes (orientadora). II. Título.

CDD: 370

Bibliotecária: Irene de Lima Jorge CRB-11º/465

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andrea Maria Lopes Dantas
Orientador (a)

Profa. Dra. Tânia Mara Rezende Machado
Universidade Federal do Acre (UFAC)
Examinador Interno

Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Acre, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, ricas lições e experiências nessa peculiar área do saber.

A minha orientadora Profa. Dra. Andrea Maria Lopes Dantas, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao professor Ciro Facundo de Almeida, pela generosidade ao deixar-se conhecer.

Aos meus colegas de classe, pelo companheirismo sempre presente.

Aos meus pais e amigos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

Resumo

Com sustentáculo essencialmente em entrevistas e documentos históricos, tais como jornais publicados na imprensa acreana, revistas, arquivos próprios e registros encontrados em acervos institucionais, o estudo em questão busca evidenciar a trajetória intelectual e política de Ciro Facundo de Almeida, notável ser do seu tempo, que imprimiu, por meio da sua vida e obra, importantes mudanças no âmbito jurídico-administrativo do Acre, seja através da sua atuação direta, enquanto profissional, seja mediante o agir de pessoas que ocupam atualmente importantes espaços de poder, no estado, e que o tiveram como educador. Nesse desiderato, sem descuidar da necessária problematização ante as informações apresentadas, as diferentes facetas de Ciro Facundo de Almeida são contempladas a partir da História Oral enquanto opção metodológica, numa abordagem realizada não só segundo as próprias considerações dele, enquanto objeto pesquisado, mas também de acordo com os depoimentos de terceiros que com ele convivem ou conviveram, o que marca de maneira bastante peculiar a narrativa dos acontecimentos. Em perspectiva as lições e dilemas de quem deixou o sertão nordestino para viver em solo acreano, esse estudo tem, assim, como elemento organizador, a figura de Ciro Facundo de Almeida como um intelectual que tem a sua ação profissional marcada pelo exercício de ensinar. Por possuir nítido fito histórico, a presente pesquisa valeu-se, no curso do seu desenvolvimento, dos ensinamentos de autores que há muito tratam e/ou trataram da temática posta, como ALBERTI (2008), CHARTIER (2002), DA SILVA (2013), GIROUX (1997), GRAMSCI (1982), KARNAL e TATSCH (2015), JOUTARD (2000), MICELI (2011), NABUCO (1998), SIRINELLI (1998), SOUZA (2006), WASSERMAN (2015) e THOMPSON (1981)

Palavras-chave: Ciro Facundo de Almeida. História oral. Intelectual orgânico. Discurso pedagógico.

Abstract

Based essentially on interviews and historical documents, such as newspapers published in the Acre press, magazines, own files and records found in institutional collections, the study in question seeks to highlight the intellectual and political trajectory of *Ciro Facundo de Almeida*, notable being of his time, which accomplished, through his life and work, important changes in the legal-administrative scope of Acre, either through his direct performance, as a professional, or through the actions of people who currently occupy important spaces of power, in the state, and who had him as an educator. In this regard, without neglecting the necessary problematization before the information presented, the different facets of *Ciro Facundo de Almeida* are contemplated from Oral History as a methodological option, in an approach carried out not only according to his own considerations, as a researched object, but also according to the testimonies of third parties who live or lived with him, which marks the narrative of events in a very peculiar way. In perspective the lessons and dilemmas of those who left the northeastern hinterland to live in Acre soil, this study has, as an organizing element, the figure of *Ciro Facundo de Almeida* as an intellectual whose professional action is marked by the exercise of teaching. Because it has a clear historical purpose, the present research used, in the course of its development, the teachings of authors who have been and / or have dealt with the subject for a long time, such as ALBERTI (2008), CHARTIER (2002), DA SILVA (2013), GIROUX (1997), GRAMSCI (1982), KARNAL and TATSCH (2015), JOUTARD (2000), MICELI (2011), NABUCO (1998), SIRINELLI (1998), SOUZA (2006), WASSERMAN (2015) and THOMPSON (1981)

Keywords: *Ciro Facundo de Almeida*. Oral history. Organic intellectual. Pedagogical discourse.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. ANOS INICIAIS.....	28
2.1. A infância em Jaguaribe.....	28
2.2. O primeiro trabalho formal.....	34
2.3. Período escolar em Fortaleza.....	36
3. O JURISTA.....	39
3.1. O trabalho e a graduação em Direito: um dilema.....	39
3.2. A trajetória como operador do Direito.....	43
3.2.1. A advocacia.....	43
3.2.2. A magistratura.....	52
3.2.3. Outros cargos institucionais.....	71
4. O DOCENTE.....	72
4.1. Atuação no Ensino Médio.....	72
4.2. Atuação no Ensino Superior.....	73
4.3. Do discurso pedagógico.....	79
4.4. A experiência de terceiros.....	81
4.4.1. Cristopher Mariano Almeida (advogado).....	82
4.4.2. Adalcilene Pinheiro Araripe (Servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Acre)....	83
4.4. Francisco Djalma (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).....	86
4.5. Samoel Evangelista (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).....	87
4.6. Pedro Ranzi (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).....	92
4.7. Kátia Rejane (Procuradora-Geral de Justiça do Ministério Público do Estado do Acre)..	93
4.8. Simone Jacques Azambuja Santiago (Subdefensora-Geral da Defensoria Pública do Estado do Acre).....	94
4.9. Francisco Pereira da Costa (Coordenador do Curso de Direito da UFAC).....	94
4.10. Nassara Nasserála (Servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).....	95
5. O POLÍTICO.....	96
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

1.1. O ingresso no programa de Mestrado em Educação da UFAC

“Conhece-te a ti mesmo”, disse Sócrates, em dado momento. De caráter contínuo, o mandado à busca do autoconhecimento prescrito pelo filósofo é algo que há anos tento naturalmente cumprir. Não por outra razão, no início da minha graduação em Direito, muito me despertaram o interesse as disciplinas reputadas como propedêuticas, tais como a Filosofia, a Sociologia e a Antropologia. Havia em mim a sincera crença de que não só o Direito não poderia ser compreendido isoladamente, isto é, dissociado da relação com outras ciências sociais, como eu não poderia satisfatoriamente compreender-me, no plano existencial, enquanto ser humano, sem valer-me do amplo acervo de saberes à minha disposição.

No ambiente acadêmico, finda a graduação, alcei novos voos; afinal, não cessara a busca por mais conhecimento. Todavia, por força de outros planos, apenas nove anos depois da referida conclusão foi possível prosseguir. Em 2017, então, tive conhecimento que a UFAC possuía um programa de pós-graduação *strictu sensu* em Educação. Recordo que, com muito ânimo, colhi mais informações a respeito do Mestrado e pedi permissão à Coordenação para acompanhar as aulas da turma em vigor à época, na condição de aluno especial.

Na oportunidade, tive um contato inicial com a disciplina História da Educação da Amazônia, ministrada pela professora Dra. Andrea Maria Lopes Dantas. O conteúdo era apaixonante! Certo estive que precisava ingressar formalmente no Mestrado, desta vez como aluno regular do curso.

Em 2017, quando da preparação para o processo seletivo do Mestrado em Educação, promovido pela UFAC, dediquei esforços à construção de um projeto de pesquisa que pudesse promover um diálogo entre distintas ciências do saber, quais sejam, a do Direito e da Educação.

Enquanto defensor público¹ que laborava no âmbito criminal, uni aspectos da minha atuação profissional nas unidades prisionais de Rio Branco com necessidades das pessoas que estavam em regime de cumprimento de pena nestes espaços, especificamente o direito social à educação, que é previsto na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Nesta senda, em clara tentativa de estudar a realidade acreana, elaborei um projeto de pesquisa que consistiu em analisar a gestão e a organização do Plano Estadual de Educação

¹ A posse e o exercício no cargo de Defensor Público do Estado do Acre ocorreu em 05 de agosto de 2013.

nas Prisões (PEED), fruto de um trabalho conjunto, iniciado em 2010, entre a Secretaria de Estado de Educação e Esporte e o Instituto de Administração Penitenciária do Acre (IAPEN), e concluído, quanto à elaboração, em 2015, no Complexo Penitenciário Estadual Francisco D'Oliveira Conde (FOC). Também seria analisada a extensão do cumprimento das metas do Plano sem prescindir da análise das considerações feitas pelas pessoas presas destinatárias da oferta educacional.

Com o tema escolhido, logrei êxito na etapa de avaliação do projeto de pesquisa e, conseqüentemente, no certame, sendo considerado aprovado, para fins legais. Para minha alegria, considero este um grande feito, haja vista ter conseguido algo incomum: ter sucesso num processo seletivo que não é familiar aos egressos do curso de Direito.

No decorrer do curso, aprendi muitas coisas. Se antes era difícil dissociar educação de escolarização, por exemplo; depois, com percepções alargadas, passei a entender a educação como elemento fundante para a humanização do homem, como um meio através do qual o homem “se faz ser homem”. Com as novas concepções também vieram novos planos, outras experiências que culminariam até na mudança do objeto da minha pesquisa.

Explico-me. Diante dos notórios problemas relacionados à segurança pública vivenciados pelo Acre nos últimos tempos, em especial as disputas entre facções criminosas, inclusive dentro do ambiente penitenciário, obtive notícias do corpo diretor do IAPEN que as políticas educacionais voltadas para os apenados estavam suspensas por tempo indeterminado, o que fatalmente prejudicaria meus estudos acerca do PEED.

Desta forma, sob orientação, decidi realizar uma nova ordenação da pesquisa, de modo a convergir minha atenção ao desenvolvimento de estudos em outro campo temático.

A nova ordenação da pesquisa

Dentre os estados da Federação brasileira, o Acre foi o último estado a integrar o conhecido rol, o que sugere que suas instituições político-jurídico-administrativas gozam de pouco tempo de formação, relativamente. Neste cenário, muitas pessoas deram importantes contribuições para o desenvolvimento regional. Não poderia ser diferente. São seres humanos com diferentes competências e aspirações que compõem e compunham, desde os primórdios, tais espaços.

Com o devido merecimento, a vida e a obra dos precursores ou pioneiros constituem rotineiramente objetos de estudos científicos. Eis um desafio deveras difícil: compreender o progresso das instituições a partir das pessoas que nelas investiram grandes esforços, quiçá parte considerável de suas vidas. É que, considerando o ser humano como complexo por

natureza, as contribuições profissionais de um notável intelectual não têm por alicerces apenas suas competências técnico-científicas, mas caracteres que são necessariamente extraídos de outras esferas pessoais, tais como o acervo de valores éticos e morais, o posicionamento político, a condição de genitor, dentre outros aspectos, tem-se então, numa perfeita simbiose, a mescla de diferentes representações atuando na produção do conhecimento, do trabalho, em geral.

Em verdade, tais representações sociais são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Para cada caso, destaca Chartier (2002), há um necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Nesse sentido, ainda destaca o referido autor quando este aponta que,

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcantes, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando. (CHARTIER, 2002, p. 27)

Compreendido o desafio, restava a escolha da pessoa a ser estudada, alguém que, de maneira relevante, despretensiosamente, por sua peculiar maneira de agir, tenha influenciado a sua e as vindouras gerações, segundo suas diferentes representações. Alguém com tal perfil me interessaria bastante, de certo!

Porventura haveria entre nós, no Acre, uma pessoa assim? Felizmente, muitas!

No percurso de reordenação de meu objeto de análise, passei a admitir a possibilidade de estudar uma personalidade local partindo do princípio de que conseguiria demarcar os traços desse indivíduo na constituição de um modo de pensar a educação acreana. Buscava com isso um recorte que pudesse abarcar o intelectual e a sua prática acadêmica. Diante dessa premissa, passei então a considerar um proeminente professor do curso de Direito da Universidade Federal do Acre que tem sua atuação espalhada para as áreas jurídicas e políticas com o sujeito de minha pesquisa. O nome que emerge dessa problematização é o de Ciro Facundo de Almeida, figura importante que tem sua trajetória pessoal e profissional fortemente marcada pelo exercício do ensino.

Em razão do meu particular envolvimento com o aparato jurídico acreano, bem como ao ambiente acadêmico, de maneira natural emergiu o interesse pelo estudo e análise do

legado de Ciro Facundo de Almeida. O que em princípio consistiria numa pesquisa limitada à trajetória profissional do referido jurista, a partir de prismas meramente técnicos, converteu-se em algo maior, com demandas específicas, como o necessário diálogo com as diferentes facetas do homem Ciro Facundo (pai, jurista, professor, amigo), fato que consistiu em uma excelente surpresa.

É que, por ser oriundo da mesma área, foi o legado jurídico de Ciro Facundo que primeiramente me interessou. Por não o ter conhecido em atividade, tampouco por força de outros eventos – minha mudança para o Acre apenas ocorreu 2013, em caráter definitivo -, é de se esperar que, sobre ele, ao meu conhecimento só chegassem informações de cunho profissional.

Nesse percurso, busquei estabelecer a relação desse intelectual com o processo de constituição do curso de Direito da Universidade Federal do Acre e a formação de indivíduos que, ao longo dos anos viriam a assumir cargos na burocracia estadual e federal e que também cooperaram para a confecção desse trabalho, constituindo suas entrevistas importante parte dessa obra), vide a Dra. Simone Santiago, atual subdefensora-geral da Defensoria Pública do Estado do Acre, Dr. Francisco Pereira, atual coordenador do curso de Direito da Universidade Federal do Estado do Acre – UFAC, Dra. Kátia Rejane, atual procuradora-geral de justiça do Ministério Público do Estado do Acre e o Dr. Oswaldo Albuquerque, atual conselheiro federal do Conselho Nacional do Ministério Público. Tratei o intelectual Ciro Facundo como um “formador de um modo de pensar”, entendendo que a ação docente se estabelece no ensinar de procederes e de modo de ler o mundo.

Revelo que o tratamento de intelectual destinado a Ciro Facundo, nesta obra, como será possível identificar nos capítulos vindouros, se justifica por ele possuir, vinculado ao seu grupo social de maneira orgânica, consciência de sua própria função em diferentes esferas, como a econômica, social e política (GRAMSCI, 1982).

Em outras palavras, na perspectiva orgânica, além da vinculação de classe, o intelectual é caracterizado pela relação democrática que ele estabelece e o horizonte ético-político que descortina na sociedade que integra. Ele é voltado a impulsionar a sociedade inteira, não só uma parte, e compreende que a economia, política, cultura e filosofia são partes presentes da mesma realidade (SEMERARO, 2006).

Em razão da politização presente na atividade que esse intelectual desenvolve, possível será a realização de ligações transversais entre diferentes saberes (DA SILVA, 2013).

Tendo em mente tais considerações, o passo seguinte foi então o de determinar como faria a abordagem dessa figura singular sem que o trabalho se constituísse num memorial de atos e fatos da vida de Ciro Facundo.

Num primeiro momento, meu contato com Ciro Facundo foi intermediado por sua filha, Eliana Facundo. Com muita surpresa e alegria ela recebeu a notícia de que eu pretendia escrever sobre a vida e obra de seu pai, visto como intelectual de nosso tempo. Todavia, quanto à possibilidade de desenvolvimento do meu trabalho, caberia a “palavra final” à pessoa central e a mais importante: o próprio Ciro Facundo.

Para minha felicidade, ele, mesmo sem saber ao certo o que esperar ou ter que fazer, aceitou “combater o bom combate”, deixando que eu livremente perguntasse e escrevesse a seu respeito, sem reservas ou obstáculos.

Embora por vezes tivesse sido tomado pela empolgação, necessário seria que eu me preparasse devidamente para os encontros que estavam por vir com Ciro Facundo. Afinal, nossa interação não poderia se dar de qualquer maneira. Era preciso, para fins científicos, que um método fosse estabelecido.

Em atenção às peculiaridades desse trabalho, evidencia-se minha escolha pela História oral como método de pesquisa e forma de constituição de fontes.

Interdisciplinar por natureza, uma vez que dialoga com a Sociologia, a Antropologia e outras áreas do saber (fator que favorece hoje sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais), a História oral permite o estudo das formas como a pessoa efetuou e elaborou experiências e situações de aprendizado, tendo a narrativa como um dos seus principais alicerces (ALBERTI, 2008).

Nesse âmbito se revela o "indescritível", diversas realidades que dificilmente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas insignificantes ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (JOUTARD, 2000).

Embora a História oral ou “fontes orais” tenha sofrido, sobretudo quando do seu advento, em meados do século XX, diversas críticas, principalmente no tocante às "distorções" da memória, ao baixo grau de confiabilidade no relato do entrevistado, carregado de subjetividade, atualmente considera-se que à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de uma pessoa ou de um grupo tais "distorções" podem conduzir (ALBERTI, 2008).

Nesse sentido, reconhece-se consensualmente a comunidade acadêmica que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em

objeto do pensamento científico (Idem, 2008). Trata-se, portanto, a História oral de instrumento científico hábil e idôneo para a produção de conhecimento.

Ademais, é importante destacar que também é a História oral um documento histórico!

De acordo com Karnal e Tatsch (2015, p. 24), o “documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita”. Em outras palavras, entendem os autores que o documento histórico é uma construção permanente, não devendo ser encarado como documento em si, mas um diálogo claro entre o presente e o documento, de maneira que o resgate do passado implica em transformá-lo por simples evocação (KARNAL; TATSCH, 2015).

É em tal documento que poder-se-á extrair a ideia do indivíduo como valor, isto é, o indivíduo como ser único e singular; todavia, com o cuidado de compreender tal individualidade biológica não como um ser uno, mas fracionado e múltiplo (ALBERTI, 2008).

Tal entendimento implica em afirmar, por exemplo, que o nome próprio *Ciro Facundo*, em abstrato considerado, não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre quem é o sujeito *Ciro Facundo* verdadeiramente, pois este é um ser em constante mutação, uma individualidade socialmente constituída, de modo que quaisquer descrições destinadas a ele somente poderiam ser consideradas válidas nos limites de um estágio ou de um espaço. Por essa razão, a unidade do eu é uma formidável abstração ou uma “ilusão biográfica” (BORDIEU, 2006). Nessa senda,

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social. (BORDIEU, 2006, p. 189-190).

Ante o exposto, percebo, então, que a construção da noção de trajetória como série de posições ocupadas por um mesmo agente perpassa (BORDIEU, 2006), nesse trabalho, por necessariamente encarar *Ciro Facundo* como ele próprio um devir nos espaços que ocupou.

Mas, tratando-se de História oral, será que apenas o objeto estudo, o sujeito passivo, o entrevistado está em movimento, em constante transformação? Não. Muito mais do que um

relato de ações passadas, a História oral é um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista:

Em primeiro lugar, ela é resíduo de uma ação interativa: a comunicação entre entrevistado e entrevistador. Tanto um como outro têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e tentam desencadear determinadas ações: seja fazer que o outro fale sobre sua experiência (o caso do entrevistador), seja fazer que o outro entenda o relato de tal forma que modifique suas próprias convicções na qualidade de pesquisador (o caso do entrevistado). Em segundo lugar, a entrevista de História oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias - as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem desencadear ao construir o passado de uma forma e não de outra. (ALBERTI, 2008, p. 169)

Da análise do fragmento acima, é possível perceber que o entrevistador exerce um papel bastante relevante no processo de constituição da História oral. No decorrer dos estudos, vendo-me nessa condição de natureza deveras desafiadora, na medida em que dúvidas acerca de como deveria ser meu proceder quanto às entrevistas com Ciro surgiam, descobri lentamente o que o método de pesquisa escolhido impunha a mim quanto aos deveres e às responsabilidades.

São algumas indagações que internamente me consumiam no início da jornada: Como fazer que o outro fale sobre sua experiência, considerando que a entrevista é uma relação entre pessoas diferentes, com histórias de vida diferentes e muitas vezes de gerações diferentes? Considerando que uma situação artificial é criada quando se solicita a alguém que fale sobre seu passado diante de um gravador, estaria Ciro confortável com essa situação, apesar de ser uma autoridade pública que durante muito tempo falou aos diferentes veículos de comunicação? Estaria ele feliz ou orgulhoso por saber que sua trajetória foi considerada importante para ser registrada?

Felizmente, tão logo vinham as inquietações, pouco tempo depois respostas apareciam. Em atenção às provocações, estou certo de que o que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor (ALBERTI, 2008).

Na medida do possível, procurei deixar Ciro Facundo à vontade para falar a respeito dos momentos (não necessariamente profissionais) que lhe foram mais marcantes na vida. Para tanto, de maneira flexível, vali-me de perguntas abertas, levando-o a discorrer confortavelmente a respeito de diferentes temas.

É natural que, conforme os trabalhos avancem, os roteiros passem a conter perguntas mais específicas. Contudo, busquei não manifestar um apego exacerbado à forma, como quem fosse intransigente. Em verdade, com sensibilidade tentei reconhecer os fatores que influenciavam o andamento da entrevista e levá-los em conta quando da análise. “Em uma relação de entrevista, o que se diz depende sempre de a quem se diz.” (ALBERTI, 2008, p. 179).

Nessa toada, esforcei-me para evitar falas superpostas, me calando nas oportunidades em que Ciro Facundo estava falando ou quando tomava a palavra. Tudo para que não fosse prejudicada a compreensão posterior do teor da entrevista (Idem, 2008).

Também, ciente de que ora Ciro Facundo estava com bastante entusiasmo, ora aparentemente cansado, prolonguei ou encerrei prematuramente sessões de entrevista conforme fosse o caso. Não havia espaço para a pressa ou algo que pudesse comprometer o fascínio das experiências vividas por ele; afinal, “é isso que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu” (Ibidem, 2008).

Não poderia ser diferente. A construção da História oral pressupõe a construção de um documento carregado de intencionalidades, elaborado de maneira a perpetuar as recordações de uma pessoa ou de um grupo (monumento). Logo, não é imparcial ou estritamente objetivo. Tratando-se de produto proveniente das relações de força que existiram e existem nas sociedades, é a História oral um "documento-monumento", conforme definido pelo historiador francês Jacques Le Goff (Ibidem, 2008)

Conforme já destacado, vários cuidados são necessários no curso da execução de uma entrevista. Porém, com ainda mais propriedade, muito zelo é demandado no tratamento das informações colhidas. Como interpretá-las? Poderia eu livremente alterar as palavras ditas pelo entrevistado?

Nessa etapa, um dos maiores perigos consiste na sobreposição das intenções do entrevistador ao relato do entrevistado. Estaria eu realmente aberto a conhecer e a deixar que fosse registrado, na gravação, o ponto de vista de Ciro Facundo? Se a narrativa deste não coincidissem com minha hipótese, estaria eu disposto a ouvi-lo?

Primeiramente, atenção deve ser destinada à análise da entrevista como um todo, o que significa, nas lições de Alberti (2008, p. 185), “ouvi-la ou lê-la do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista”.

Durante o percurso, primazia deve ser dada ao relato do entrevistado, respeitando-se as palavras e a linguagem corporal utilizadas por ele, as emoções nele despertadas e o ambiente em que tudo isso sucedera. Nessa tarefa, que exige dedicação, paciência e sensibilidade, reside a expectativa de que seja possível colocar por escrito, com o máximo de fidelidade, aquilo que apenas o entrevistador conseguiu em dado momento contemplar, com o emprego de todos os seus sentidos. Sobre o assunto:

A escolha de determinadas palavras e formas de se expressar informa sobre a visão de mundo e o campo de possibilidades aberto àquele indivíduo, em razão de sua experiência de vida, sua formação, seu meio etc. Se ele escolhe determinadas palavras, e não outras, é porque é daquela forma que ele percebe o sentido dos acontecimentos ou das situações sobre os quais está falando. Por isso não cabe acrescentar novas palavras, ou substituir as que são usadas por sinônimos. Ao interpretar uma entrevista, convém ser fiel à lógica e às escolhas do entrevistado. (ALBERTI, 2008, p. 185-186)

Por tal razão, atendendo aos comandos do fragmento acima, será possível encontrar, ao longo do trabalho, transcrições da entrevista que contém literalmente o que foi relatado por Ciro Facundo em diversos momentos, sem apego às normas cultas da língua portuguesa.

Para o devido exercício da narrativa, todavia, o pesquisador que trabalha com entrevistas de história oral como fontes deve ser capaz de "desmontar" as informações fornecidas pelo entrevistado, bem como analisar as condições de sua produção, de modo que possa vir a utilizá-las com conhecimento, com domínio de causa. Nesse movimento, para que um juízo crítico sobre os documentos-monumentos possa ser cogitado, faz parte do esforço do pesquisador reconhecer, a partir da compreensão das condições de produção daqueles, a distância que os separa de textos de ficção (ALBERTI, 2008).

Nesse sentido, afirma Sirinelli (2003, p. 247): “as trajetórias pedem naturalmente esclarecimento e balizamento, mas também e sobretudo interpretação. O estudo dos itinerários só pode ser um instrumento de investigação histórica se pagar esse preço”.

Nas palavras de Joutard (2000, p. 44), “o historiador não deixa de ouvir e recolher, mas sabe que deve se distanciar, que a simpatia necessária, virtude cardeal do bom entrevistador, não deve cegá-lo nem privá-lo da lucidez”.

Como o estudo em questão não tem por finalidade ser um memorial, uma vez transcrito o teor das entrevistas, as informações incorporadas ao texto são interpretadas e problematizadas, no devir comum à História oral, à interação entrevistador-entrevistado.

Confesso que, em princípio, talvez por ingenuidade, não esperava que no processo de interlocução que se iniciaria eu pudesse ser transformado ou pudesse ter modificadas minhas

próprias convicções na qualidade de pesquisador. De antemão posso afirmar que tais fenômenos em mim sucederam ao longo da pesquisa! Em momento posterior, na obra, tecerei considerações a respeito.

O material privilegiado para a pesquisa foi constituído através de entrevistas com o próprio Ciro Facundo, as matérias jornalísticas que revelam sua ação no campo político, jurídico e educacional, documentos constantes dos arquivos da Universidade Federal do Acre – Coordenação do Curso de Direito, além dos materiais presentes nos arquivos do Tribunal de Justiça do Acre.

Dessa forma, possível será comparar o que dizem as entrevistas com outros documentos de arquivo. A História oral em cotejo com diferentes fontes primárias e secundárias (orais, textuais, iconográficas) certamente enriquece o assunto estudado (ALBERTI, 2008).

Ademais, a narrativa de Ciro Facundo seria o trilha sobre o qual se assentaria o elemento documental que dá sustentação a pesquisa realizada. Nalguns momentos serão esses materiais, elementos de problematização, de modo a compreender o espectro da atuação de Ciro Facundo, determinando que a ação docente, administrativa, judicial e política tem um ponto de intersecção que se mostra na conduta assertiva diante das questões que a vida lhe impôs.

A pesquisa revelou, ainda, que Ciro Facundo, o “menino de Jaguaribe”, forjado no interior do Ceará, é titular de uma trajetória única, sendo reconhecido como, quiçá, uma das figuras de maior destaque do cenário jurídico acreano, alguém cujos ensinamentos influenciaram e continuam a influenciar pessoas situadas nos mais diversos segmentos sociais.

Como é possível perceber, “a história oral é uma via de acesso privilegiada a uma história antropológica e deve continuar a sê-lo” (JOUTARD, 2000, p. 34).

As primeiras impressões

Em dezoito de março de 2018, nossa primeira entrevista aconteceu. Na tradicional Avenida do Aviário, em Rio Branco, num modesto escritório de advocacia, Ciro Facundo me aguardava. Realizados os devidos cumprimentos e as apresentações de praxe, iniciamos uma jornada no tempo, num espaço onde apenas as memórias permeiam. E aí, juntos, nos deleitamos.

Fotografia 01 - O início de uma jornada (Rio Branco, AC)



Fonte: Arquivo próprio (2018)

Em princípio, talvez devido à apreensão e à inexperiência, não consegui manter uma linha lógica de perguntas no meu primeiro encontro com Ciro Facundo. Deixei que minha curiosidade me conduzisse até onde conviesse, sem precipitações. Certamente em foco, a área jurídica. Minha afeição pelo tema fez com que fosse essa a tônica da entrevista.

A importância de Ciro Facundo para o curso de Direito da Universidade Federal do Acre se constituiu num dos principais elementos elencados nas reuniões de orientação. Assim é que resolvi partir desse deste tópico na realização das entrevistas. As primeiras perguntas por mim formuladas tiveram por objetivo compreender a relação do nobre professor com a instituição em questão.

Na ocasião, Ciro Facundo abordou sobre a criação do Curso de Direito, num tempo em que todos os bacharéis vinham de outros estados:

Aqui no Acre, por exemplo, a criação da universidade foi uma coisa espantosa. Você vê: uma cidade pequena como a nossa, todos os bacharéis eram de fora. Todos. Sem exceção. Manaus era o centro mais próximo para a formação de bacharéis (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Segundo ele, foram Jorge Kalume² e Jersey Nazareno de Brito Nunes³ quem deram um impulso à cidade, suscitando conversas sobre faculdades. Aliados à forte movimentação

² Jorge Kalume (1920-2010) foi um contabilista e político brasileiro que ocupou diversos cargos eletivos no Acre, cabendo destaque para sua gestão como governador desse estado no mandato 1966-1970.

³ Jersey Nazareno de Brito Nunes exerceu, no Acre, vários cargos nos campos do Direito e da Cultura, e por sua obra obteve várias comendas, como a de Professor Emérito-Universidade Federal do Acre; Mérito Judiciário - Tribunal de Justiça do Estado do Acre; Mérito Universitário - Ufac. Disponível em: <http://www.ufac.br/site/noticias/ufac-na-imprensa/edicoes-2001/fevereiro/os-oitenta-anos-do-dr.-jersey-pai-do-ensino-superior-no-acre>. Acesso em 24/06/19.

estudantil, não tardou para envidassem esforços para que ocorresse a inauguração da primeira faculdade de Direito do Acre⁴. Nesse sentido:

Há aproximadamente 80 anos começou um movimento muito forte aqui, notadamente de duas grandes personalidades. Um foi o Jorge Kalume, governador, um homem que era um homem de muita leitura e muito conhecimento de história. (...) Era prefeito de Xapuri, um município que tem aqui próximo. E depois governador do Estado. Aí chegou a ser senador, chegou a ser deputado federal etc. (...) E foram esses homens, Jorge Kalume e Jersey Nazareno de Brito Nunes, que faleceu também já, que deram um impulso à cidade. Começaram a surgir notícias de faculdade, de conglomerados de faculdades. E isso foi crescendo. Eu, inclusive, participei da inauguração da primeira faculdade. Fui quem fiz o discurso e tudo. Mas daí foi um crescimento interessante. Nós não tínhamos um promotor de fora. Um juiz de fora. Um assessor de fora. Não tínhamos nada. Era zero, quando se criou a faculdade de Direito. Essa faculdade foi criada notadamente pelo esforço do Dr. Jersey Nazareno de Brito Nunes. O filho dele chegou a ser desembargador e aí começou o envolvimento da classe estudantil. Então, criou-se a primeira faculdade, aqui, de Direito. Era uma faculdade muito simples. Começamos a funcionar em um grupo chamado 1º de maio. Depois passamos para onde hoje é o museu do Estado. Mas era uma turma espetacular, uma turma que realmente queria se formar, como eu queria me formar. Meu colega de turma foi nada menos que Dom Giomondo Maria Groque, o bispo prelado da cidade, e era muito meu amigo. E depois tivemos o crescimento, primeira turma, segunda turma... eu lamentavelmente não fui da primeira turma porque eu trabalhava em uma empresa muito grande e quando eu estava pra começar o curso me mandaram para Cruzeiro do Sul. Aí perdi um ano. Depois, quando eu comecei, terminei minha faculdade e hoje tenho entre colegas um certo número vivo ainda. Alguns morreram... (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

A narrativa dos fatos realizada por Ciro Facundo é própria de quem vivenciou importantes acontecimentos ainda em seus estágios embrionários, como a fundação da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Acre, em 1965. Sua exposição emana, assim, de posições privilegiadas, seja como observador, seja como participante direto dos eventos. E a maneira peculiar como o faz, inegavelmente é cativante.

⁴ A respeito do tema, o Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Direito da Universidade Federal do Acre, elaborado em 2008, revela que: "A elevação do Acre à categoria de Estado, através da Lei 4.070, de 15 de junho de 1962, e o fato de a Constituição Estadual prever, no artigo 90 – Do Ato Das Disposições Transitórias - a criação e a instalação de uma Universidade em junho de 1963, levou o Deputado Omar Sabino de Paula a apresentar à Mesa da Assembléia Legislativa projeto de criação da Faculdade de Direito do Acre. A iniciativa do parlamentar acreano contou com o apoio das camadas sociais, principalmente dos meios jurídicos, como os bacharéis em Direito Lourival Marques de Oliveira, Guido Ivan de Carvalho, Manoel Franco Neves, Aduino Brito da Frota, Jersey de Brito Nunes, Fernando de Oliveira Conde e Aury Felix de Medeiros, além do estímulo do Bispo Prelado do Alto Purus e Acre, Dom Giocondo Maria Grotti.". Disponível em: <http://www.ufac.br/direito/menu/projeto-pedagogico/ppc/projeto-de-reformulacao-curricular-de-direito-ufac-2008-ppc#page=9>. Acesso em 24/06/19.

Acerca desse período de criação da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Acre, complementando as informações trazidas por Ciro Facundo, merecem destaque as palavras de Áulio Gélío Alves de Souza, um dos integrantes da primeira turma do referido curso:

Em dado momento, o professor Omar Sabino de Paula, antigo integrante da área em que tinha exercido praticamente todas as funções, elaborou, na qualidade de deputado da primeira Constituinte, o projeto de criação da Faculdade de Direito, para sanção do senhor governador. Na ocasião, o país estava iniciando a gestão militar. Indicado pelo regime, o governador do Acre era o capitão Edgard Pedreira de Cerqueira Filho, que, ao analisar o projeto, não o sancionou por achar que o momento não era propício para aquela iniciativa. Entretanto, o deputado Omar não desistiu. Numa das ausências do governador Edgard Siqueira, assumiu o governo o presidente da Assembleia Legislativa, deputado José Akel Fares, que sancionou o projeto através da Lei n.º 15, de 12/10/1964, consolidando o início do Ensino Superior no Acre. Consolidada a criação do curso de Direito, assumiu a sua direção Dr. Jersey de Brito Nunes. Na ocasião, ele se encontrava no exercício da Procuradoria da República e logo providenciou a implantação do referido curso, em prédio próprio do Estado cedido para esse fim, promovendo a seleção da primeira turma e publicando edital para as inscrições do 1º vestibular, que acabou não se consumando por falta de candidatos. (SOUZA, 2006, p. 17-18).

O olhar saudoso para o alto, nessa etapa da entrevista, parece indicar que Ciro Facundo, sem pressa, permite-se viver, por mais uma vez, aquele tempo de significativa transformação do cenário jurídico acreano. E quanto mais nesse plano se permitia estar, mais ricos os detalhes de suas lembranças eram.

Como é possível observar, uma série de intempéries impediram que Ciro Facundo compusesse a primeira turma de Direito da UFAC. Contudo, não se evidencia, nesse ponto, qualquer traço de arrependimento ou inconformismo na memória dele. Para além de o referido fato não lhe retirar o caráter de um dos pioneiros do curso, percebo que verdadeiramente o apraz saber que a decisão profissional à época lhe pareceu acertada e também porque veio a ter, nesse período, proximidade com Dom Giocondo Maria Grotti⁵, bispo prelado do Acre, de quem foi muito amigo.

⁵ Os restos mortais dos três primeiros bispos da Diocese de Rio Branco, antiga prelazia do Acre e Alto Purus, estão enterrados em um túmulo na entrada da Catedral Nossa Senhora de Nazaré, no centro da capital acreana. De acordo com o padre Máximo Lombardi, até hoje, fiéis que conheceram o trabalho dos bispos vão até o local, acendem velas e fazem orações. São eles Dom Próspero Gustavo M. Bernardi, Dom Giocondo M. Grotti e Dom Júlio M. Mattioli. Todos foram da Ordem Servos de Maria, ordem religiosa que ainda existe no Acre", explicou o padre. (...) segundo Lombardi, Dom Giocondo M. Grotti teria sido o bispo mais amado pela comunidade. Alguns fiéis chegam a atribuir graças alcançadas às orações feitas para o terceiro bispo da Diocese que chegou ao estado em 1963 e faleceu em 1971. (...) para ajudar a comunidade, Grotti passou a cursar direito na Universidade Federal do Acre (Ufac). "Dom Giocondo foi o mais amado, ele morreu aqui no estado em um

Fotografia 02 - Dom Giocondo Maria Grotti (primeiro bispo advogado do Acre)



Fonte: Gazeta do Acre (2016)

Ainda no primeiro encontro, Ciro Facundo discorreu superficialmente sobre suas origens e como as questões ligadas ao trabalharam propiciaram sua posterior ida ao Acre. Também foi explorada a relação de Ciro Facundo com seus familiares.

Findo o primeiro dia de entrevistas, sobreveio-me a certeza de que acabara de vivenciar um dia bastante produtivo. Foram muitas informações a assimilar; muitos minutos de áudio a transcrever. Embora a minha empolgação fosse grande, preciso seria criar um roteiro, um cronograma de atividades, justamente para que pudéssemos explorar detalhadamente, isto é, com profundidade, a partir de cada encontro, as diferentes fases e aspectos da vida de Ciro Facundo. Conforme planejado, assim comecei a agir.

Aproximadamente um mês depois, estivemos juntos de novo. Em perspectiva, o desejo de explorar as experiências de Ciro Facundo no campo político, algo para o qual minha atenção momentaneamente tinha se voltado no encontro anterior. Até então, confesso que trazer à baila esse tema sequer tinha sido por mim cogitado, nem mesmo durante as conversas com minha orientadora. Trata-se certamente de uma das coisas que apenas são passíveis de descoberta quando de uma aproximação maior com o objeto de estudo.

Nesse 20 de abril de 2018, portanto, como quem avança sobre um terreno inexplorado, descobri que desde tenra idade Ciro Facundo manifestava interesse pela conjuntura política, pelo serviço à coletividade. Fascinado pelas ideias de Plínio Salgado, maior expoente da Ação

desastre de avião, em Sena Madureira. Ele tinha uma relação muito familiar com a comunidade. Ele levou muito a sério a humildade do povo, por isso, passou a estudar direito na Ufac. Ele queria defender o povo mais sofrido. Muitos testemunham que foram atendidos através de orações para ele, outras fazem promessas e pedem graças". Ainda segundo Lombardi, Grotti fez ao menos 30 discursos no Concílio do Vaticano II, uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, considerada o grande evento da Igreja Católica no século 20. Os discursos foram recuperados pela Catedral nos documentos do Vaticano.

"Ouvíamos sempre as histórias de que o bispo teria discursado no Concílio, mas não tínhamos esses arquivos. Recuperamos os discursos para mostrar que Grotti não foi ao Vaticano apenas como um simples espectador, mas para participar ativamente". Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/11/tumulos-na-catedral-guardam-restos-mortais-dos-primeiros-bispos-do-acre.html>>. Acesso em: 20/04/19.

Integralista Brasileira⁶, ele chegou a integrar o Partido da Representação Popular (PRP) - também conhecido como Partido Populista -, e posteriormente o partido ARENA. Nesse âmbito, candidatou-se a ocupar alguns espaços de representatividade:

Sempre gostei de política. Tinha 18 anos quando me candidatei ao cargo de vereador de Fortaleza pelo Partido da Representação Popular (PRP). Eu pertencia a um grupo chamado Ação Integralista Brasileira, que tinha por líder Plínio Salgado, um escritor notável. Era um homem culto, preparado, um orador de "mão cheia". Ele publicou aproximadamente 40 a 50 livros e eu tinha cada uma delas. Infelizmente, se perderam em uma alagação. Dava gosto ouvir Plínio Salgado falar. Aprendi muitas lições com ele. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Esse é um momento bastante significativo da vida de Ciro Facundo. A partir dessas informações, consegue-se contemplar uma das estruturas elementares da sociabilidade dele enquanto intelectual. No ambiente descrito se verifica como a ele se impõe dados imediatos da consciência política (SIRINELLI, 2003).

Ainda nessa oportunidade, Ciro Facundo revelou o início de sua trajetória na advocacia privada, que se deu, desde o princípio, de forma muito simples, sem muitos recursos. Como solicitador acadêmico (antiga nomenclatura do estagiário), sob os auspícios do Dr. Aury Félix de Medeiros⁷, advogado reconhecidamente meticuloso a quem Ciro Facundo é muito grato, ele cresceu em conhecimento e em experiência, de modo que, quando da sua graduação em Direito, era possível tranquilamente afirmar que já se tratava de um profissional tarimbado nas ciências cíveis e criminais.

Em atenção à progressão de Ciro Facundo na advocacia, em 10 de maio de 2018 conversamos sobre casos famosos nos quais ele atuou. Embora com minúcias alguns destes casos sejam comentados ao longo desta obra, cabe registrar, a título de exemplo, o júri ocorrido em Brasília - AC, que envolvia o irmão de um Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Acre (houve até abertura feita por uma banda de música oriunda de Cobija, cidade da Bolívia), e, talvez o caso mais célebre, o “Crime dos Castradores”, júri ocorrido em Rio Branco, composto por três pessoas ligadas por laços de parentesco, réus confessos num processo que sobre eles recaiam as acusações de terem castrado e assassinado um homem. Na ocasião, com desenvoltura na oratória e claro primor técnico, conseguira Ciro Facundo a

⁶ A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi uma organização política com inspirações fascistas que surge no início da década de 1930 no contexto da ascensão dos regimes autoritários na Europa. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/era-vargas/acao-integralista-brasileira-aib/>>. Acesso em: 20/04/19.

⁷ Conforme demonstrado anteriormente, o nome do Dr. Aury Félix de Medeiros consta formalmente no Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Direito da Universidade Federal do Acre como um dos juristas que participaram ativamente do processo de formação da Faculdade de Direito, no Acre.

absolvição dos acusados, o que lhe rendera ainda maior notoriedade na advocacia privada. Acerca destes eventos:

Foi um júri que lotou o fórum de Brasília. Envolvia o irmão de um conselheiro do Tribunal de Contas. Veio até uma banda de música de Cobija para fazer abertura. Esse júri foi um espetáculo! Outro júri que entrou para história foi um que ocorreu em Rio Branco. Foi o "crime dos castradores". Três pessoas, entre eles algum parentesco, que mataram um cara e o castraram. Em seguida, jogaram em frente à Santa Casa de Misericórdia os testículos dele. Rapaz, lotou aquele lugar onde é hoje o Palácio da Justiça. Você sabe que júri é teatro. Eu fiz o meu teatro e absolvi todos os três. Por cada tese, absolvi um. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Entendo que o fragmento acima, se apressadamente interpretado for, ou se contemplado à luz do senso comum, pode produzir distorções no sentido da mensagem transmitida por Ciro Facundo; a uma, porque se tem notícia de que ele defendeu os interesses de pessoas que cometeram um crime, algo que, por si só, é execrável para parcela da sociedade brasileira; a duas, porque associa o júri, instituição milenar do mundo jurídico, a um teatro.

Em verdade, como melhor se verificará no curso deste trabalho, Ciro Facundo é um sujeito apaixonado pelo ideal de justiça, alguém tomado pelo sentimento de igualdade, firme na crença de que qualquer pessoa merece, independentemente do que tenha feito ou da acusação que sobre ela recaia, uma apreciação justa do seu caso, ainda que o desfecho seja a condenação. E o âmbito mais propício para que tais valores se manifestem é o tribunal do júri, sítio que se assemelha ao teatro não porque aí se fantasia ou se distorce a realidade, num sentido pejorativo, mas porque viabiliza o princípio da plenitude de defesa, a possibilidade de o profissional que presta assistência ao réu valer-se de todos os argumentos lícitos para o convencimento do corpo de jurados acerca de uma tese.

Como intelectual, Ciro Facundo credita à leitura o vasto conhecimento que possui acerca da ciência jurídica e de outros ramos do saber. Como costuma afirmar, reconhece-se como um homem “de muita leitura”. E tal hábito o moldou enquanto sujeito, tornando-o um profissional de entendimentos mais humanistas ou “modernos”, de acordo com alguns dos seus ex-colegas de trabalho, desembargadores Samoel Evangelista, Pedro Ranzi e Francisco Djalma⁸, apenas para citar alguns.

⁸ Estes desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, ainda em exercício de suas regulares atribuições, foram entrevistados por mim e muitas de suas experiências com Ciro Facundo Facundo serão abordadas em capítulo próprio desta obra.

Observar-se-á, neste trabalho, que parte das lembranças que muitas pessoas carinhosamente guardam de Ciro Facundo decorre da peculiar sensibilidade e empatia dele para com o próximo e de como seu conhecimento técnico era utilizado para servir a este propósito. Para fins de exemplo, quando da entrevista realizada com Francisco Djalma, um dos ex-colegas de Ciro Facundo citado acima, ele disse: “muita falta faz Ciro Facundo ao Tribunal porque ele é um pacificador muito habilidoso”.

Com a facilidade que adquiria conhecimento, transmitia-o a quem desejasse. Não por outra razão, tornou-se um professor bastante admirado. Ciro Facundo ocupou quiçá todos os espaços possíveis enquanto educador. Durante sua trajetória na Escola Normal Lourenço Filho, muitas pessoas tiveram contato com ele, destacando-se Iolanda Fleming⁹, ex-governadora do Acre (foi a primeira mulher a governar um estado brasileiro). Em cursinhos pré-vestibular, as disciplinas filosofia, sociologia e literatura constavam em seu portfólio. Nesse período, por curiosidade, compunha o corpo discente para o qual ministrou aulas alguém que viria ser sua futura colega de profissão: Eva Evangelista¹⁰, desembargadora decana do Tribunal de Justiça do Estado do Acre.

Ora, as oportunidades de conversas que tive com Ciro Facundo viabilizaram a descoberta de diversas curiosidades a seu respeito. Não fossem as entrevistas, como saberíamos, por exemplo, que Ciro Facundo praticou, no passado, jiu-jitsu com Yoshio Suzuki de Oliveira, falecido Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado do Acre, e que foi jogador de vôlei em terras acreanas? Nesse esporte, Ciro Facundo gostava de atuar ora como atacante, ora como técnico, tendo nessa condição chegado a comandar uma seleção local e a conduzido para jogos em Cobija, na Bolívia.

Outro presente que o mês de maio de 2018 me concedeu foi a possibilidade de ter acesso a pormenores da infância, da adolescência e do início da vida adulta de Ciro Facundo. Esse assunto ganha capítulo próprio neste trabalho e revela os anos iniciais de Ciro Facundo

⁹ Nos registros do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, é possível verificar que Iolanda de Lima Reis Fleming, em março de 1984, “...assumiu em caráter interino a chefia do Executivo do estado, em virtude de uma viagem do governador Nabor Júnior ao Pará. Dessa forma, tornou-se a primeira mulher a governar um estado da Federação. A proximidade da campanha eleitoral de 1986 obrigou o governador Nabor Júnior a se desincompatibilizar de seu cargo, já que disputaria, pelo PMDB, uma vaga no Senado. Com isso, Iolanda tomou posse, agora de forma efetiva, no governo do estado em maio de 1986. Durante seu governo, fundou a primeira Delegacia da Mulher no Acre, e terceira a ser implantada no Brasil, e o Teatro Plácido de Castro”. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/iolanda-de-lima-reis-fleming>>. Acesso em: 20/04/19.

¹⁰ Eva Evangelista conviveu com Ciro Facundo enquanto membro do Tribunal de Justiça e como professora. Na Universidade Federal do Acre, foi Professora Assistente do Departamento de Direito, trabalhando a disciplina de Direito Agrário, Direito e Legislação de Terras (1981 a 1992); e de Direito Processual Civil (a partir de 1993). Foi Também Coordenadora do Núcleo de Estudos e Prática Jurídica do Departamento de Direito desta universidade.

em Jaguaribe, no Ceará, compreendendo os estudos dele no grupo escolar local, as atividades juntos ao comércio do pai e a posterior mudança para Fortaleza, lugar onde concluiu o ensino médio e veio a desenvolver novas responsabilidades, como a morar sozinho e desempenhar seu primeiro trabalho formal (Empresa Indústria Ltda.¹¹).

É dedicada especial atenção ao trabalho de Ciro Facundo na supramencionada empresa, pois aí não só ele trabalhou por mais de 15 anos e, através dela veio a conhecer diferentes lugares do norte do país, inclusive o Acre, mas veio a desenvolver-se enquanto homem, num processo de fortalecimento de suas raízes e dos seus valores, pois nesse âmbito ele conheceu a dura realidade que é promover comércio no Brasil e ter que lidar com pessoas de diferentes índoles.

Por fim, atendendo a ordem cronológica das entrevistas, os últimos encontros tiveram por intento explorar a relação de Ciro Facundo com seus familiares. Conversamos sobre seus pais (Pedro e Maria de Jesus), seus muitos irmãos (Eduardo, Helena, Íris, Mansueto, Hugo, Hélio, Irene, Inês e Eduíno) e seus filhos (Pedro e Eliana), netos (Cristina, Ciro Facundo Neto, Ítalo, Davi e Mariana) e bisnetos (Cauê). Muitas foram as risadas nestes momentos.

Esse percurso é peculiar da História de vida, que tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história. Desde as conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou na infância, até acontecimentos da vida adulta, diversos elementos compõem a trajetória do sujeito investigado (ALBERTI, 2008).

Nesse trabalho, senti também a necessidade de entender, a partir da perspectiva de terceiros, como Ciro Facundo é enquanto pessoa, na tentativa de identificar o grau de importância que ele tem na vida deles. Eu já tinha em mente a ideia de desenvolver conversas com algumas pessoas; afinal, as oportunidades de entrevistas permitiram que eu observasse quem teve uma significativa convivência com Ciro Facundo.

Reputo essa etapa da pesquisa como uma das mais importantes, já que toda a produção teve, inicialmente, a expectativa de compreender como um cearense migrante veio a se tornar um intelectual tão respeitado na sociedade acreana, que não só ocupou os principais espaços de poder do Estado, mas influenciou a formação de muitas pessoas que atualmente ocupam essas esferas jurídico-administrativas, seja mediante o sistema formal de ensino, como professor, seja pelo ato de educar através de outros procederes (como juiz, como chefe, como amigo).

¹¹ A pesquisa não conseguiu identificar dados sobre essa empresa que permitisse ter informações mais precisas sobre a mesma.

Embora muito se arrependa de não ter escrito obras – as poesias que um dia chegou a escrever viraram cinzas, queimadas pelo fogo, uma vez que as considerava “besteiras”, sem muita relevância –, é possível afirmar que *Ciro Facundo* deu importantíssimas contribuições para o desenvolvimento das principais instituições do Acre, seja na esfera estadual (bancos, escolas, faculdades, Secretaria de Segurança Pública, Procuradoria-Geral do Estado, Ministério Público, Defensoria Pública), seja no campo federal (Universidade Federal do Estado do Acre - UFAC).

Por onde passou, *Ciro Facundo* deixou sua marca. Das lições de respeito, honestidade e obrigatoriedade quanto ao cumprimento das obrigações, assimiladas pelo ensino dos seus pais, ele buscou transmitir para seus filhos e ainda o faz para as pessoas que desfrutam da sua companhia.

Das entrevistas foi possível extrair testemunhos e interpretações dentro do quadro de referência do próprio *Ciro Facundo*, o que, respeitados os contextos de cultura e de linguagem, produziram ricas e profundas informações para esse estudo.

Dessa forma, reconhece-se que a autonomia de *Ciro Facundo* enquanto intelectual precisa ser relativizada, pois não há um plano das ideias completamente independente das outras pessoas que o cercam, dos demais aspectos da sociedade (WASSERMAN, 2015).

Afetada por esse processo dialético entre diferentes atores, a história intelectual pode fornecer pistas muito concretas sobre as sociedades e seus problemas ao longo da história. É dizer: o estudo do itinerário ou da trajetória de *Ciro Facundo* em diferentes searas, objeto desse trabalho, pode viabilizar a explicação das sociedades no tempo, seja para compreender problemas da contemporaneidade, com base na experiência (passado), seja para projetar expectativas de porvir (Idem, 2015)

Nessa toada, a história dos intelectuais tem como um de seus principais pressupostos ser “um canteiro de obras a ser elaborado coletivamente, pelas diferentes disciplinas” (DA SILVA, 2013, p. 95), ser “um campo histórico e autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.” (SIRINELLI, 2003, p. 232)

Da análise do conjunto dos fatos na etapa inicial dessa pesquisa, é possível afirmar que desde tenra idade *Ciro Facundo* trilhou um caminho voltado para o serviço à coletividade. A julgar pelos serviços familiares, estudos políticos e posterior participação da esfera burocrática estatal e dos sistemas de ensino municipal, estadual e federal, sua ação profissional será marcada pelo exercício de ensinar.

Por certo, não tinha Ciro Facundo, quando adolescente, verdadeira noção da dimensão do raio de alcance da influência que suas atividades viriam a ter sobre tais diferentes espectros. Talvez ele sequer tivesse ainda percebido que essa questão poderia vir a ser existencial, apta a comprometer completamente o sentido da sua vida.

Na medida em que Ciro Facundo descobre-se enquanto sujeito polivalente, desenvolve-se seu legado intelectual.

Dessa forma, os tópicos seguintes contemplarão as diferentes facetas da vida de Ciro Facundo, ora tratadas a partir de suas próprias declarações, ora segundo terceiros. Para além do conteúdo extraído das entrevistas, recortes jornalísticos e outros documentos embasarão a narrativa dos fatos.

Capítulo I

ANOS INICIAIS

2.1. A infância em Jaguaribe.

O Dr. Ciro Facundo de Almeida, filho de Pedro Saldanha de Almeida e Maria de Jesus Facundo de Almeida, nasceu em 1937, no bairro Pedras de Mecejana, em Fortaleza, no Ceará.

Em razão de seu pai possuir negócios comerciais em Jaguaribe (ele era proprietário de dois mercados, sendo um de couros e peles animais - boi, cabra, carneiro, maracajá, onça, tijuacú, lontra, ariranha etc., e outro de gêneros alimentícios em geral - vendas no varejo), foi Ciro Facundo e seu numeroso grupo de irmãos, doze, no total, todos com tenra idade, para tal lugar. Acerca desse tempo:

Papai era fazendeiro. Tinha negócios em Jaguaribe. Então ele tinha dois ou três armazéns. Tinha diversas atividades no comércio. Tinha essa que foi a minha atividade durante toda a vida: couros e peles; tinha um armazém que era varejo geral e uma mercearia que se chamava "Primeiro Grau", parece, que era grande, pois não tinham supermercados em Fortaleza. Fomos pra Jaguaribe quando éramos todos pequenos. Jaguaribe ficava a seis léguas da fazenda do papai. Falo em léguas porque lá usamos mais essa medida que quilômetros (cada légua corresponde a seis quilômetros). (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Jaguaribe é um município brasileiro do estado do Ceará, com população estimada de 34.621 habitantes, segundo o último estudo realizado pelo IBGE, em 2014. De certo, na década de 30, período da mudança de Ciro Facundo para lá, o número de habitantes da cidade era significativamente menor.¹²

¹² Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguaribe>>. Acesso em: 20/04/19.

Fotografia 03 - Jaguaribe (CE)



Fonte: Prefeitura Municipal de Jaguaribe (2014)

Embora Ciro Facundo tenha nascido em Pedras de Mecejana, é Jaguaribe que irá permear a memória de todas as pessoas que o cercam, pois desse local sempre fazia menção em suas conversas e ensinamentos.

Com a ida da família para Jaguaribe, Ciro Facundo passou a residir em uma fazenda que distava seis léguas do centro da cidade. Nesse ambiente, desde cedo ele aprendeu a desenvolver atividades próprias da vida no campo, como a ordenha de vacas leiteiras. Era essa uma das tarefas que regularmente fazia antes da ida ao Grupo Escolar local, além da compra matinal de pães. No trajeto diário para o grupo, ainda realizava a limpeza de um dos armazéns do pai. Ver-se-á que essa natureza ordeira levaria Ciro Facundo a gozar de muito prestígio junto ao seu genitor, ao ponto deste lhe confiar, por não poucas vezes, a administração das empresas da família. Sobre este período, recorda Ciro Facundo:

Me lembro bem dessa época porque eu estudava no Grupo Escolar. Bem cedo eu saía e ia apanhar o leite das crianças. No meio da viagem de volta para a padaria e comprava o pão. Todos tinham que estar prontos e arrumados para ir ao Grupo Escolar. Antes de ir ao Grupo eu ainda parava em um dos armazéns do papai e varria uma das partes onde ele ficava. Fiquei até os 13, 14 anos. Eu era o homem de confiança do papai (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

A infância de Ciro Facundo também foi marcada pelos estudos no Grupo Escolar de Jaguaribe. À época só existia esse grupo e era a única modalidade de ensino ofertada no local. Anos depois, foram criadas na região duas escolas, quais sejam, o Ginásio Carmela Dutra, cujo nome se deu em homenagem à esposa de Eurico Gaspar Dutra, ex-presidente da República, e a Escola Clóvis Beviláqua. Ambas as instituições eram mantidas por sociedades

de famílias, destacando-se, respectivamente, a família Barreira para a primeira (curiosamente, o Sr. Pedro, pai de Ciro Facundo, chegou a ocupar o cargo de direção do ginásio, bem como suas irmãs, nos anos seguintes) e a família Diógenes, para a segunda. São memórias desse tempo:

Em Jaguaribe, onde meu pai morava, só tinha um Grupo Escolar, que era chamado o Grupo Escolar de Jaguaribe. Depois criou-se duas escolas: Ginásio Carmela Dutra, que foi mantida por uma sociedade de famílias (principalmente a Diógenes), notadamente dos chefes das famílias (papai era um deles). Foi a Sociedade Escolar Carmela Dutra, então, que montou o Ginásio. Papai foi durante muitos anos diretor dessa escola, embora nunca fosse ligado ao trabalho da educação. Tinha uma outra escola, a Clóvis Beviláqua, que era de outro grupo, também uma sociedade, notadamente a família Barreira, muito importante no local. A educação lá em Jaguaribe se movimentava em torno de duas grandes famílias: a Barreira e a Diógenes (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Foi na Escola Carmela Dutra que Ciro Facundo cursou o período ginásial.

Fotografia 04 - Ginásio Carmela Dutra (Jaguaribe, CE)



Fonte: Biblioteca IBGE (2019)

A partir das entrevistas realizadas com Ciro Facundo, é possível afirmar que a maior parte dos seus irmãos teve em comum a ida para Fortaleza como forma de complementação dos estudos. À época, existia uma forte crença de que as instituições de ensino da capital eram superiores às do interior quanto à qualidade ofertada; logo, era comum as famílias envidarem esforços para que seus integrantes pudessem estudar na capital.

Não sucedeu de forma diferente com Ciro Facundo. Motivado por uma desavença familiar, além de já possuir idade adequada para ir estudar em Fortaleza, ele foi para a capital com aproximadamente quinze anos.

Em Fortaleza, Ciro Facundo residiu na casa de seu avô, lugar onde viveu seis meses. Lembra-se até da rua onde a residência era situada, pois, quando indagado a respeito, sem

vacilar, disse: “Rua General Sampaio, n.º 1.541, Centro da cidade, perto da Praça São José de Alencar”.

Ocorre que, pouco tempo depois desde a sua chegada na capital, Ciro Facundo viu-se na necessidade de morar em outro lugar, ante o falecimento de seu avô. Devido à boa relação que sempre existiu entre ele e sua tia Iracema, irmã da sua mãe, passou ele a residir na casa daquela, também situada em Fortaleza.

Nesse ínterim, Ciro Facundo estudava e trabalhava, atividades que, por muito terem cooperado para sua formação, demandam análise pormenorizada.

Nesta etapa da vida de Ciro Facundo, a partir dos fatos narrados, é possível perceber, dentre outros aspectos, a forma como ele se relacionava com seus familiares. Ante o exposto, valendo-me da ocasião, sem ter a pretensão de quebrar, por inteira, a ordem cronológica dos fatos, com um olhar voltado para o passado, abro espaço nessa obra para expor considerações feitas por Ciro Facundo acerca de diversos membros da sua família.

As lembranças que Ciro Facundo guarda consigo acerca de seus pais e seus irmãos evidenciam a constante presença de sentimentos de afeto em seu núcleo familiar.

Dentre os irmãos, Eduardo é o primogênito. Recorda-se Ciro Facundo que Eduardo, com tenra idade, deixou Jaguaribe e mudou-se para Fortaleza, para fins de estudos. Inaugurando o caminho que os demais irmãos viriam a trilhar, na capital Eduardo residiu com sua tia Iracema, irmã de sua mãe.

Assim que completou o período letivo no liceu do Ceará, Eduardo realizou exame de admissão para a Escola Preparatória de Cadetes, curso no qual veio a lograr êxito e dedicar aproximadamente 03 (três) anos de sua vida. A dedicação aos estudos rendeu-lhe uma indicação para a Academia Militar de Agulhas Negras, prestigiada entidade da qual ingressou como aspirante a oficial.

Atualmente com 87 anos, Eduardo é general do Exército e reside em Recife. “É um bom apreciador de vinho”, destaca Ciro Facundo. Embora a infância de ambos não tenha sido marcada pela mútua presença - haja vista a mudança de cidade -, sobressai da memória de Ciro Facundo a admiração pela trajetória do seu irmão, visto como um desbravador entre o número grupo de colaterais que possuía.

Dentre as irmãs, Helena é a mais velha. Ela e Idalina foram residir em Fortaleza antes da ida de Ciro Facundo para a capital. Curioso fato é a conversa que Ciro Facundo teve com suas irmãs quando disse que iria morar sozinho, na casa oferecida por sua cliente (esta circunstância foi narrada anteriormente). Helena manifestou sua preocupação para com Ciro Facundo, indagando-o acerca de como iria alimentar-se. O plano já estava projetado:

prontamente Ciro Facundo respondeu que iria almoçar com regularidade no restaurante da Previdência Social (tinha uma unidade do CAPS próxima à sua nova residência).

Animadas com o intento de Ciro Facundo, Helena e Idalina decidiram também deixar a casa de Iracema, tia delas, para residirem com seu irmão. Os laços entre eles ainda mais se fortaleceram no período de nova convivência.

Posteriormente, Helena e Idalina graduaram-se em Pedagogia. Foram professoras, mas apenas Helena exerceu a profissão, já que, por força de casamento, Idalina dedicou suas atenções para a família. Essa faleceu aos 80 anos.

Também graduada em Pedagogia, Íris, mais velha que Ciro Facundo apenas 02 anos, é lembrada por seu dom de cantar. “Ah, a Íris canta muito bem”, recorda Ciro Facundo. Era comum os familiares, nas tradicionais reuniões que tinham, deleitarem-se com a voz de Íris.

Na ordem cronológica, Ciro Facundo é o quinto filho mais velho.

O próximo na linha hereditária é Mansueto, carinhosamente lembrado por Ciro Facundo como o “boêmio” da família, alguém que gostava da vida noturna. Era um exímio trabalhador desde a adolescência. Como outros de sua família, era afeiçoado à área comercial, tendo também trabalhado na empresa Indústria Ltda. como vendedor durante muitos anos. Mesmo quando a empresa encerrou suas atividades, Fernando Ponte, um dos sócio majoritários, que gostava muito de Mansueto, pedia para este comprar a Vodka que ele gostava. Mansueto faleceu em 2015.

A ordem natural indica Hugo como o próximo a ser lembrado. Uma breve pausa de Ciro Facundo torna esse momento da entrevista peculiar. É que Hugo falecera em 22 de maio de 2018, apenas três dias antes da realização da entrevista.

“Ele cuidava muito de mim”, lembra Ciro Facundo. Quando da sua primeira cirurgia cardíaca (os primeiros sintomas de saúde debilitada de Ciro Facundo ocorreram aos 40 anos deste), foi Hugo quem o ajudou, levando-o do Acre até o estado onde seria realizado o procedimento. Hugo deslocava-se de onde estivesse no Brasil apenas para ir ao Acre e transportar seu irmão para o tratamento. Assim procedeu em todas as vezes em que foi preciso. Em particular, recorda Ciro Facundo de uma operação para inserção de *steint* na carótida. Apesar de ter sido levado por Hugo a um dos principais centros médicos de São Paulo, Ciro Facundo percebeu que, ao sofrer um infarto naquelas instalações e ter sido orientado a retornar para o Acre para repousar por um tempo, poderia vir a falecer dias depois. Sem vacilar, Hugo tomou a iniciativa, então, de levar seu irmão para que fosse avaliado por outro profissional.

A experiência familiar levou-os até Fortaleza, no Ceará. Ciro Facundo foi atendido pelo médico Fernando Maia, renomado cardiologista de Fortaleza, que adotou todos os procedimentos para que ele fosse atendido no melhor Hospital da cidade. Logo foi descoberto que Ciro Facundo não tinha qualquer enfermidade que prejudicasse o coração. Em verdade, ele padecia de anemia, precisamente a anemia mediterrânea. Oferecido o tratamento adequado, ele apresentou melhoras e voltou a andar com maior facilidade, algo outrora bem improvável.

Hugo também é lembrado por ter feito uma trajetória distinta dos demais irmãos. Quando adolescente, foi morar em Recife com Eduardo, o irmão mais velho que já era oficial e residia lá. Uma breve análise do percurso profissional de Hugo revela o perfil de alguém bastante trabalhador, pois, tendo sido um dos funcionários que por mais tempo laborou na FIAT no Brasil, necessário foi que houvesse a decretação da aposentadoria compulsória para que ele parasse de trabalhar.

Em Hélio é possível ver uma espécie de “braço direito” do pai de Ciro Facundo. Hélio só saiu de Jaguaribe para Fortaleza porque seu pai também foi. “Papai era sério, fechado, mas com o Hélio ele sorria”, destaca Ciro Facundo. Quando o pai estava adoecido, Hélio chegava pontualmente às 07h00min na casa daquele e lhe promovia os cuidados básicos, como o banho e a feitura da barba, de maneira que estivesse pronto quando os médicos chegassem à residência.

Por meio de um amigo do seu pai, Edílson Barreira, logo passou Hélio a trabalhar na empresa Industrial Ltda. Curiosamente, houve um período em que 04 familiares estavam trabalhando na referida empresa: Ciro Facundo, Hugo, Hélio e Mansueto.

Dentre as irmãs, Irene era a pessoa mais próxima de Ciro Facundo. Por tê-la com grande estima, buscava satisfazer-lhe os caprichos. Por exemplo, como bom artesão, Ciro Facundo fez alguns móveis componentes da casa dela. Irene, na mesma toada das demais mulheres da família, também exerceu o magistério.

A mais nova entre as mulheres da família é Inês. À época da sua infância já existia escola em Jaguaribe, ou seja, ela não precisou ir para Fortaleza complementar os estudos, como os seus irmãos tiveram que fazer. Ela é lembrada por Ciro Facundo como alguém que dedicou parte da vida a cuidar integralmente dos pais.

O “caçula” entre os homens é Eduíno. Atualmente laborando como delegado de polícia civil em João Pessoa, na Paraíba, segundo Ciro Facundo, Eduíno canta muito bem e é um exímio tocador de violão, tendo até sido o representante da região norte, certa vez, para interpretar Roberto Carlos na semana musical que levava o nome deste.

A partir de uma família de numerosos membros é possível extrair um grande número de experiências, conforme se verifica nos relatos feitos por *Ciro Facundo*.

Uma vez encerrada essa “janela” no espaço e no tempo, convém retornar propriamente aos anos iniciais de *Ciro Facundo*, desta vez para tratar de aspectos relacionados ao seu primeiro trabalho formal.

2.2. O primeiro trabalho formal

Conforme demonstrado outrora, *Ciro Facundo* exercia pequenos trabalhos em favor de seu pai, ora na fazenda, ora nos estabelecimentos comerciais (vendas em geral e a administração do espaço e dos recursos), todavia, não havia um vínculo formal entre eles materializado por um contrato de trabalho.

Foi quando já residia em Fortaleza, há um mês desde sua chegada, contando à época com quinze anos de idade, que *Ciro Facundo* foi chamado para trabalhar na empresa Indústria Ltda., especializada em fabricação de óleos vegetais e alimentos para a pecuária (ração), cuja propriedade era do Sr. Jaime Pinheiro, um amigo do seu pai:

Papai confiava muito na minha visão comercial e aí eu ia pro armazém e ficava lá o dia todo. No sábado era obrigatório, porque sábado era dia de feira. Um dos armazéns do papai era de couro e peles. Eu comecei a trabalhar muito cedo. Com carteira assinada, eu tinha 14 ou 15 anos. Nunca parei de trabalhar desde então. Meu primeiro emprego formal foi na Empresa Industrial Ltda. Era uma indústria grande do bairro Pirambú que fabricava alimentos, notadamente óleos vegetais e ração para a pecuária. Praticamente toda minha vida foi acompanhando a Empresa Industrial Ltda. Eu me dava muito bem com o dono da empresa, o Sr. Jaime Pinheiro. Na casa dele, tudo que ele precisava fazer, me chamava. (série de entrevistas com *Ciro Facundo* - arquivo pessoal; 2018).

A memória precisa de *Ciro Facundo* manifesta-se mais uma vez ao indicar os principais produtos da empresa, a saber: óleo paturí, gordura samurá e sabão diamante. Com as sobras do processo de extração de óleos, tinham-se as “tortas”, que eram reputadas como excelentes alimentos para gado leiteiro. As “tortas” mais populares eram de babaçu e de algodão.

Em dado momento da vida, valendo-se da sua larga experiência, *Ciro Facundo* dedicou tempo a escrever sobre alguns produtos naturais com os quais trabalhou, como o babaçu¹³, mas, infelizmente, há muito ele não mais possui exemplares das obras:

¹³ Babaçu (do tupi-guarani, *ibá-guaçu*, significa “fruto grande”): é uma palmeira típica do Norte e Nordeste brasileiro. De ampla utilidade, o babaçu pode ter sua palha dedicada para a confecção de cestos e artesanato;

Naquela época não tinha patrocínio. Eu não tinha muitos exemplares. Preferi deixar os exemplares na empresa onde trabalhei. Mas foi uma boa experiência. Escrevi sobre tudo aquilo (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

A disciplina de Ciro Facundo e sua pronta disposição para a execução de qualquer tarefa logo despertaram a atenção do Sr. Jaime, que veio muito a afeiçoar-se por ele. A título de exemplo da obediência mencionada, a pedido da esposa do Sr. Jaime, em pleno fim de semana, foi Ciro Facundo, certa vez, comprar carvão para um churrasco que aquela providenciara para seus convidados.

Em pouco tempo o laço entre empregado e empregador ganhou traços de intimidade. Não raro Ciro Facundo frequentava a casa do Sr. Jaime. A proximidade estendeu-se aos filhos deste, que tinham Ciro Facundo por amigo e alguém que, por muitas vezes, representava uma espécie de “salvador”, sobretudo no que tangia à resolução das tarefas escolares deles. Aos risos, Ciro Facundo se recorda deste período, destacando que ainda mantém contato com os referidos nobres amigos:

Eu era daqueles funcionários que nunca se recusava a fazer nada. Como o pessoal sabia que eu fazia as coisas do Seu Jaime, comecei a exigir e pedi um carro com motorista (risos). (...) Os meninos do seu Jaime não eram muito estudiosos. Às vezes cinco ou cinco e meia da manhã iam bater na minha casa para que eu terminasse os trabalhos deles. E eu fazia aquilo com a maior satisfação do mundo. Ainda hoje sou amigo deles. Às vezes encontro com eles no aeroporto e é uma festa. Ave maria! Me abraçam! (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

A apurada visão comercial de Ciro Facundo, primeiramente percebida por seu pai, depois pelo Sr. Jaime, proporcionaria a ele ascender profissionalmente na Indústria Ltda., isto é, tornaria possível, no futuro, a alçada de novos voos, a expansão de horizontes e o conhecimento de novos lugares, como o Acre.

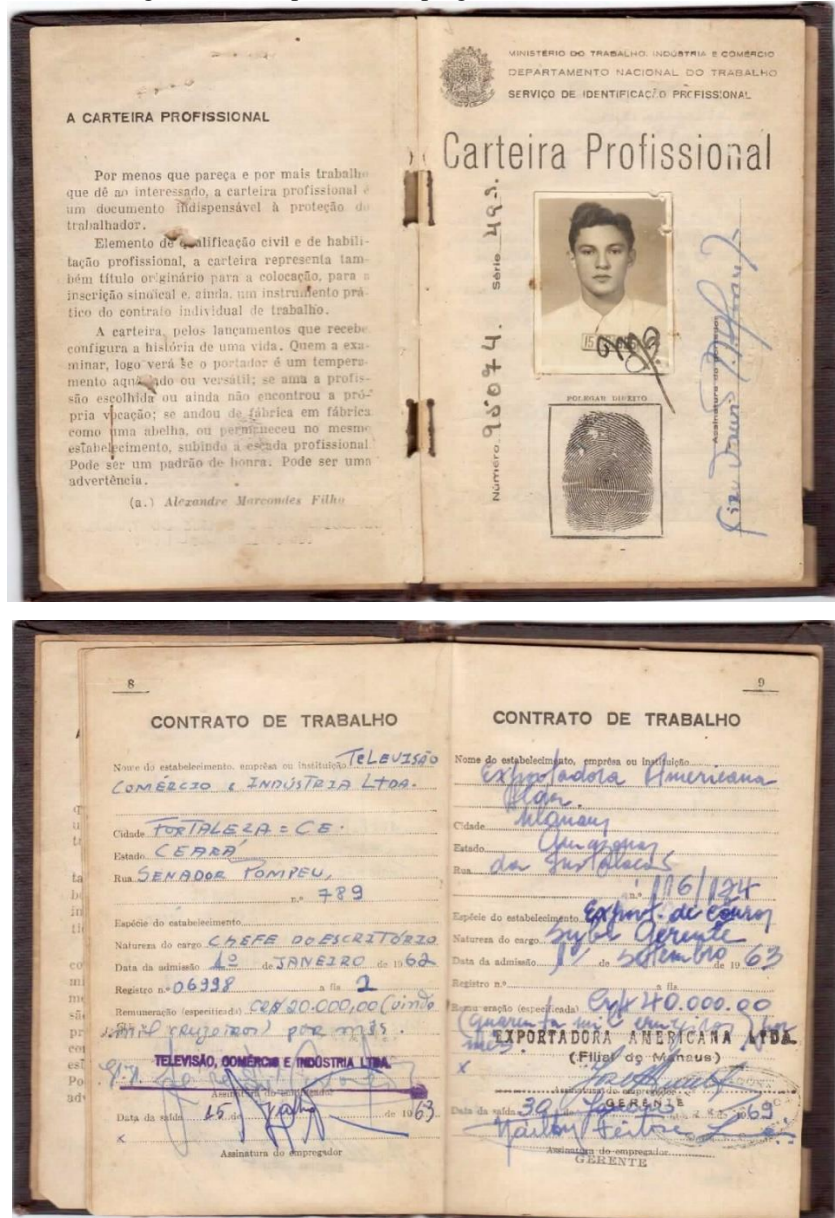
Tal como era nesse período, certamente o interesse pelo trabalho e a disciplina foram e continuam a ser ingredientes de sucesso na trajetória profissional de qualquer pessoa.

É digno de nota que a categoria trabalho aparece substancialmente nessa obra. E isto se dá não porque tal categoria possua caráter superior às outras existentes, e que são passíveis de serem desenvolvidas, mas pela trajetória peculiar de Ciro Facundo, que reconhece o

seus frutos (cocos), a servirem como suplemento alimentar, haja vista possuírem propriedades medicinais. Ainda, das sementes se extrai um óleo útil para a produção de biocombustível e para a indústria de cosméticos Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Baba%C3%A7u>> Acesso em 18/12/2018.

exercício do trabalho em si como útil para aperfeiçoar o caráter do homem e em razão de majoritariamente os procederes de ensinar por ele exercidos terem ocorrido no âmbito laboral.

Fotografia 05 – O primeiro emprego formal (Rio Branco, AC)



Fonte: Arquivo próprio (2019)

2.3. Período escolar em Fortaleza

Tão logo chegou à capital, Ciro Facundo fez o exame de admissão no renomado Colégio Farias Brito. Era como se fosse um vestibular para ingresso no segundo grau de ensino. Por ser um colégio tradicional do Ceará, era difícil o exame. Era o Liceu uma “estrela”, um lugar que inspirava nos municípios muita admiração. Sem o receio de cometer

exageros, Ciro Facundo acredita que quem estava no Colégio Farias Brito praticamente estava fazendo uma faculdade; afinal, muitas das disciplinas desenvolvidas ali vieram a ser próprias das vindouras universidades do estado. Nas palavras de Ciro Facundo:

Era uma espécie de vestibular! O liceu do Ceará era uma “estrela”. Quando se falava em um bom colégio, falava-se no liceu do Ceará. Tinha os melhores professores. Depois do liceu foi quando as faculdades foram criadas. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Durante as pesquisas que fiz a respeito do Colégio Farias Brito, percebi que o prestígio dessa instituição se mantém intacta, quiçá melhorada, já que em 2015, matérias jornalísticas indicam que o a Organização Educacional Farias Brito conquistou o 1º lugar do Brasil 14 vezes. O reconhecimento nacional se dá, dentre outros motivos, pelo projeto pedagógico que visa à formação integral dos alunos, considerados em suas individualidades, seus talentos e suas capacidades e pelo corpo docente altamente qualificado, que produz até o próprio material didático, fatores que, combinados, têm resultado em expressivas aprovações nos vestibulares mais difíceis do país, como o do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e do Instituto Militar de Engenharia (IME). “E o alcance desses resultados extrapola as fronteiras nacionais, pois seus alunos já representaram o Brasil em 44 países e são aprovados nas principais universidades do mundo, como Harvard, Yale, Stanford, MIT, Princeton, entre outras instituições renomadas”, crava o site G1 Notícias¹⁴.

Recorda Ciro Facundo que, no Colégio Farias Brito, possível era ao aluno trilhar um dos seguintes caminhos: curso científico ou curso clássico¹⁵. Respectivamente, compunha a grade curricular do primeiro, matérias como matemática, física e química. O segundo comportava disciplinas como filosofia, latim, português, francês e inglês. Ambos os cursos

¹⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/colégio-farias-brito/noticia/2016/07/farias-brito-em-1-lugar-o-preferido-dos-cearenses-e-o-que-dizem-o-mec-o-ibope-e-o-datafolha.html>>. Acesso em: 12/02/2019.

¹⁵ Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública no período que compreendeu os anos 1942 a 1951, pôs em execução uma série de decretos-lei intitulados Leis Orgânicas do Ensino. Um desses atos normativos afetou sensivelmente o ensino secundário, a saber, o Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942. “O Capítulo II do regulamento reestruturou a seriação do currículo dos estudos secundários. O primeiro ciclo, agora chamado ginásial, teve o seu tempo de duração reduzido para quatro anos. O segundo ciclo passou a ser ensinado em três anos e foi subdividido em clássico e científico. Desse modo, com a supressão do pré-jurídico, único curso em que a Literatura se configurava como disciplina, esta passou a fazer parte dos programas das línguas correspondentes. No curso ginásial, português, latim e francês eram ensinadas da primeira à quarta série e o inglês da segunda à quarta. Já no curso clássico estudavam-se português, latim grego e francês da primeira à terceira série, e espanhol e inglês, optativas na primeira e segunda séries. No curso científico, havia o ensino de português da primeira à terceira série, de francês e inglês na primeira e segunda séries, e de espanhol na primeira série”. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-4-no-4-12010/149-a-reforma-capanema-e-a-hegemonia-do-ensino-de-literatura-sp-1954644368>>. Acesso em: 18/08/19.

duravam, em média, 03 (três) anos. Ciro Facundo optou pelo curso clássico, ante sua afeição pelo campo propedêutico e social. São algumas lembranças deste colégio:

Passei muitos anos no liceu. Fiz ginásial e fiz curso clássico. Antigamente tinha ginásial, científico ou clássico. O científico se preocupava com matemática, física e química, enquanto o clássico era um curso mais destinado pra quem fosse pra filosofia, direito, porque as matérias essenciais do curso eram português, latim, francês, inglês e filosofia. Era um curso muito bom. Depois que eu fiz o clássico foi quando foi aberta a possibilidade de eu fazer uma faculdade. Fiz o clássico porque a minha intenção era um dia fazer Direito. O curso realmente me ajudou, porque português era muito exigido e latim era o terror (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Fotografia 06 - Registro de 1976 do Farias Brito-Aldeota/1 (Fortaleza - Ceará)



Fonte: Blog Fortaleza Nobre (2013)

O rigor metodológico e a dificuldade acima mencionada podem ser observados a partir de uma das histórias vividas por Ciro Facundo no liceu. Lembra-se ele de um professor de latim chamado Jaime, que chegou até a reprovar os próprios irmãos, haja vista estes não terem atingido a média exigida pela escola, para fins de aprovação. Revoltado, um destes irmãos voltou-se contra Jaime com um revólver, ameaçando-o e obrigando-o a aprova-lo na disciplina, sob pena de morte. A respeito desse curioso evento:

Latim era o terror! Tinha um professor chamado Jaime que reprovava até os irmãos! Era “violento” demais o Jaime (risos). Acabou a valentia dele quando ele reprovou seu irmão, um rapaz preparado, que era meu colega de turma. Ele tinha mania de reprovar. Na vez do irmão, contudo, esse chegou na escola e colocou um bruto revólver na cara de Jaime e disse: "agora altere a minha nota e me passe, senão você vai receber uma bala na cabeça". Jaime alterou a nota do irmão. Jaime era professor de latim há muitos anos. Tinha sido seminarista. Viajava muito para a Europa (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Passados os três anos exigidos no colégio Farias Brito, a vida impôs a Ciro Facundo, como de praxe, mais uma escolha: o que cursar no ensino superior.

Em verdade, não se tratava de uma decisão difícil. É que, desde a infância, Ciro Facundo almejava estudar Direito. Portanto, sabendo o que era do seu desejo, ele, que nunca se viu como alguém extremamente estudioso, como bom estrategista empenhou maiores esforços nas matérias que ele sabia que precisaria futuramente no curso de Direito, como português, latim e filosofia evento:

Fiz o clássico porque a minha intenção era um dia fazer Direito. O curso realmente me ajudou, porque português era muito exigido e latim era o terror! Nas matérias que eu ia precisar, eu era mais estudioso. Eu estudei muito latim, muito português, que eram as matérias úteis do curso de Direito. Talvez eu tivesse tido mais sorte se eu tivesse estudado mais filosofia, porque eu gostava muito dessa matéria. Fui professor de Filosofia! Eu dava aula de Filosofia na Escola Normal. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Ante o exposto, pode-se dizer que Ciro Facundo estava pronto para vivenciar um novo plano educacional: o ensino superior.

3 O JURISTA

3.1. O trabalho e a graduação em Direito: um dilema

A adolescência, para Ciro Facundo, não era marcada temporalmente por uma determinada faixa etária. Se experimentada esta etapa da vida sob o estrito cumprimento de uma carga horária laboral, estar-se-ia diante da fase adulta. Era o seu caso.

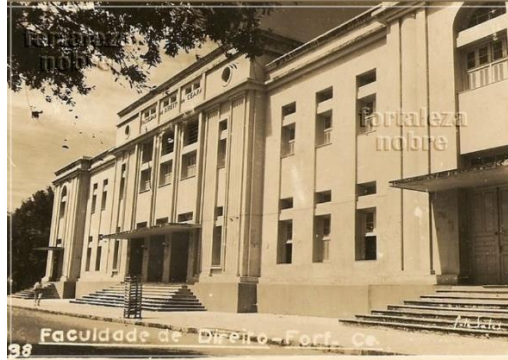
De um homem forte e disciplinado, a Indústria Ltda. soube extrair seu melhor. Não muito tempo depois que começou a trabalhar na empresa, Ciro Facundo passou a ocupar cargos de gerência.

A confiança inerente a estas funções era naturalmente acompanhada por maior carga de trabalho e de responsabilidades. A contraprestação remuneratória crescia em igual modo, por justiça.

Essas circunstâncias consumiram os esforços de Ciro Facundo por razoável tempo. Foi tão só aos 25 anos que ele decidiu prestar vestibular, em Fortaleza, para o curso de Direito. Afinal, o sonho de um dia poder exercer a advocacia como chama viva continuava a queimar em seu coração. “Desde a infância eu queria ser advogado. Eu tinha que ser advogado”, rememora.

A tarefa não era nada fácil: lograr êxito no processo seletivo de ingresso em um dos mais cobiçados cursos da Universidade Federal do Ceará¹⁶. Cabe destacar que a alta concorrência se devia não só à qualidade da instituição, mas também ao fato de que não eram oferecidos muitos cursos à época.

Fotografia 07 - Registro de 1938 da Faculdade de Direito do Ceará (Fortaleza - Ceará)



Fonte: Blog Fortaleza Nobre (2012)

O dia do exame foi marcante. Segundo Ciro Facundo, foi uma “parte folclórica” da sua vida! Na data, infelizmente ele foi reprovado, não logrando êxito no certame. Quando essa notícia chegou ao conhecimento de um grupo ligado à organização do vestibular, que conhecia Ciro Facundo e sua dedicação aos estudos, prontamente foi pensada numa maneira de beneficiar este na próxima oportunidade.

Não pareceu boa aos olhos de Ciro Facundo aquela proposta, contudo. Não era ele afeito à conquista de algo por meios escusos ou que independessem do seu próprio mérito. Nesses termos:

Fiz vestibular em Fortaleza, que é uma parte folclórica da minha vida, porque passar em um vestibular em Fortaleza era coisa difícil. Eu fui reprovado. Aí depois eu me encontrei com ele depois de algum tempo e ele: “Ciro Facundo, olha lá rapaz, eu não sabia que era você, rapaz. Faça o vestibular no ano que vem. Faça que você já está aprovado.” Aí eu não fiz não. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Desta forma, cabia a espera pelo período de um ano, quando outra oportunidade de ingresso na Universidade surgiria. Todavia, essa ideia fora descartada assim que a empresa a

¹⁶ Em dezembro de 1954, por força da Lei Federal n.º 2.373, a Faculdade de Direito foi reunida com a Escola de Agronomia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia e Odontologia, com a finalidade de instituir a Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2012/06/faculdade-de-direito.html>>. Acesso em: 19/01/19.

qual Ciro Facundo sempre foi fiel lhe designou uma missão: expandir as atividades comerciais na região norte, especificamente em Manaus, no Amazonas.

Em verdade, três eram as opções apresentadas a Ciro Facundo à época: Manaus, Belém e Rio Branco. Por indicação da própria empresa, foi para Manaus e lá viveu durante aproximadamente 01 (um) ano. Acerca deste período:

Trabalhei para um mesmo grupo durante 17 anos. Eu poderia estar em Fortaleza, Manaus, Belém ou Rio Branco. Então eu vim primeiro para Manaus. Passei mais ou menos um ano. Aí tivemos um problema em Rio Branco. Aí a direção da empresa disse: "Ciro Facundo, você vai passar uns dias em Rio Branco". Eu não tinha visto ou vindo a Rio Branco. Nunca imaginei morar em Rio Branco, no Acre. Vim para passar uns dois meses, talvez. O movimento de recursos financeiros aqui era muito grande. Era muito dinheiro. Eu vim, passei um mês, e no segundo mês a direção da empresa disse: "Ciro Facundo, vá a Manaus e passe uns 15 a 20 dias, veja tudo e depois volte para Rio Branco". (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Para bem explorar comercialmente a região norte, Ciro Facundo viajava muito de avião. Eram os destinos mais comuns: Manaus, Tefé, Caruari, Unurepé, no Amazonas e as cidades de Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó, Sena Madureira, Rio Branco, Xapuri e Brasiléia, no Acre.

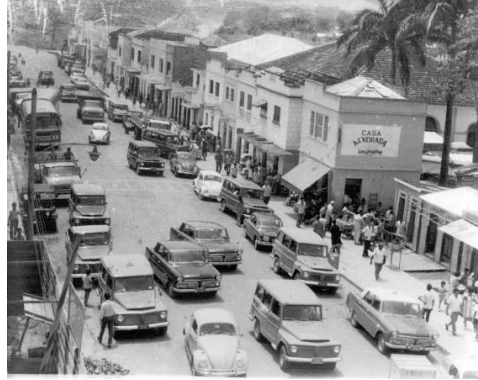
Como no Acre havia uma grande circulação de riquezas, a pedido do dono da Indústria Ltda., Ciro Facundo foi para Rio Branco. Todavia, passados dois meses, o corpo diretor pediu que Ciro Facundo resolvesse uma celeuma empresarial interna em Manaus e, depois, ao término da missão, voltasse em definitivo para Rio Branco. Este último pedido foi cumprido à risca:

Curiosamente, ao longo do tempo em que residiu em Manaus, na primeira oportunidade, Ciro Facundo bacharelou-se em Ciências Econômicas, pela Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas, em 1964. A chegada ao Acre ocorreu nesse mesmo ano!

Aí eu cheguei lá e tinham aberto o vestibular para Ciências Econômicas. Aí eu fiz, passei, passei a fazer Ciências Econômicas. Aí depois me mandaram pra cá - Acre (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Em Rio Branco, Ciro Facundo passou a laborar no setor de exportação da empresa com o Sr. José Nunes, gerente sênior que já trabalhava há anos na “casa”. O comércio acreano era pujante!

Fotografia 08 - Registro da década de 70 do Centro Comercial de Rio Branco (Rio Branco - Acre)



Fonte: Blog Altino Machado (2006)

O cenário promissor cooperava para que Ciro Facundo se acomodasse e deixasse de lado eventuais pretensões acadêmicas; afinal, era reconhecidamente bom administrador e bem pago pelos serviços prestados.

O sucesso econômico, todavia, trazia um preço alto consigo: o caráter nômade, a transitoriedade, a ausência de permanência nos lugares. E Ciro Facundo estava cansado. Imagino que, nesse período, em seu íntimo, indagava-se quando se tornaria aquilo que sempre sonhou ser: um advogado. “Desde a infância eu queria ser advogado. Eu tinha que ser advogado um dia.”, rememora. Esse era o sentimento que carregava consigo.

O momento “divisor de águas” na trajetória profissional de Ciro Facundo ocorre quando da criação, no Acre, da Faculdade de Direito, e da oferta, nesse mesmo marco temporal, pela direção da empresa na qual trabalhava, do seu retorno para Fortaleza, no seu querido Ceará, para administrar a empresa “Curtume de Assimpelcro”. Tratava-se de um verdadeiro dilema! Por um lado, surgia o Direito como caminho necessário a ser percorrido para que seus sonhos pudessem se concretizar. De outro, a possibilidade de voltar ao convívio de familiares e amigos de longa data, ser bem remunerado e reatar vínculos com a terra natal.

Embora a nova proposta de trabalho feita à época fosse, aparentemente, bem atraente, convém lembrar que Ciro Facundo estava cansado das constantes mudanças. Em certo grau, também já havia afeiçoando-se ao Acre. O surgimento da Faculdade de Direito, então, veio a eliminar qualquer sombra de dúvidas, fazendo com que a “balança” pendesse para sua permanência nas terras acreanas:

Trabalhei 17 anos em um mesmo grupo. E saí porque quis. Quando eu fui sair, aí queriam que eu voltasse para Fortaleza. Eu digo: “não, agora não volto não. Todo ano eu perco um ano”. Aí eu me lembro bem que o meu patrão, o que era o chefe mesmo, Cavalcante, disse: “Ciro Facundo, olhe: tá aqui meu endereço, meu telefone. No dia em que você quiser vir embora para Fortaleza, você ligue pra mim que no mesmo dia eu mando passagem, dinheiro, pra você voltar”. Eles queriam que eu fosse administrar. Eu era administrador considerado bom. Ele queria que eu fosse dirigir uma indústria de couro lá, chamada “Curtume de Assimpelcro”, que era um negócio bom. Mas eu não aceitei mais. Preferi ficar aqui. Digo: “Já estou há muito tempo fora do Ceará e chego pra começar tudo de novo lá. Esse é outro ambiente, outra cultura. Vou ficar aqui. Se me der vontade e vocês me quiserem, eu volto. Mas agora não. Não vou voltar agora. E realmente não voltei”. Aí fiquei aqui. Foi quando abriram a faculdade também. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Um sonho nutrido desde tenra idade, ser advogado passou a ser algo completamente possível, assim. E logo em seus primeiros passos, no ambiente universitário, Ciro Facundo revelou ter ainda consigo essa chama acesa.

O quanto pude, terminei advogado. Me lembro bem que eu passei um telegrama pro meu pai no dia em que me formei. “Meu pai, seu filho é advogado”. Ele também tinha vontade que eu fosse advogado. Achava que era bonito ter na família um advogado. Minha família era muito grande, doze irmãos (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Em 1971, Ciro Facundo concluiu o bacharelado do Curso de Direito da UFAC.

3.2. A trajetória como operador do Direito

3.2.1. A advocacia.

O contato que Ciro Facundo veio a ter com a advocacia tem início durante sua graduação. Em certo momento do curso de Direito, decidiu estagiar com renomados advogados da época, oportunidade que lhe permitiria o aperfeiçoamento de atributos que já lhe eram inerentes, como a oratória e a humildade.

Pode-se afirmar que a escolha por um escritório de advocacia, para fins de obtenção de aprendizado, era um caminho natural a ser percorrido, quiçá quase necessário, ao tempo da formação de Ciro Facundo. É que não só ele nutria especificamente o desejo de ser advogado, conforme fora destacado anteriormente, como a advocacia, naquele período, dentro da incipiente estrutura do sistema de justiça acreano, era uma das carreiras mais rentáveis (à

época o funcionalismo público, embora sempre prestigiado, não era tão atrativo financeiramente¹⁷) e que contava com muita visibilidade junto à sociedade.

Nessa fase, então, juristas como o Dr. Aury Félix de Medeiros, um dos professores fundadores do curso de Direito da Universidade Federal do Acre – UFAC, pavimentaram o caminho de Ciro Facundo na advocacia, ensinando-o desde aspectos técnicos, como o zelo a ser empregado na elaboração das petições processuais, como o bom trato para com as pessoas a partir de um espírito solícito:

No terceiro ou quarto ano do curso de Direito eu militava um pouco na advocacia através de advogados. Tinha um advogado que me ajudou muito: Aury Félix de Medeiros. Se eu tivesse alguma questão, levava até ele e perguntava se ele poderia me ajudar. Ele dizia: "eu ajudo!". Ele ajudava e cuidava das petições. Era muito preparado. Foi meu professor na faculdade. Era bem inteligente, bem metucioso. Uma petição ele lia dez vezes. Foi com ele que eu comecei a assinar as petições. Depois tinham outros colegas que me ajudavam. O número de advogados era pequeno (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

O ambiente de mútua cooperação permitiu com que Ciro Facundo aprendesse bastante!

O caso acima bem ilustra como acontecimentos podem fundar mentalidades e soldar gerações, como sob o impulso de uma personalidade excepcional ou à convergência de vários fatores contingentes, uma geração abre uma passagem em alguma direção que descortina novas perspectivas e enriquece o conhecimento de outra geração (SIRINELLI, 2003).

Pelas referências carregadas de afetividade, essencialmente positivas, embora a geração anterior naturalmente desapareça, “ela mergulha na inconsciência da memória coletiva, onde continuará no entanto a exercer alguma influência insuspeitada” (SIRINELLI, 2003, p. 449).

Enquanto solicitador acadêmico, antiga nomenclatura para estagiário, Ciro Facundo atuou em diversas áreas do Direito, ora tramitando pela esfera cível, ora em trabalhos no campo penal, o que lhe conferiu respeitável experiência.

Quando do término da sua graduação, já formado, Ciro Facundo construiu um escritório simples, mobiliado com poucas peças em madeira. Diferentemente do que se vê nos

¹⁷ Apenas a título de exemplo de como a valorização remuneratória ocorreu ao longo do tempo, o gasto médio da União com cada funcionário do Poder Judiciário mais do que dobrou desde 1995 – o crescimento foi de 112% em valores atualizados, já descontada a inflação do período, segundo dados do Boletim Estatístico de Pessoal, do Ministério do Planejamento. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/servidor-da-justica-custa-a-uniao-112-mais-em-20-anos/>>. Acesso em: 22/02/19

tempos atuais, em que, em regra, profissionais unem-se em sociedade para o exercício da advocacia, **Ciro Facundo** fez a opção de começar sozinho:

Comecei sozinho. Sem serviço público. Montei meu escritório na Marechal Benjamin Constant e comecei a advogar. Tem uma coisa até interessante: eu não tinha nada! O mobiliário do meu escritório foi eu quem ajeitei. Eu consegui umas tábuas bonitas, bem laminadas, e aí botava uns dois ou três tijolos. Ficou bonito! Era o meu escritório (série de entrevistas com **Ciro Facundo** - arquivo pessoal; 2018).

Tal como fizera à época como estagiário, **Ciro Facundo**, agora advogado, também laborava em diferentes áreas do Direito. Mas foi a seara criminal que lhe rendeu maior notoriedade enquanto profissional. O conhecimento técnico aliado à sua habilidade ímpar com o manejo da palavra, oral ou escrita, foram chamariz para clientes, cujo número rapidamente aumentava. Essas características não passaram despercebidas por diversos veículos da imprensa, sobretudo tempos depois, quando do período em que decidira candidatar-se a deputado federal pelo Acre (etapa da vida de **Ciro Facundo** que será abordada em tópico específico desse trabalho):

Fotografia 09 – Homem de grandes dotes de oratória (O JORNAL, edição n.º 00058, de 17.07.1978, p. 14)


ADVOGADOS — Dois advogados pleiteiam pela Arena uma das cadeiras da Câmara Federal, em novembro: José Walter Martins, vitorioso dirigente do Banco do Estado do Acre, tributarista, desportista que teve suas glórias no passado, e ex-professor do ensino médio; o criminalista **Ciro Facundo de Almeida**, assessor jurídico do Banco do Estado, professor universitário, inteligente, culto, e dotado de grandes dotes de oratória. São duas forças jovens e de prestígio, em suas áreas, e que merecem o veredito popular.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Aqui fica marcada que o elemento indexador para a candidatura de **Ciro Facundo** está posto na sua trajetória como professor, advogado e dono de uma capacidade reconhecida no meio político, a oratória.

Fotografia 10 – Criminalista brilhante (O JORNAL, edição n.º 00061, de 07.08.1978, p. 15)

EM TEMPO DE RENOVAÇÃO. Em meio a grande número de políticos (anotamos os nomes de Joaquim Falcão Macedo, Jorge Kalume, Guiomard Santos e de elementos da alta cúpula da Arena) o advogado **Ciro Facundo de Almeida** lançou, oficialmente, em uma festa de conagração político realizada em sua residência, na semana passada, sua candidatura à Câmara Federal pela Arena. Criminalista brilhante **Ciro** foi o principal estruturador e dinamizador da Procuradoria da Justiça e exerce, na atualidade, as funções de Procurador Geral do Banco do Estado do Acre. Por sua competência **Ciro Facundo** desponta como um candidato altamente capaz de representar o Estado.



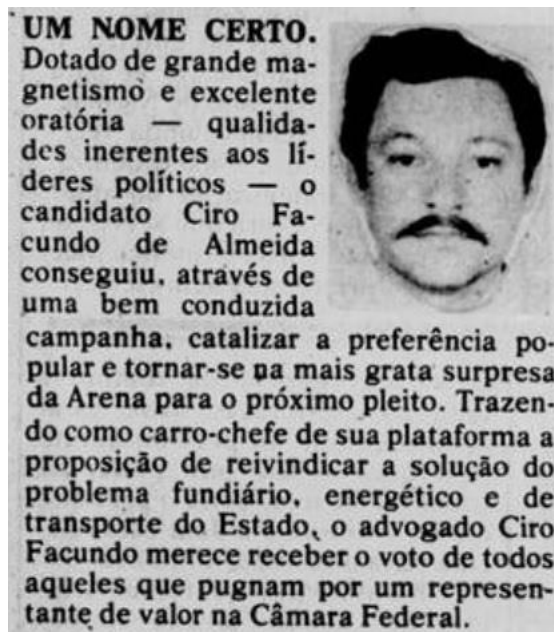
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

O modo como o autor da matéria posiciona a figura de **Ciro Facundo** é bem interessante, se considerarmos que dois¹⁸ dos sujeitos da nominada ‘alta cúpula da Aliança Renovadora Nacional (Arena)¹⁹ já haviam governado o Acre e o último da lista governaria o estado acreano pelo período de 1979 a 1983. **Ciro Facundo** integra, portanto, na ARENA, uma posição de muito respeito junto aos seus pares.

¹⁸ Informações sobre a trajetória política de Guiomard dos Santos e Jorge Kalume podem ser acessadas no portal da Câmara Federal. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/130813/biografia>>. Acesso em 20/08/19.

¹⁹ Após a edição do Ato Institucional nº 2 (AI-2), em 27 de outubro de 1965, por Castello Branco, que extinguiu e cancelou os registros dos partidos políticos em vigor à época, em atenção às exigências do Ato Complementar nº 4 (ACP-4), foi criada a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). O partido tinha em sua base políticos oriundos, sobretudo, da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Social Democrático (PSD). Entre seus nomes mais ilustres estavam Eurico Gaspar Dutra, José Magalhães Pinto, Jarbas Passarinho, Plínio Salgado e Filinto Muller. Como partido da situação, a ARENA compactuou com as decisões tomadas pelo poder Executivo, dando a fachada legalista de que os militares necessitavam para justificar suas ações. De 1966 a 1983 o Acre foi governado por políticos filiados à ARENA. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/alianca-renovadora-nacional-arena/>>. Acesso em 20/08/19.

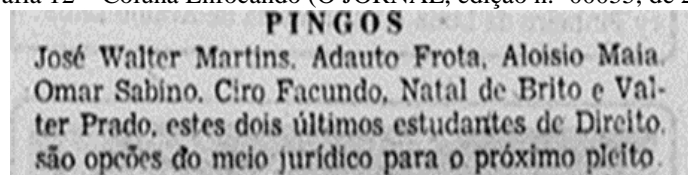
Fotografia 11 – Profissional de excelente oratória (O JORNAL, edição n.º 00072, de 30.10.1978, p. 21)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

A imprensa anunciava, de várias formas a possibilidade de **Ciro Facundo**, junto com outros membros da sociedade local, vir a concorrer a cargos eletivos.

Fotografia 12 – Coluna Enfocando (O JORNAL, edição n.º 00055, de 26.07.1978, p. 13)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

A ação político partidária de **Ciro Facundo** não o fazia abandonar a atividade advocatícia, ao contrário, ela era de fundamental importância para o desenvolvimento de sua carreira como professor e como político.

“Eu comecei a fazer júris. Como eu tinha muita facilidade em falar, minha atividade me trouxe muitos clientes”, afirma. Nessa esteira, não tardou para que, depois, se mudasse para um escritório maior.

Desse modo, reputa Ciro Facundo a fase da advocacia que vivera como muito boa. É a esse período que ele atribui a dádiva de ter obtido a quase totalidade do seu acervo patrimonial. Reconhecido como excelente criminalista, orador e tribuno também por seus pares²⁰, quase todos os grandes júris da cidade de Rio Branco foram feitos por ele, e os do interior, quando os valores envolvidos eram significativos. Dispensava-se quaisquer formalidades quanto à apresentação de sua pessoa nos eventos da comunidade jurídica da época, tamanha era sua fama, como se verifica nos recortes abaixo:

Advoguei, e foi uma fase muito boa. Eu até digo que a minha vida, no que eu ganhei mais na minha vida, foi na advocacia, né?! Eu tinha uma boa banca de advocacia, porque tinham poucos advogados. E eu fazia crime, eu era criminalista. E era considerado bom (não sei eu era bom, mas os outros acreditavam). E eu terminei, todos os grandes júris da cidade de Rio Branco foram feitos por mim, e também do interior, aqueles que eram milionários, então eu fazia. Eu me dei muito bem na carreira. Angariei excelente clientela. Acho que em uma época o escritório com maior clientela era o meu. E eu era muito dedicado, também. E o tempo foi passando, eu fui criando fama (porque a advocacia também precisa de fama) e até que passei na magistratura.

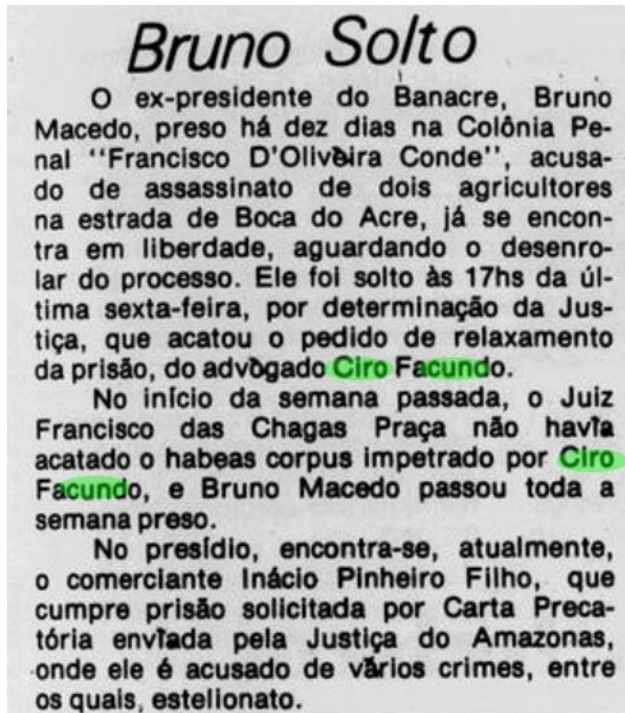
Olhe, tudo que eu tenho hoje veio da advocacia criminal. Eu era realmente procurado. Eu me lembro que houve caso, aqui, de um crime meio bárbaro e perguntavam: "quanto você vai cobrar?". Eu vou cobrar cinco mil. "Mas fulano faz por dois". Eu dizia: "então vá com ele, que ele é bom, excelente advogado". Depois o cara voltava e dizia: "olhe Dr., disseram que não adiantava não..." (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

A notícia relativa ao relaxamento da prisão de um ex-diretor do Banco estadual, expressa a importância que tinha o escritório de advocacia de Ciro Facundo. Era ele o indivíduo requerido para casos como o noticiado no jornal O Repiquete²¹.

²⁰ O atual presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Acre (TJAC), Francisco Djalma, cuja entrevista integra parte desse trabalho, afirma que "Ciro Facundo impressionava muita pela retórica; era um discurso que não cansava, não era algo enfadonho ou sisudo". Para o desembargador Samoel Evangelista, também componente do TJAC, na década de 70 "Ciro Facundo já era muito conhecido" (série de entrevistas com Ciro Facundo Facundo - arquivo pessoal; 2018).

²¹ "A terceira fase da história dos jornais acreanos tem início em 1969 com a criação do Jornal O Rio Branco, filiado aos Diários Associados de propriedade do lendário Assis Chateaubriand. Com a criação deste jornal se inicia a fase dos jornais diários e uma maior estabilidade dos títulos em circulação, bem como um maior profissionalismo, no fazer jornalístico. Logo foram criados outros títulos como "A Gazeta do Acre" (que inicialmente se chamava Repiquete)". Disponível em: <<https://agazetadoacre.com/imprensado/>>. Acesso em: 20/08/19.

Fotografia 13 – Soltura (Jornal REPIQUETE, edição n.º 00027, de 29.07.1985, p. 7)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Outro caso que se tornou célebre na memória local, foi o processo judicial que, ainda hoje, permeia as lembranças de muitas pessoas que conviveram com **Ciro Facundo**: o “caso dos castradores”. Tratava-se de um crime bárbaro, que envolvia uma família da sociedade acreana. Revela o caso que um místico, a pretexto de desenvolver trabalhos espirituais, encontrou-se com mulheres integrantes dessa família e com elas, em dado momento, teve relações sexuais. Quando a família soube do ocorrido, o patriarca e seus filhos levaram o místico até a zona rural (hoje, onde se situa o bairro Vila Ivonete) e lá o castraram. Depois, a vítima foi colocada em uma carroça em frente à Igreja de Santa Inês. No período, segundo **Ciro Facundo**, os noticiários praticamente só discorriam acerca desse fato. **Ciro Facundo** foi contratado para exercer a defesa dos réus, quais sejam, aqueles que levaram o místico a óbito. O trabalho exercido por **Ciro Facundo**, no caso, culminou na absolvição dos acusados:

Outro júri que entrou para história foi um que ocorreu em Rio Branco. Foi o "crime dos castradores". Três pessoas, entre eles algum parentesco, que mataram um cara e o castraram. Em seguida, jogaram em frente à Santa Casa de Misericórdia os testículos dele. Rapaz, lotou aquele lugar onde é hoje o Palácio da Justiça. Você sabe que júri é teatro. Eu fiz o meu teatro e absolvi todos os três. Por cada tese, absolvi um (legítima defesa própria; de terceiro e da honra). Houve recurso tudo. Quando veio o segundo ou terceiro júri (houve muito júri por causa disso), eu já não advogava mais... estava na

magistratura já (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Quase 50 anos depois, aquele evento ainda é lembrado pela imprensa:

A minha inspiração para essa forma punitiva ocorreu-me em razão de um episódio que havia acontecido em Rio Branco, no Acre, na década de 1970, quando eu lá estava a serviço da revendedora Caterpillar. Naquela época, chegou a Rio Branco certo bruxo-vidente, não sei de qual procedência, que montou sua banca de consultas na cidade e tornou-se muito popular entre as senhoras locais. Das consultas esotéricas o bruxo passou a levar as senhoras para a cama, seduzindo mais de uma dezena delas, algumas de famílias tradicionais. Pelo excesso de confiança, o bruxo terminou por seduzir uma menor, filha de uma das senhoras que frequentavam a sua alcova. Esse seu pecado de Vladimir Nabokov constituiu a sua perdição. A mãe da jovem, profundamente ressentida, contou tudo ao marido, cidadão da alta sociedade rio-branquense. Foi o bastante para que os maridos das supostas senhoras seduzidas pelo bruxo se unissem e idealizassem um projeto de exemplar justicamento do indigitado, com requintes de humilhação e crueldade.

Os envolvidos no caso tiveram o cuidado de recrutar um conhecido sodomita e um notório castrador de animais. Em determinada noite, pegaram o bruxo em casa e o levaram para um local ermo da estrada entre Rio Branco e o distrito do Quinari (atual município de Senador Guiomard), onde o entregaram primeiro aos cuidados do sodomita e, depois, ao exímio castrador de animais. A emasculação do indivíduo foi conduzida com todos os cuidados necessários, pois os cidadãos eminentes não desejavam a sua morte, queriam apenas justicá-lo pelos seus atos de libidinagem de forma que ele nunca mais pudesse reincidir em tal prática. Encerrada a castração, trouxeram o bruxo de volta à cidade e o deixaram nas proximidades do hospital para que fosse socorrido. O bruxo foi de fato socorrido, mas não resistiu à hemorragia e faleceu. No processo decorrente do episódio foi sempre omitido o detalhe da participação do sodomita que participou da punição do bruxo... (trecho da coluna de Matias Mendes no jornal rondoniense *Gente de Opinião*, em 11 de julho de 2012).²²

Recorda Samuel Evangelista, desembargador do TJAC cuja convivência com Ciro Facundo será posteriormente tratada, com detalhes, neste trabalho, que acompanhava ainda adolescente pelas janelas da antiga sede do Tribunal de Justiça do Acre (hoje, o museu deste Tribunal), onde também sucediam sessões do júri, o desenrolar do referido caso, que a atuação brilhante de Ciro Facundo, caracterizada por uma fala bem empostada, hábil a convencer, foi um grande incentivo para que ele viesse a cursar Direito anos depois. *In verbis*:

Ainda na década de 70, o Tribunal funcionava quase com toda sua estrutura ali onde é hoje o Museu do Tribunal de Justiça. Eu estudava na antiga Escola

²² Disponível em: <<https://www.gentedeopiniaio.com.br/colunista/matias-mendes/ameacas-o-pistoleiro-assustado>> . Acesso em: 21/03/19.

Normal Lourenço Filho e quando eu saía da aula, no período da noite (eu era adolescente), não raro eu passava ali, onde era a sede do Tribunal de Justiça porque as sessões do júri funcionavam ali. E não raro eu via, ficava da janela (não entrava) ouvindo o desempenho do então advogado, que era talvez o mais famoso aqui no Acre naquela época, o Ciro Facundo. O Ciro Facundo sempre foi um grande tribuno. Ele reconhecidamente era tido como o advogado que era um excelente tribuno e todos os admiravam. E me marcou nessa época um caso que chamou muito a atenção de todo o Estado do Acre que foi um crime aqui ocorrido envolvendo a família Moraes (...) O caso chamou muita atenção. O Ciro Facundo foi então contratado para a Defesa dessas pessoas. Ele fez um trabalho tão bom, que chamou a atenção, e o resultado foi que essas pessoas acusadas findaram absolvidas. Foi a primeira coisa que talvez tenha me despertado para o Direito: essa atuação do Ciro Facundo como advogado dessas pessoas, num crime que era realmente bárbaro, que chamou a atenção, mas que com toda sua capacidade ele convenceu os jurados e os acusados findaram absolvidos. (entrevista com Samoel Evangelista - arquivo pessoal; 2018).

De fato, a repercussão em torno desse caso foi muito grande. Atiçado pela curiosidade, indaguei Ciro Facundo, então, se ao longo da sua carreira como advogado ele teria ultrapassado a quantia de cem júris, ocasião na qual ele prontamente disse que sim.

Ora, é um feito notável! A uma, porque a vara do júri quando comparada às demais que não lidam com crimes contra a vida possui um número muitíssimo menor de processos, em regra; a duas, porque os acusados que não possuem recursos financeiros para pagar um advogado ou suportar as custas de um processo sem prejuízo do próprio sustento ou de sua família – e são muitos! - são atendidos pela Defensoria Pública (à época, o serviço era desenvolvido pela Procuradoria de Assistência Judiciária, parte componente da Procuradoria Geral do Estado). Logo, o fato de Ciro Facundo ter ultrapassado o número de cem atuações no júri revela que ele era umas das principais referências da advocacia criminalista do Acre, no período.

Por outro lado, ele lamenta profundamente o fato de não ser um “bom registrador” e não ter mantido consigo cópias ou matérias produzidas sobre os casos nos quais trabalhou.

Por justiça, é importante destacar que os elementos que conduziram Ciro Facundo ao sucesso profissional não surgiram abruptamente; antes, foram trabalhados com afinco no decurso do tempo. O conhecimento técnico, por exemplo, adveio do convívio com outros profissionais do Direito e do dedicado estudo às leis, revela Ciro Facundo. A habilidade no falar, por sua vez, em parte pelos ensinamentos do líder da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado (essa questão será mais detalhadamente abordada no tópico referente à experiência política de Ciro Facundo).

Não menos importante era a compreensão que Ciro Facundo tinha da função da Defesa no sistema de justiça. Sabia que “a advocacia não é profissão de covardes”, como diria Heráclito Fontoura Sobral Pinto; que o profissional deveria estar sempre apto a salvaguardar os direitos do defendido. Anos depois, como juiz, diria aos seus colegas “Você tem que saber as razões que levaram a pessoa a cometer o crime”. “Ah, matou alguém. Pronto. Vai condenar? Não! Você tem que saber as razões...”.

Como se percebe, então, Ciro Facundo impunha paixão e esforço no cumprimento de cada objetivo. Assim foi nos tempos em que limpava o armazém de seu pai antes da ida à Escola Normal, assim continuou a ser em todas as demais coisas. Certamente, esse também foi um fator positivo que o moldou enquanto intelectual e o fez ser admirado por muitas pessoas.

Ante os grandes feitos, tratando-se de alguém que militou na advocacia, de 1971 a 1986, a fama de Ciro Facundo o precedia no universo jurídico, algo que não se esvaiu quando do seu ingresso na magistratura²³ acreana.

3.2.2. A magistratura.

Diferentemente da advocacia, que era um antigo projeto de vida, a magistratura para Ciro Facundo se apresentou como carreira profissional interessante em determinado momento. Num certo dia, pela manhã, ao abrir o jornal, deparou-se com o anúncio de concurso público para vagas de juiz²⁴ no Acre. Na oportunidade, disse imediatamente para si: “Eu vou fazer”.

Recordo que quando da realização da entrevista que contemplou esse assunto, motivado pela curiosidade, não contive o ímpeto de interrompê-lo e indagá-lo acerca do porquê da mudança, de especificamente desejar ingressar na magistratura num momento em

²³ A magistratura é a carreira de Estado que tem a atribuição constitucional de administrar Justiça no exercício do Poder Judiciário. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/185/edicao-1/magistratura>>. Acesso em 21/04/19.

²⁴ A trajetória do profissional que ingressa nos quadros da magistratura foi bem explicada pelo Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul. Vejamos: “Todo magistrado começa a carreira como juiz substituto, depois de ser aprovado em concurso de provas e títulos e, de acordo com a Emenda Constitucional nº 45/2004, deve ter, no mínimo, três anos de atividade jurídica. Cabe ao juiz substituto atuar não só em situações de ausência do juiz titular, mas também em conjunto com este último para adquirir experiência. Um juiz deixa de ser substituto quando é promovido, e passa a ser juiz de Direito de 1ª entrância, quando atuam em cidades de menor porte e são responsáveis por todos os processos da localidade. Após são promovidos para juiz de Direito de 2ª entrância, em que, em cidades de maior porte, atuam com outros juizes, mas cada um com determinada área especializada. No terceiro grau na escalada da carreira são promovidos a juiz de Direito de entrância especial (...) Finalmente, como último degrau, a promoção é para desembargador do Tribunal de Justiça”, por merecimento ou por ordem de antiguidade. Disponível em: <<https://tj-ms.jusbrasil.com.br/noticias/3057335/conheca-o-judiciario-conheca-a-carreira-de-juiz>>. Acesso em 21/04/19.

que já consolidara uma respeitável e rentável posição no mundo jurídico acreano enquanto advogado. Na oportunidade, essas foram suas palavras:

Na magistratura foi assim: meu ideal sempre foi a advocacia, mas eu já estava ficando velho e já estava passando o prazo de concurso. Aí eu estou num dia e abro o jornal e tem um concurso pra juiz. Aí eu digo: “Eu vou fazer”. Aí tentei me inscrever, mas aí eu tive medo. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Mesmo que não tenha enfrentado o tema com muitos detalhes na resposta, é necessário destacar, nesse momento, que Ciro Facundo, a essa altura da sua vida profissional, para além da advocacia, já tinha ocupado vários cargos privativos da área jurídica, tais como a assessoria jurídica do Banco do Estado do Acre (BANACRE), a chefia da Procuradoria-Geral do Estado e a Procuradoria-Geral de Justiça do Ministério Público (fases que serão estudadas em tópicos próprios, nesse estudo).

Em verdade, a trajetória de Ciro Facundo transcende a própria esfera do Direito (foi Secretário de Segurança Pública e candidato a deputado federal, por exemplo), suscitando o válido questionamento do que verdadeiramente o movia ou o instigava a aceitar tais desafios.

Quando do ato de inscrição no referido certame público, Ciro Facundo foi acometido por um medo súbito:

E se eu não for passar, o que vão dizer de mim? “Esse advogado só quer ser o que não pode. Fez concurso e não passou”. Vai acabar minha carreira de advogado. Aí eu não fiz o concurso. Aí fui pra Fortaleza. Passei um mês em Fortaleza. Estava de férias. Quando eu voltei, reabriram o concurso (tinham suspenso), aí eu digo: “agora eu faço”. Fiz. Passamos três nesse concurso. Eu, tirei o primeiro o lugar; Feliciano tirou o segundo lugar; e Arquilau tirou o terceiro lugar. Aí entramos os três no mesmo dia na magistratura. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Se tratava de um receio quanto ao dano à sua imagem, em caso de fracasso. Ele acreditava realmente que o eventual insucesso poderia pôr fim à sua carreira de advogado! Como ele foi tomado por esse pensamento a ponto de decidir não prestar o concurso?

Com muita surpresa, confesso, recebi essa informação. Como poderia um advogado bastante renomado, que ocupara cargos tão relevantes na estrutura jurídico-administrativa estatal, questionar o “fim da sua carreira” em razão de um eventual insucesso em um concurso público? Este desfecho seria por demais forçoso, inábil a retirar-lhe os louros pelos feitos alcançados, certamente.

Revela-se, nesse momento, uma fragilidade outrora não evidenciada na série de entrevistas: o medo, sentimento tão peculiar ao ser humano, que situa Ciro Facundo num plano transitável por todas as pessoas. De todas as oportunidades profissionais que ele teve em vida, essa foi a primeira deliberadamente recusada por ele com base no receio em não lograr êxito e comprometer a imagem já construída.

Para o combate a qualquer sentimento de remorso à oportunidade declinada, remédio foi a estadia em Fortaleza, eterno porto seguro e refúgio mental de Ciro Facundo. Em gozo de férias, passou um mês na cidade. Ao retornar para Rio Branco, soube que o supramencionado concurso estava suspenso e que o prazo para inscrição iria ser reaberto. Para uma nova oportunidade, um novo sentimento! “Agora eu faço”, cravou Ciro Facundo. Três pessoas lograram êxito nesse certame, ocorrido em 1986. Ele, contando com 48 anos de idade no período, obteve a primeira colocação; Feliciano Vasconcelos²⁵, a segunda; e Arquilau de Castro Melo²⁶, o terceiro lugar. Os três colegas entraram em exercício na magistratura no mesmo dia.

Não houve muitas edições anteriores a esse concurso. Antes do ingresso de Ciro Facundo e seus novos colegas, o quadro de juízes no Acre era muito pequeno. De concursos anteriores saíram, por exemplo, Jorge Araken Faria da Silva, Jader Bauzeiras, Dr. Álvaro de Brito Viana e Romeu César Leite.

É curioso notar que a magistratura no Acre, embora tenha sempre preservado as qualidades de autoridade e prestígio, não era uma carreira atrativa sob o prisma financeiro na época do ingresso de Ciro Facundo e seus antecessores e assim permaneceu durante considerável tempo.

Igualmente a universidade não remunerava bem seus membros, o que proporcionava a saída de alguns de seus ilustres acadêmicos. Lembra Ciro Facundo, docente da UFAC desde 1974, que seu colega, o Desembargador Jorge Araken²⁷, homem de muita cultura, que

²⁵ Feliciano Vasconcelos de Oliveira (1942-2018), concluiu seu bacharelado em Direito na Universidade Federal do Acre (UFAC), no ano de 1972. Sua história na magistratura iniciou quando foi empossado no cargo de Juiz de Direito Substituto, em 1986. No ano seguinte, foi promovido pelo critério de merecimento ao cargo de Juiz de Direito da Comarca de Xapuri. Durante esse período também respondia pela Comarca de Brasília. Alcançou, por merecimento, o cargo de desembargador e passa a compor a Corte Acreana em 1999. Disponível em: <<https://www.tjac.jus.br/noticias/nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-desembargador-feliciano-vasconcelos/>>. Acesso em 21/04/19.

²⁶ Arquilau Melo formou-se em Direito na Universidade Federal do Acre (UFAC) em 1980. Ele ingressou na magistratura acreana em 1986 e foi o idealizador e coordenador do Projeto Cidadão, uma das grandes ações sociais do Poder Judiciário Acreano. Não chegou a ser aluno de Ciro Facundo na UFAC. Disponível em: <<https://www.tjac.jus.br/noticias/desembargador-arquilau-melo-se-despede-do-tribunal-de-justica-acreano-apos-27-dedicados-a-magistratura/>>. Acesso em 21/04/19.

²⁷ Bacharel em Ciências Jurídicas Sociais pela Faculdade Nacional de Direito, Jorge Araken Faria da Silva é desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Acre e professor jubilado da Universidade Federal do Acre.

lecionava Direito Processual Civil também na universidade, quis deixar a instituição certa vez pelos motivos expostos. Esse ato somado a outras reivindicações possibilitou o implemento de uma melhor política remuneratória. O mesmo sucedeu com a magistratura, carreira a qual Ciro Facundo se afeiçoou rapidamente, pois o ambiente de trabalho era muito bom. O tribunal incentivava a capacitação dos seus membros, principalmente com estudos fora do Estado, se preciso fosse. A respeito desses eventos, assim afirmou Ciro Facundo:

Realmente não era tão atrativo em termos financeiros. Não. Eu me lembro que o Desembargador Araken (que tinha cultura), quis deixar a faculdade porque estava ganhando muito pouco. Aí foi aquele movimento... e acho que andaram aumentando o salário. Mas era um homem muito culto, que achava que aquilo era muito pouco para ele. Mas o clima era muito bom. Em termos de viver na corte, era muito bom. Tinha muita viagem, sempre que foi possível fazer viagens, depois melhorou mais ainda, porque autorizaram a realização de cursos fora. Eu não tinha muitas opções, porque aqui era a única opção que tinha. Voltar pro Ceará, não. Nunca pensei em voltar. Até hoje tenho meus vínculos no Ceará. Quase toda minha família mora lá. Mas eu mesmo nunca tive o ânimo de voltar. Me adaptei aqui e tal. Já cheguei com os dois filhos aqui (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Da análise do trecho supramencionado emerge a constatação de que o que atraía Ciro Facundo a ocupar certos espaços, primariamente, não era a remuneração ínsita ao cargo, mas a relevância social aí existente. Se assim não fora, teria ele permanecido com dedicação à advocacia, profissão através da qual ele reconhece, ainda nos dias atuais, que viabilizou toda a formação do seu patrimônio material.

Também, no referido trecho, digno de nota é que, mais uma vez, Ciro Facundo, com sentimento de pertencimento, reafirma sua ligação profunda com o Acre, escolhendo esse lugar para desenvolver o restante da sua vida profissional.

Como magistrado, Ciro Facundo iniciou o exercício da judicatura na 2ª Vara Criminal da Comarca de Rio Branco. A seguir, foi promovido para a Comarca de Cruzeiro do Sul, da qual foi titular das Varas Criminal e Cível.

O início da carreira de Ciro Facundo foi marcada pela mudança para Cruzeiro do Sul. Neste novo espaço, ele residiu e trabalhou durante quase 2 anos. Reputa o tempo como excelente, quando indagado a respeito. No que tange às matérias, nada lhe era novidade, ante a experiência obtida no tempo da advocacia. Nesse sentido:

Eu fiquei uns dois ou três meses aqui (Rio Branco) e depois fui pra Cruzeiro do Sul. Lá eu passei quase dois anos. Foi excelente. Eu acumulava atribuições tanto no cível como no criminal. Foi muito bom na época. Eu conhecia de tudo. A grande vantagem minha é que eu fui advogado por muitos anos e nada daquilo que traziam para mim era novidade, né?! (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Todavia, valer-se do elemento autoridade era, enquanto magistrado, um fator novo para Ciro Facundo. No entanto, utilizou-a para bem organizar o funcionamento da justiça na comarca, a exemplo da minuciosa revisão de todos os casos existentes sobre estupro arquivados ou sem andamento no fórum. Acerca deste período, na etapa inicial dos trabalhos em Cruzeiro do Sul, Ciro Facundo destaca um fato interessante que culminou na retirada de um dos funcionários do fórum:

Eu tinha autoridade também, coisa que poucos às vezes não tem. Eu tinha autoridade. O escrivão chegava e dizia: "Não, mas olha, a Dra. fazia assim...". Eu: "Meu filho, a Dra. não é mais juíza aqui. O juiz aqui sou eu. Faça o que eu quero!" (risos). Eu tive que usar muito a autoridade, tirar escrivão etc. Lá dava muito estupro, sempre deu em Cruzeiro do Sul. Lá eles negociavam liberdade, não levavam pra julgamento... quando eu cheguei eu disse: "Quero todos os processos de estupro na minha mesa. Vou julgar todos!" Aí eu sei que na minha primeira listagem (de processos) eu vi tudo; e na outra listagem desapareceu um. Aí eu chamei o escrivão e disse: "Cadê fulano que estava aqui na lista?". "Ah, Dr., é que ele é sobrinho da fulana de tal, que é aqui do cartório e tal". "Sim, mas isso tem a ver alguma coisa pra tirar ele da lista? Coloque na lista!". Aí botei ele (o funcionário) pra fora. Tirei ele da escrivaria. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Reputo essa relação de Ciro Facundo com o elemento autoridade como muito importante para fins de avaliação, sobretudo sob a perspectiva do sujeito passivo, de quem recebe a ordem emanada por ele. Como esses comandos eram assimilados? Haveria, porventura, a presença de instrução firme e cordial ou de mera expressão de raiva na essência da transmissão da mensagem? Verificar-se-á, ao longo deste trabalho, relatos de muitas pessoas que lhe eram subordinadas e que o veem como referência de liderança, quiçá uma figura paternal, o que é um indício de como Ciro Facundo poderia ter se sentido na situação acima narrada.

Para além do correto ordenamento da Comarca, Ciro Facundo também fomentou as celebrações de casamentos no fórum²⁸, como era tradicionalmente feito na região. Depois, algumas das cerimônias passaram a ser coletivas, abrangendo um número maior de casais:

²⁸ O juiz de direito, enquanto autoridade civil, pode realizar casamentos, nos termos da lei.

Tínhamos uma salinha lá onde eram realizados os casamentos. Um volume maior foi depois (casamentos coletivos), eu já tinha até saído (de Cruzeiro do Sul). Acho que essa fase foi com a Cezarinete, parece... (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

O fórum cível da cidade de Cruzeiro do Sul era adornado com muitos móveis antigos, mas refinados, uma vez que considerável parcela tinha vindo de fora do Acre, confeccionados por prestigiados artesãos da Alemanha. Ciro Facundo, no exercício da direção do foro, zelou por tais bens, conservando-os e restaurando-os, quando necessário. Nesse último caso, mediante um convênio entre o Poder Judiciário e o Executivo local, um marceneiro veio diretamente da Alemanha para restaurar parte da mobília do fórum, certa vez.

Nesse exemplo, outra vez a faceta de bom administrador de Ciro Facundo se manifesta. Como agente político ele interage com os poderes constituídos para não só aperfeiçoar a estrutura do Poder Judiciário, mas transformar a realidade social em que está inserido. Por meio da sua iniciativa, um importante feito sucedeu:

O Judiciário sempre teve uma ligação muito forte com a sociedade. Só para você ter uma ideia, quando eu fui reinaugar o fórum cível no primeiro piso e havia uma... era muito bonito o fórum cível. Todos os móveis foram feitos por artesãos alemães. Aí tinha máquina, tinha cadeira, tinha local para fazer o júri, tudo peças lindas! Aí o que foi que eu fiz: eu chamei o padre, que era um especialista nisso, chamei o prefeito, e ele disse: "eu arranjo o dinheiro para você fazer a reforma; agora... faça o convênio com o Tribunal e eu dou tudo pra fazer. Aí nós fizemos. O prefeito doou a recuperação e nós fizemos a recuperação. O fórum ficou uma lindeza! (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Reconhecidamente uma das mais belas estruturas do Acre, o Fórum de Cruzeiro do Sul foi instalado em 09 de maio de 1909²⁹. São alguns registros jornalísticos desse período:

²⁹ A descrição da constituição do prédio do Fórum da cidade de Cruzeiro do Sul é exemplar do período áureo da extração da borracha em terras acreanas. Este 'palacete' é erguido quando a divisão administrativa do Território do Acre ainda se dava através dos chamados Departamentos. O fórum aqui noticiado se localiza na sede do Departamento do Alto Juruá, cuja sede é a cidade de Cruzeiro do Sul.

Fotografia 14 – Instalação do Fórum de Cruzeiro do Sul (O CRUZEIRO DO SUL, edição n.º 00073, de 09.05.1909, p. 1)³⁰

Acha-se installado, desde o dia 4 do corrente em dependencia do novo predio construido pela Commissão de Obras Federaes, o **Forum** desta cidade.

A parte do edificio onde funciona o Poder Judiciario comprehende um vasto salão destinado ao Tribunal de Jury, uma sala secreta e uma sala de audiencias do exmo. sr. dr. Juiz de Direito.

Todas estas dependencias são amplas e arejadas, satisfazendõ as exigencias necessarias de commodidade e hygiene.

O predio é de alvenaria e tijolo, coberto de fibro-cimento.

Todo madeiramento e tijolos empregados na sua construcção, foram fabricados e preparados nas officinas daquella Commissão e são de boa qualidade.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Fotografia 15 – Descrição do Fórum de Cruzeiro do Sul (O CRUZEIRO DO SUL, edição n.º 00075, de 23.05.1909, p. 1)

a) O predio em que está funcionando a Prefeitura e **Forum**, construido de tijollos, coberto de telhas, assoalhado e com as necessarias accommodações para as repartições que nelle funcionam.

Este predio construido sob a criteriosa direcção do dr. Bueno de Andrada, é um verdadeiro palacete, não havendo nenhum outro no Territorio do Acre que com elle possa ser comparado; e para que o sr. dr. Santa Cruz possa confundir os aventureiros, tomou a liberdade de offerecer-lhe uma photographia desse palacete.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

³⁰ O CRUZEIRO DO SUL - Órgão oficial, fundado pelo então Prefeito Cel. Gregório Thaumaturgo de Azevedo, teve seu primeiro número em 3 de março de 1906 e o último em 10 de março de 1918. “As suas colunas foram abrilhantadas por Fran Pacheco, Belisário de Souza Filho, João Craveiro Costa, João Alfredo de Mendonça, Manoel do Vale e Silva, Olegário da Luz Castro, Esmeraldo Coelho e muitos outros.” Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1545756190_4c83abd6f677428bee5967565c628e14.pdf>. Acesso em 20/08/19.

O modo como a sociedade local se apropriava dos bens do Fórum local é um demonstrativo da forma como as relações entre o poder público e a comunidade se estabeleciam. Em dada ocasião, conta Ciro Facundo que ouviu de um munícipe notícias sobre o paradeiro de 4 (quatro) relógios históricos pertencentes ao patrimônio do fórum de Cruzeiro do Sul. Destacara o denunciante à época, com precisão, os locais onde tais bens poderiam ser encontrados, bem como as pessoas que sobre eles exerciam posse (um dos relógios havia sido retirado do fórum pelo próprio denunciante, na expectativa de que as subtrações não continuassem a ocorrer). Tudo ocorreu de bem maneira bem espontânea, extrajudicialmente, sem a necessidade de maiores formalidades. Nas palavras de Ciro Facundo:

Você vê como o povo é ligado às coisas da história do município... havia no fórum, no começo, quatro relógios grandes, e eles desapareceram. A população veio comigo e disse "olhe, o primeiro relógio está com fulano e eu vou trazer; o segundo tá com fulano de tal e eu vou trazer". E trouxeram os dois relógios! Aí o que tinha ficado com os relógios (recuperado eles) disse "o outro eu levei pra minha casa, tá lá bem guardadinho porque eu sei que iam levar". (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Ora, tais fatos vieram à tona tão somente porque Ciro Facundo era muito cuidadoso com os registros, sobretudo os mais antigos. “Eu tenho esse espírito de guardar as coisas antigas”, afirma.

Dos anos em Cruzeiro do Sul, muitas boas lembranças Ciro Facundo guarda consigo. Uma delas é a de seu amigo Sérgio Baptista Quintanilha, advogado e cirurgião-dentista. Ambos residiam na mesma cidade e costumavam fazer brincadeiras mútuas. Certa vez, através da rádio difusora local, a pedido de Sérgio, o diretor da rádio reproduziu a seguinte mensagem: “Dr. Ciro Facundo, alguém loucamente apaixonada manda as seguintes mensagens...”. Por uma ocasião de viagem a Rio Branco, Ciro Facundo decidiu “revidar”. Ele fez com que o seguinte recado fosse transmitido: “Atenção, Sérgio Quintanilha, Sérgio Júnior está com saudades de você”. A despeito das risadas, inevitáveis em tais momentos, a estória de Ciro Facundo acerca de um fictício filho de Sérgio chegou a estremecer as relações deste com uma moça com quem se relacionava à época. Do interior, Sérgio então retrucou: “Atenção, a fim de esclarecer algumas conversas que chegaram ao meu conhecimento, estarei aí na sexta-feira para tirar isso a limpo”. No aeroporto, o público estava apreensivo, pois havia grande expectativa de que os envolvidos brigassem. Mas desafetos Ciro Facundo e Sérgio jamais foram; antes, aproveitaram o ensejo para renovar os risos em espíritos de alegria e lealdade.

Fotografia 16 – Sérgio Baptista Quintanilha, amigo de Ciro Facundo há mais de 40 anos



Fonte: www.ac24horas.com (2015)

Findo o tempo na principal cidade da região do Juruá, Ciro Facundo passou a trabalhar em Rio Branco. Tinha sido ele promovido à 1ª Vara Cível da Comarca de Rio Branco. Exerceu, ainda, a titularidade da 3ª Vara Criminal, respondendo, também, pelas 1ª, 2ª e 3ª Varas Cíveis. Também, atuou como Juiz Eleitoral das 4ª e 1ª Zonas Eleitorais, e Membro Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral, na classe de Juiz de Direito.

Acerca do período residindo e laborando na capital, um fato curioso registra Samoel Evangelista que perguntou a Ciro Facundo, certa vez, como estava a adaptação à nova cidade, sendo que dele ouviu que “em Cruzeiro do Sul, eu era um juiz; aqui, sou apenas mais um”. Tal sentimento, em verdade, parece não ser incomum, uma vez que compartilhado por muitas pessoas inseridas no serviço público, outrora referências únicas nas atividades que desempenhavam nas cidades interioranas.

Ultrapassado o curto período de trabalho na 3ª Vara Criminal, Ciro Facundo passou a atuar na esfera cível, especificamente na 1ª Vara Cível de Rio Branco, o que fez por aproximadamente 10 (dez) anos, espaço de tempo que só foi interrompido em razão da alçada dele ao Tribunal de Justiça do Acre, como desembargador. No tocante a esse feito, é de se destacar uma tradição no Poder Judiciário Acreano: em regra, os juízes que laboraram na referida vara chegaram, após considerável tempo, a ser desembargador.

Alcançar o desembargo não era e não é uma tarefa fácil. O processo sempre se deu por critérios de merecimento ou de antiguidade na carreira, parâmetros estes que nem sempre são pautados pela mais estrita objetividade.

Nesta senda, possível seria a incidência de força política no processo de escolha para o cargo. Para fins de ilustração, certa vez um agente político, em pleno exercício do seu mandato eletivo, manifestou a Ciro Facundo a pretensão de influir junto às autoridades competentes para nomeá-lo desembargador. Ora, essa ideia foi prontamente recusada por Ciro

Facundo, ocasião na qual revelou estar disposto a esperar o tempo que fosse necessário para que esse objetivo profissional, pelas vias lícitas, se concretizasse.

Após exercer jurisdição em diferentes varas em Rio Branco, foi em 19 de setembro de 1996 que Ciro Facundo fora empossado como desembargador da Corte do Tribunal de Justiça do Acre. No ensejo, Ciro Facundo também veio a ocupar a Vice-Presidência e a Corregedoria Regional Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral, estendendo-se a 1997.

No ano seguinte, Ciro Facundo foi presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Tratava-se do biênio 1998-2000, especificamente 30 de abril de 1998 a 30 de abril de 2000. Nesse ínterim, assumiu a presidência da Câmara Cível deste Tribunal, no biênio 1999-2001. Depois, trabalhou como diretor da Escola do Poder Judiciário (antiga Escola Superior da Magistratura do Acre), nos anos 2001-2002. Ainda, Ciro Facundo foi presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Acre no biênio 2003-2005, período que, uma vez findo, culminou na aposentadoria do ilustre magistrado.

Fotografia 17 – Ciro Facundo enquanto presidente do Tribunal Regional Eleitoral (período: 1998 a 2000)



Fonte: <http://www.tre-rr.jus.br>

Como se observa, Ciro Facundo ocupou diferentes espaços de poder na magistratura. Nestes lugares, seja como juiz, seja como desembargador, ele era conhecido por proferir decisões justas e bem fundamentadas. Alguns dos seus pares, como Samoel Evangelista e Francisco Djalma, destacam que os posicionamentos dele, embora representasse entendimento minoritário em alguns casos, sempre eram analisados com muita atenção.

“Além de preparado, era muito humano, o que era refletido em suas decisões”, recorda Francisco Djalma. A título de ilustração, o desembargador destaca um caso em que precisou dos conselhos do amigo Ciro Facundo: estava ele e a colega Denise Bonfim (naquele tempo, juízes da 1ª e da 2ª vara cível, respectivamente) saindo do fórum aproximadamente às 20hs. Nas imediações havia um oficial de justiça acompanhado por uma mulher, uma criança e um

homem. Comunicara o oficial que o magistrado da causa, que cuidava do interesse daquelas pessoas, deferira medida de tutela antecipada permitindo que a criança ficasse sob a guarda com o pai, que praticamente nunca tinha tido contato com aquela. A criança chorava porque não queria ir com aquele rapaz. Djalma e Denise tentaram demover o colega magistrado da ideia em evidência, de maneira que reconsiderasse sua decisão; todavia, não obtiveram sucesso. Como diretor do fórum à época, Djalma recorreu a Ciro Facundo, que ocupava o cargo de presidente do Tribunal de Justiça no período. No exercício desta função, Ciro Facundo revogou a decisão do referido magistrado e reestabeleceu a ordem.

Outro caso marcante foi lembrado por Adalcilene Pinheiro, servidora do Tribunal de Justiça que por muitos anos laborou junto a Ciro Facundo. Curiosamente, também foi uma questão ocorrida no tempo em que este ocupou a presidência do Tribunal. Certa vez, nesse período, ela foi chamada a comparecer à sala de Ciro Facundo. Lá estava a viúva de um magistrado que falecera há muitos anos. Era uma situação de pensão por morte. Na ocasião, Ciro Facundo pediu que Adalcilene atentamente cuidasse do caso, uma vez que a viúva já havia feito o mesmo pedido por diversas vezes (o primeiro deles há 8 anos), a diferentes ex-presidentes. Em todas as ocasiões o pleito foi negado sob o argumento de preclusão, de impossibilidade de acolhimento da pretensão por ter expirado o prazo temporal para tanto. Entretanto, em pesquisas Adalcilene descobriu que o fato tempo não seria um problema, como alegaram os ex-presidentes, pois a obrigação era de trato sucessivo, isto é, renovava-se constantemente, não pondo fim à pretensão da viúva. Numa minuta de sentença de oito laudas Adalcilene materializou seus estudos. Era de se esperar, como sói acontecer nestas circunstâncias, a interposição de recurso pela pessoa que vinha sendo beneficiada pela pensão (em detrimento da viúva), mas surpreendentemente sobreveio ao processo uma petição de elogios pelo senso de justiça da parte contrária, mediante advogado. Neste e em outros casos, em mente Adalcilene sempre teve uma das lições de Ciro Facundo: “se houver conflito entre o direito e a justiça, esta última deve ser priorizada”.

Para além da resolução de diversos impasses jurídicos, como os vistos acima, Ciro Facundo revelou-se um excelente gestor, pois o Tribunal de Justiça, sob sua gestão, muito progrediu no biênio 2003-2005.

Neste período, Ciro Facundo buscou a modernização do Tribunal de Justiça e a consolidação de algumas práticas administrativas reconhecidamente exitosas. Quanto ao primeiro feito, com muita habilidade política Ciro Facundo conseguiu repasses de verbas estaduais e federais para a compra de novos computadores e acessórios de informática,

permitindo que juízes e servidores gozassem de melhores condições de trabalho. Ainda, os recursos viabilizaram a compra de diversos veículos, dentre outros bens.

Quando do emprego dos valores, houve, à época, uma fiscalização minuciosa feita pelo CADIN, banco de dados com cadastro informativo de créditos não quitados do setor público federal, vinculado ao Banco Central do Brasil, o que causou certo desconforto na gestão de Ciro Facundo e outras seguintes. Contudo, as eventuais questões foram devidamente sanadas com o decurso do tempo.

Na esteira da valorização da instituição Tribunal de Justiça, o presidente Ciro Facundo investiu bastante no Centro de Capacitação dos Servidores, que até então era apartado da Escola da Magistratura. Ao trazer para o âmbito da Escola o referido Centro, Ciro Facundo acresceu à sua gestão a marca de ter sido uma das mais benéficas aos servidores públicos.

Também, foi uma notável marca na “era Ciro Facundo” a construção dos Centros Integrados de Cidadania (CIC) em diversos municípios do interior do Acre. Para que se possa compreender tal feito, necessário se faz explicar o projeto embrião no qual ele se fundou e acolheu premissas: o Projeto Cidadão. De acordo com o sítio eletrônico do Tribunal de Justiça do Estado do Acre:

O projeto cidadão é um trabalho social realizado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Acre em parceria com órgãos federais, estaduais, municipais e não governamentais. Sua finalidade primordial é assegurar à população de menor poder aquisitivo o direito à documentação básica, bem como o acesso rápido e gratuito aos serviços públicos da área social: saúde, educação, meio ambiente, segurança e trabalho.

Objetivo: Levar serviços às regiões geograficamente distantes dos centros urbanos, como vilas, comunidades ribeirinhas e indígenas, margens de estradas, ramais e seringais, assegurando às famílias residentes nessas localidades a obtenção de documentação básica, além dos benefícios das políticas públicas.

Cerca de 60 instituições governamentais e não governamentais coordenadas pelo Tribunal de Justiça prestam atendimento através do Projeto Cidadão, tendo como objetivo democratizar os serviços públicos e fortalecer o exercício da cidadania.

O Projeto Justiça Comunitária Itinerante, mais conhecido como Projeto Cidadão, alcançou muitas pessoas, sobretudo as que se encontravam em locais distantes dos grandes centros. Seu êxito é refletido, também, em âmbito nacional, pois concorreu ao Prêmio Innovare 2004, na categoria Tribunal. Embora neste evento a prática levasse o nome de Ciro Facundo, que era o presidente do Tribunal de Justiça à época, atribui-se à Desa. Eva

Evangelista a autoria do projeto, e a execução e a influência à Desa. Cezarinete Angelim e ao Des. Jersey Pacheco Nunes, respectivamente.

Ante o sucesso do Projeto, Ciro Facundo viu a necessidade de transformar a natureza dessa prática, originariamente itinerante e temporária, em fixa e permanente. Os prédios, uma vez criados nos municípios, passaram a ser chamados de Centros Integrados de Cidadania.

A prioridade recaiu sobre os locais que não tinham fóruns, como Epitaciolândia, Porto Walter, Marechal Thaumaturgo e Rodrigues Alves. Curiosamente, os Centros Integrados de Cidadania, depois, nestes espaços, foram transformados em fóruns. No período, o assunto foi coberto da seguinte maneira pelo Tribunal de Justiça:

Por todo o mês de agosto, o presidente do Tribunal de Justiça do Acre, Ciro Facundo de Almeida, estará inaugurando mais três Centros Integrados de Cidadania (CICs). As cidades a serem beneficiadas serão Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Walter. O CIC de Epitaciolândia, o último dos sete desta fase, só será entregue à comunidade após as eleições municipais de 3 de outubro.

O desembargador já inaugurou três CICs – Assis Brasil, Porto Acre e Brasiléia. “Estamos, na prática, desenvolvendo um projeto que sempre adormeceu em gavetas ou sobre mesas. Ou seja, estamos tornando realidade o sonho de levar a Justiça para junto do povo. Os CICs são isso, eles reúnem numa mesma estrutura física o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública e órgãos da União, do Estado e do município. Lá, o cidadão poderá tirar de um simples registro de nascimento a celebrar o matrimônio. Os CICs, como eu tenho dito sempre, são uma espécie de Projeto Cidadão permanente na cidade”, destacou Facundo.

Os CICs são resultado de um convênio do TJ com o Ministério da Justiça e essa realidade só foi possível graças ao apoio da bancada federal do Acre. O presidente do TJ lembrou ontem que um de seus compromissos quando assumiu a direção do Poder Judiciário acreano foi exatamente tornar real a presença permanente da Justiça em meio ao povo, principalmente, nas comunidades mais carentes. E isso ele tem conseguido realizar com a presença do Projeto Cidadão nas cidades e na zona rural, com a Justiça Comunitária Itinerante nos bairros periféricos, com maior apoio aos Juizados de Trânsito, Cíveis e Criminais, além de serviços de emissão de registro de nascimento na rede hospitalar da capital. (<https://www.tjac.jus.br/noticias/acre-tera-mais-tres-cics-em-agosto/>)

Indubitavelmente, os CIC's consistem em um dos grandes legados deixados por Ciro Facundo.

Findo o período na presidência do Tribunal de Justiça, é possível afirmar que muito foi feito no espaço de dois anos por Ciro Facundo. Através do texto intitulado “Ciro Facundo deixa a justiça mais presente na vida do povo”, elaborado em 25 de janeiro de 2005, assim o Tribunal resumiu esse período:

“Chego à Presidência do Tribunal sem vaidades publicitárias, tenho a vaidade própria do ser humano que chegou ao cume da administração de sua instituição, sem ter se curvado a pressões, sem ter deixado sentimentos outros que não sejam o do dever cumprido”. Foi com essas palavras que o desembargador Ciro Facundo de Almeida assumiu, há dois anos, a Presidência do Tribunal de Justiça. E se fossem ditas hoje, estariam atualizadas e próprias para o momento. Facundo deixa o mais alto posto do TJ exatamente com a convicção de ter feito melhor. “Fiz o que pude e às vezes fiz até o que não podia, mas fiz e saio muito feliz. Fiz a minha parte com muita alegria, evidente que para isso contei com a plural contribuição de meus assessores. A eles eu sou muito agradecido”, reconhece o desembargador. E foi certamente na gestão de Ciro Facundo que o TJ experimentou a sua mais bela fase no campo do conhecimento humano, avanços tecnológicos e investimento da rede física com a construção de prédios que aproximaram, definitivamente, a justiça e a cidadania da população mais pobre. Foram 24 meses de freqüentes ações voltadas, não somente para a comunidade dos 22 municípios do Acre, mas também para servidores e magistrados que tiveram a oportunidade rara de freqüentar cursos, participar de eventos diversos dentro e fora do Estado e buscar qualificação e reciclagem com apoio da direção do tribunal. “Nós priorizamos sempre o conhecimento dos nossos servidores e magistrados. Nunca, talvez, o Judiciário do Acre tenha vivido uma fase tão belíssima com tantos cursos e seminários na capital e no interior”. (<https://www.tjac.jus.br/noticias/ciro-facundo-deixa-a-justica-mais-presente-na-vida-do-povo/>)

O fragmento acima coopera para o reconhecimento de Ciro Facundo, por parte do Tribunal de Justiça, como alguém que não só foi bastante diligente quanto ao exercício de suas funções, mas um sujeito de vanguarda, pioneiro, que inovou e rompeu com modelos preestabelecidos, fazendo da capacitação do membros e dos servidores da instituição, por exemplo, uma medida frequente.

Ciro Facundo, que seria sucedido por seu amigo e colega desembargador Samoel Evangelista, dirigiu as seguintes palavras aos presentes na sessão ocorrida em 04 de fevereiro de 2005 (disponível no sítio eletrônico do TJAC):

Saudações, Atendendo a dispositivos constitucionais, entrego nesta data a Presidência do Poder e emposso o Desembargador Samoel Martins Evangelista no Cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Acre. E faço prazerosamente. Tenho com o Desembargador Samoel Evangelista, uma convivência de muitos anos. Estivemos juntos na Secretaria de Segurança Pública, no Ministério Público quando eu Juiz e ele Promotor de Justiça, na Comarca de Cruzeiro do Sul e agora, na Magistratura Estadual como Desembargadores. E em todo tempo sempre comungamos do mesmo espírito público do bem servir a comunidade e ao Estado do Acre que nos deu tanto em nossas vidas. Concluo, pois nesta data encerra meu período na Presidência deste Poder. Fiz o que me foi possível

fazer. No relatório de gestão, o qual o Regimento Interno do Tribunal determina a elaboração, consta com mais detalhes as realizações da administração que finda. Na verdade, o que fiz foi trabalho de equipe, desde os Desembargadores Samoel Evangelista, Vice-Presidente; Eliezer Mattos Scherrer, Corregedor Geral da Justiça e Desembargadores do Pleno do Tribunal, Eva Evangelista de Araújo Souza, Miracele de Souza Lopes Borges, Francisco das Chagas Praça, Arquilau de Castro Mello, Feliciano Vasconcelos de Oliveira e Izaura Maia. O de bom e positivo a eles credito, o que não fiz é de responsabilidade toda minha. Desejo expressar nesta fala o agradecimento pela colaboração e lealdade de tantos servidores e que faço nas pessoas de Ylêdo Fernandes de Menezes, Silvana Lebre Oliveira, Adalcilene Araripe, Lina Graziela, Daniela Saraiva, Lúcia Florêncio Gomes, Denise Barreto, Radamés Cordovil Oliveira, Andréa Medeiros Guedes, Sérgio Moura, Anderson Collyer, José Carlos da Silva Costa, José Carlos Martins Júnior, Józimo de Souza, William Abud Garcia de Castro, Núria Mercedes de Oliveira Guerreiro, Raquel de Souza Lima Jares Daou, Suely Xavier, Antônio Flores Queiroz, Luiz Caetano da Silveira e Jeanine Lykawka, SD. PM. Marcos Antônio Pereira da Silva, Cap. Douglas Augusto Tomaz, 2º Ten. Claudiomar Reis Anastácio, Garçons Francisco Ferreira da Silva e Oscar Denis da Silva, Moema Anute, Fagnólia Tojal, Júlia Ramos Feitoza, Estênio do Nascimento Martins, Semírames Pinto da Silva, Érika Lima da Silva, Mário Sales de Oliveira Júnior, Gustavo César de Oliveira Souza e Luziete Maria Lima Miranda. Também tenho muito a agradecer à Presidenta do Sindicato dos Funcionários, Rosane Ferraz Miranda e sua equipe Maria (Rose) Rosenev da Silva Santana e Maria Josineide da Silva Magalhães (Jôse), pelo muito que colaboraram para a manutenção de constante bom relacionamento entre a Direção do Poder e seu quadro funcional. À Desembargadora Eva Evangelista de Araújo Souza, Juízas Regina Ferrari Longuini e Mirla Regina da Silva Lopes, também tenho muito que agradecer pelo muito que fizeram na Escola da Magistratura que engrandeceu minha administração. Neste momento, quero fazer uma homenagem toda especial ao Desembargador Eliezer Mattos Scherrer. O Desembargador que nos deixa para uma merecida aposentadoria. Foi além de excelente Magistrado, um grande amigo. Amigo para todas as horas, coisa hoje já tão difícil. Escreveu na história deste Tribunal um brilhante e inesquecível capítulo. Criou coisas novas quando administrou o Tribunal, como a nossa gráfica e a publicação de revistas de julgados. Seus Votos e suas Ementas, pela riqueza de seu conhecimento, continuarão a ser lidos e suas decisões copiadas pela grandiosidade de seus acertos. Miguel Reale, citado pelo Des. José Campos do Amaral, asseverava “que a humanidade será governada cada vez mais pelas coisas”, mas ele, Miguel Reale, acreditava, ao contrário, que as coisas serão governadas cada vez mais pelos homens. E prossegue o articulista Fischer que “antes de se saber que filosofia se tem, é preciso saber que tipo de homem se é. Há os que nascem para se modelarem segundo as coisas, como há os que existem para as coisas modelarem segundo o homem”. O Eminentíssimo Desembargador Eliezer Scherrer modelou as coisas segundo o homem, impregnando de humanidade a distribuição da justiça. Por isso, merece ser lembrado e louvado. E imitando Rui pode-se dizer “estremeceu a Pátria, viveu no trabalho, e nunca perdeu o ideal. Foi um distribuidor de Justiça, e como disse o Mestre Jorge Araken – a Justiça distribuída com amor é muito mais JUSTIÇA. Seja feliz Eliezer. Senhores. Desejo para a nova direção do Tribunal todo o sucesso. É bem verdade que assumem em um período de transição na história pátria que assiste a marcha pelo fim da Federação e o início do Estado Unitário. A propalada Reforma do Judiciário veio para ferir de morte a Federação, vez

que o Estado Membro perdeu toda e qualquer autoridade com o seu Judiciário. Um Poder de longe dirigirá o Judiciário Nacional com poderes excepcionais que vão desde o afastamento de Juízes até a avocação de processos e anulação de qualquer ato administrativo. A súmula vinculante amordaça a independência dos Juízes que serão obrigados a pensarem de acordo como pensam os Membros da Suprema Corte, não podendo deles divergir. Fatos semelhantes já acontecem nos sistemas Tributário e Previdenciário. Teremos uma administração onde já se pode antever o sucesso, administração experimentada e com vivência administrativa que se encontra tanto no Desembargador Samuel Martins Evangelista, Presidente, como na Desembargadora Eva Evangelista de Araújo Souza e no Desembargador Arquilau de Castro Melo. Quero finalizar minha oração com o mesmo sentimento que iniciei quando de minha Posse – chego ao final com a vaidade própria do ser humano por ter dirigido a instituição a que pertencço. Com a vaidade do Cargo pela sua grandiosidade, nunca pela vaidade panfletária que a nada leva ou conduz. E, finalizando, com meus agradecimentos a todos, pelo muito que contribuíram para os sucessos que a minha administração alcançou, o Executivo na pessoa do Senhor Governador do Estado Jorge Ney Viana Macedo Neves, o Legislativo nas pessoas dos Deputados Edvaldo Magalhães e Sérgio Oliveira, o Ministério Público na pessoa do Senhor Procurador Geral Elizeu Buchemeyer de Oliveira, a Defensoria Pública na pessoa do Defensor Público Eronilson Maia Chaves, a Procuradoria Geral do Estado nas pessoas dos Procuradores Edson Manchini e Roberto Ferreira, ao Tribunal de Contas do Estado nas pessoas dos Conselheiros Antônio Malheiros e Cristóvão Messias, na esfera federal destaque, com muita ênfase, a pessoa do Senador Tião Viana que representou muito para mim. Agradeço a presença nesta solenidade dos Senhores Desembargadores, Juízes, Funcionários, amigos e convidados e aos meus familiares que muito representam para mim. Quero deixar para reflexão do nosso Presidente Samuel Martins Evangelista estes versos de FERNANDO PESSOA: “... NÃO TEMO O QUE VIRÁ. POIS VENHA O QUE VIER, NUNCA SERÁ MAIOR DO QUE A MINHA ALMA” E PARA SER GRANDE, SÊ INTEIRO. NADA TEU EXAGERA OU EXCLUI. SÊ TODO EM CADA COISA. PÕE QUANTO ÊS NO MÍNIMO QUE FAZES. ASSIM, EM CADA LAGO A LUA TODA BRILHA, PORQUE ALTA VIVE.” Obrigado.
(<https://www.tjac.jus.br/noticias/discurso-de-despedida-do-des-ciro-facundo-da-presidencia-do-tj/>)

Após tantos anos dedicados ao serviço público, a aposentadoria de Ciro Facundo emerge como um fato inexorável. Embora fosse algo que certamente um dia chegaria, a comunidade jurídica, em geral, estava perplexa, como se tomada por incredulidade. É que Ciro Facundo era visto como alguém que estava no auge das suas potencialidades, sobretudo no tocante ao exercício da judicatura e à gestão dos interesses do Tribunal. Por força de imposição legal da época, compulsoriamente Ciro Facundo seria aposentado ao completar 70 anos de idade. Assim, o magistrado teria que deixar a corte na quinta-feira, em 05 de julho de 2007. Assim ocorreu, mas não sem antes ocorrerem diversas despedidas formais.

Uma delas foi realizada enquanto membro da Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Acre, em 03 de julho daquele ano. A manifestação de carinho foi organizada pela equipe daquela Câmara e foi prestigiada por amigos, assessores e por vários servidores do TJ. À época, a desembargadora Miracele Borges proferiu um caloroso discurso. São alguns trechos:

Vossa Excelência é proclamado como um expoente da nossa Magistratura; é reconhecido pelos colegas, pelos advogados e pela opinião pública, que o aclamam como um grande e verdadeiro juiz, imparcial, singelo no trato, mas sem perder aquele velho ardor da juventude, que o faz inconformista e inovador.

(...)

Vossa Excelência sempre foi um sentinela avançado, que nos protegia contra possíveis erros de entendimento. Sentiremos falta dessa aguda inteligência, saber e ponderação; enfim, daquele notável e raro escrúpulo com que participava dos nossos julgamentos.

(...)

Veja, portanto, Eminentíssimo Desembargador CIRO FACUNDO, o imenso pesar que a vossa partida já nos causa. Muito mais do que Vossa Excelência, que se aposentou a contragosto, perdemos todos nós, Magistrados acreanos, que estaremos privados do Vosso convívio nesta Corte, embora estejamos certos de que dela não se afastará, ao menos em espírito e exemplo de vida.

Fotografia 18 – Despedida da Câmara Cível (período: 1998 a 2000)



Fonte: <http://www.tjac.jus.br> (2007)

O momento de maior destaque, porém, sempre lembrado pelos servidores e membros do Tribunal de Justiça do Acre, recai sobre a sessão especial dedicada à aposentadoria de Ciro Facundo, realizada no Plenário do Tribunal, em 05 de julho de 2017. Neste dia marcante, o evento foi descrito da seguinte maneira:

Após vinte e um anos de serviços prestados à Justiça acreana como magistrado, o desembargador Ciro Facundo de Almeida deixou o Tribunal de Justiça do Estado do Acre. A despedida do magistrado, que completou setenta anos de idade e se aposentou compulsoriamente, aconteceu durante sessão especial realizada no Plenário do Tribunal. Essa foi a primeira vez que a Corte realizou uma sessão desse tipo para homenagear um de seus membros.

A sessão foi presidida pela desembargadora Izaura Maia, presidente do TJAC, contou com a presença de todos os desembargadores e foi prestigiada por vários juízes, por um grande número de servidores e assessores do Tribunal, amigos de Ciro Facundo, convidados e autoridades constituídas.

A desembargadora Eva Evangelista de Araújo Souza, corregedora-geral da Justiça, como decana da Corte, saudou o homenageado. Em seguida, discursou o procurador de justiça Willians João Silva, que representou o Ministério Público do Estado do Acre.

O advogado Florindo Poersch, presidente da seccional Acre da OAB, falou em nome da entidade, ressaltando o retorno do magistrado à classe dos advogados, lembrou que “o filho que volta para casa não erra o caminho” e afirmou “a magistratura acreana perde um grande componente, porém a OAB ganha um grande advogado”.

Em seguida, foi a vez do homenageado usar da palavra e receber das mãos do desembargador Pedro Ranzi, vice-presidente do Tribunal, um quadro em homenagem ao tempo que dedicou ao Poder Judiciário do Acre. Antes de ser cumprimentado pelos presentes Ciro Facundo ainda foi homenageado pelo juiz Laudivon de Oliveira Nogueira, presidente da Associação dos Magistrados Acreanos – ASMAC, e pela servidora Adalcilene Araripe, que representou os servidores de seu gabinete.

Carregado de simbolismos e emoções, a sessão especial também é lembrada pela manifestação da ex-aluna e colega desembargadora de Ciro Facundo à época, Eva Evangelista. São trechos do discurso:

Remonta há quase trinta anos meu conhecimento com o Desembargador Ciro Facundo de Almeida, e sua família; inclusive fui sua aluna de filosofia no cursinho preparatório ao vestibular, para a Faculdade de Direito, que à época funcionava no Colégio Meta, nos idos de 1967.

São tantas as passagens que merecem referência, relativas à consolidação da vida funcional do Desembargador empossado, e que gostaria de rememorar, mas seria de todo o impossível porque exaustivo. Destaco, notadamente seu esforço próprio, e a cultura geral que lhe são inerentes; além de brilhante orador, amigo leal, estimado por seus colegas Juízes de Direito e, sobretudo, bom marido, pai e avô, concentra na família seus anseios e dela retira a força indispensável para a tarefa árdua de distribuir Justiça.

(...)

Ainda não cogitada a introdução de metas da nova gestão pública aplicada ao Judiciário, o então Juiz de Direito da Comarca de Cruzeiro do Sul e, na sequência, da 1ª Vara Cível da Comarca de Rio Branco, esta repleta de processos das mais variadas classes, sempre impôs, o Desembargador Ciro Facundo, a eficiência na correta aplicação do direito.

Tanto que, na oportunidade de sua posse como Desembargador registrei fato relativo ao ano de 1988, quando buscando a melhoria da prestação jurisdicional na primeira instância, o Tribunal de Justiça designou Juízes Auxiliares “para as Varas consideradas de maior fluxo processual, recordo-me da afirmação de uma das Juízas Auxiliares da 1ª Vara Cível que o mutirão não tinha razão de ser quanto àquela Vara, porque ali todos os processos tramitavam regularmente e, ocorreu que efetivamente resultou infrutífero tal mutirão destinado àquele Juízo”.

Também no ‘Tribunal Regional Eleitoral, como Membro Efetivo, e nesta parte posso atestar, porque presidi aquele Regional no biênio anterior, o Desembargador Ciro Facundo, como Juiz Efetivo da classe de Juiz de Direito, teve significativa atuação, pela correção e presteza dos seus votos, além de colaborador incansável da administração da Corte Eleitoral.”

Indelével, portanto, a segura e eficiente prestação jurisdicional nos 1ºs e 2ºs Graus, seja no Pleno, na Câmara Cível e no TRE/AC.

De igual modo, o Desembargador Ciro Facundo revelou-se inovador na Presidência do Tribunal de Justiça introduzindo a descentralização administrativa. Instalou diversos Centros Integrados de Cidadania nos municípios que não são sede de Comarcas; aproximando a população do Poder Judiciário, destacando-se os CIC’s: de Porto Walter, Thaumaturgo, Rodrigues Alves, Assis Brasil, Epitaciolândia e Porto Acre.

Atento à verdadeira dimensão humana da magistratura, sempre dispensou tratamento lano e cortês aos seus Pares, Juízes, servidores e às partes, prodigalizando compreensão aos litigantes.

Também, disse outrora e hoje reafirmo: “o Desembargador Ciro Facundo reúne as qualidades que os jurisdicionados esperam encontrar em um Juiz: a correção e presteza na aplicação do Direito aos fatos, perceptivo quanto aos valores culturais do nosso povo, dele não possui distanciamento. De sua vida pessoal, sabe-se que cultua a família como valor maior, e nela repousa sua segurança e amparo nos embates do dia-a-dia, motivado pelo incentivo diuturno, o amor e o carinho da sua esposa Noemi, companheira de todas as horas, seus filhos Eliana e Pedro, e os netos, suas alegrias.”

(...)

Figura de Juiz contemporâneo, adstrito ao objetivo fundamental de fazer Justiça, laborou no Poder Judiciário, mudando sua forma de decidir em resposta às transformações sociais, convicto de que a magistratura independente corresponde necessariamente à magistratura responsável quer enal, civil, administrativa e politicamente. (<https://www.tjac.jus.br/noticias/tj-homenageia-ciro-facundo-de-almeida/>)

Quanta deferência! Por certo, não perduraria no tempo a admiração de seu pares se as qualidades narradas não pertencessem verdadeiramente a Ciro Facundo.

Embora tenham ocorrido outras participações de pessoas próximas ao nobre professor nestes eventos, alguns relatos serão partilhados no próximo capítulo desta obra, sem prejuízo que outros conteúdos contidos nesse próximo capítulo façam também referência a celebrações já comentadas, como as supradestacadas.

3.2.3. Outros cargos institucionais.

Na década de 70, Ciro Facundo já era um jurista famoso. Sua expertise nas ciências criminais e sua natural habilidade política o conduziram a ocupar pastas de secretariado em diferentes oportunidades.

Na administração pública, exerceu os seguintes cargos: Consultor Jurídico do Banco do Estado do Acre; Assessor Jurídico da COHAB-Acre; Procurador Geral da Justiça no Governo Wanderley Dantas (1971-1975); Procurador Regional da Justiça Eleitoral para as eleições de 1974; e, Procurador Geral do Estado e Secretário de Segurança Pública, no Governo Joaquim Falcão Macedo (1979-1983).

Destes períodos, poucas são as memórias. Recordar-se de terem sido gestões tranquilas; afinal, o Acre não possuía grandes problemas relacionados à segurança, como era o caso dos grandes centros em outras regiões brasileiras.

Ademais, foi Ciro Facundo, em diferentes ocasiões, Procurador-Geral do Estado e Procurador-Geral de Justiça, algo deveras interessante, que jamais aconteceria nos tempos hodiernos, pois preciso seria que os chefes das referidas instituições fossem membros oriundos da carreira, condição que Ciro Facundo não dispunha e jamais veio a dispor.

Para fins de ilustração, eis uma foto de Ciro Facundo enquanto Consultor Jurídico do Banco do Estado do Acre, o BANACRE:

Fotografia 19 – Ciro comenta problemas sociais (O JORNAL, edição n.º 00057, de 09.07.1979, p. 14)



Consultor Jurídico do Banacre, Ciro Facundo de Almeida no dia 5 foi homenageado pelos amigos com um coquetel comemorativo ao "niver", acontecido no dia 5. Aquil. ao lado da mulher, sra. Noemi, durante as comemorações do aniversário. Nas próximas eleições de novembro Ciro Facundo estará pleiteando a cadeira de deputado federal pela Arena.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

4 O DOCENTE

4.1. Atuação no Ensino Médio.

A docência era uma das paixões de Ciro Facundo. O exercício dessa atividade desde a tenra idade dele esteve presente, vide as idas aos grupos escolares no Ceará com o fim de auxiliar os profissionais locais na promoção do ensino.

No Acre, para o corpo discente do ensino médio, por muitos anos Ciro Facundo lecionou no Colégio Acreano, na Escola Normal Lourenço Filho e outros lugares de semelhante expressão.

Nestes espaços escolares, dentre as disciplinas que Ciro Facundo lecionou, destacam-se História, Literatura e Educação Moral e Cívica, essa era lecionada em vários anos e horários distintos – por vezes Ciro Facundo chamava algum militar, em pleno período ditatorial, para falar a respeito da “importância do exército brasileiro”, por exemplo. Quanto a esta última, matéria a qual não era professor fixo, recorda-se que era ministrada uma vez por semana através de palestras, no auditório da Escola.

Também o nobre professor ocupou-se em um curso pré-vestibular. Suas disciplinas eram português e filosofia, faz questão de destacar que, naquele período, filosofia compunha o rol de matérias dos vestibulares. Essa época rende histórias hilárias para Ciro Facundo, já que alguns de seus colegas do Tribunal de Justiça do Acre foram seus alunos, como a Dra. Evangelista. De forma humorada ele conta que, certa vez, durante uma solenidade no Tribunal

Regional do Acre (TRE), ao ter aquela dito: “O professor Ciro Facundo.. ó, desculpa, professor.. Desembargador Ciro Facundo!”, ele prontamente disse: “Minha filha, eu adoro o nome professor, adoro!”. Foi nessa ocasião que ela revelou aos presentes o seguinte: “Sabe porque é? É porque o desembargador Ciro Facundo foi o meu professor no pré-vestibular, lá ele lecionava Filosofia”. Aos risos, um colega desembargador voltou-se para Ciro Facundo e disse: “Mas, Ciro Facundo, tu é velho demais... a Eva foi a sua aluna!”.

4.2. Atuação no Ensino Superior.

No ensino superior, Ciro Facundo lecionou durante 28 anos na Universidade Federal do Acre. Importante foi sua participação no ensino de diversas disciplinas, pois eram poucos os professores no quadro da Universidade, sendo uma verdadeira necessidade a ocupação de diversos lugares para que o curso não fosse descredenciado junto ao Ministério da Educação. Nos tempos mais difíceis, ministrou de ramos do direito civil às ciências criminais. Com o passar do tempo, diante do surgimento de outras demandas, passou a trabalhar com praticamente uma disciplina, cuja afeição já era antiga: Introdução à Ciência do Direito. “Aí disso eu dei aula a vida inteira”, lembra Ciro Facundo.

Ao contar sobre o período no qual trabalhou na UFAC, pontua Ciro Facundo que o Estado “deve muito” à criação da Faculdade de Direito. É que nada era desenvolvido em termos de cultura jurídica no estado antes do seu advento. O Acre não tinha nenhum bacharel em direito formado em seu território. Os que no Acre estavam eram provenientes de outros lugares, como o lendário Pojucan.

Se não produziu bacharéis, o Acre gerou rábulas, que são pessoas de notório conhecimento jurídico e que não se graduaram formalmente em Direito. É uma das célebres figuras acreanas Francisco D’Oliveira Conde³¹, cujo pai era o desembargador Fernando Conde. Pessoas como o Sr. Francisco, pelos conhecimentos e pela disposição que tinha, segundo Ciro Facundo, muito cooperaram para o desenvolvimento da Justiça no Acre, e consequentemente para o desenvolvimento social na cidade.

Após a criação da UFAC, o quadro político do Estado começou a mudar. A máquina administrativa passou a funcionar com bacharéis formados no próprio estado. Também esses profissionais começaram a ocupar espaços no Poder Legislativo. A Faculdade de Direito, que

³¹ Francisco d’Oliveira Conde foi governador nomeado do então território do Acre, sucedendo a Abel Pinheiro Maciel. Exerceu o mandato de 10 de setembro de 1954 a 2 de março de 1955. Seu nome foi atribuído, em 1983, ao maior Estabelecimento Penitenciário do Acre. Disponível em: <<https://www.acre.com.br/a-vinganca-da-historia-contra-a-inauguracao-do-novo-presidio/>>. Acesso em 21/08/19.

era sempre dirigida por uma pessoa oriunda de outro estado. Valendo-se das lembranças, afirma Ciro Facundo:

Primeiro, quem criou foi o Dr. Jersey Nazareno de Brito Nunes, que era de Roraima, parece. Depois, nós começamos a colocar nosso próprios bacharéis como diretores da faculdade. A primeira foi a Yacut Ayache, que não era da nossa faculdade, mas foi a primeira professora. Depois foram surgindo os novos, Pedro Paulo, Ana Rosa, o professor Meira etc. (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2018).

Entre a safra de novos profissionais à época, cabe destacar os estudiosos Ministro Ilmar Galvão, que ocupava o cargo de juiz federal e era professor, o Drs. Jersey Nazareno de Brito Nunes, Jader Barros Eiras e Aderbal Maximiano Caetano Correio, sendo esse último carinhosamente lembrado por Ciro Facundo como alguém que lançou a pedra fundamental da Seccional Acre da Ordem dos Advogados do Brasil, ante os 30 ou mais anos em que ocupou a presidência dessa instituição. Era amigo de Ciro Facundo e apesar de ter tido todas as possibilidades para ser desembargador via quinto constitucional, nunca quis. Homem culto, preparadíssimo em direito constitucional, foi advogado por opção até sua morte, que ocorrera a poucos dias da realização dessa entrevista, em 16 de março de 2018.

Curiosamente, muitos anos depois, a UFAC viria a criar um *campus* em Cruzeiro do Sul. Ciro Facundo sempre defendeu a ideia de que fosse aberta uma turma de Direito lá, por se tratar de uma cidade rica e composta de pessoas interessadas. Era uma ideia viável. Para tanto, Ciro Facundo se dispôs a dar aula à época no local.

Recorda Ciro Facundo que, nos primórdios, os professores da UFAC não eram concursados. Basicamente, quem tivesse uma considerável influência política ingressaria na carreira. Todavia, quando da sua admissão na universidade, em 1974, já se havia instaurado a cultura de admissão de servidor via certame público. Foi aprovado em 3º lugar para a vaga de Direito Comercial!

Mas, como se sabe, aprovação não se confunde com nomeação, e a despeito dos avanços quanto ao processo seletivo na universidade, esse último ato, para sua consecução, demandava uma oportunidade política adequada. Quem fosse bem quisto politicamente e tivesse um bom acesso aos gestores da universidade possivelmente seria chamado para trabalhar logo. Não era o caso de Ciro Facundo. Tão só no período da direção do professor Aloísio Maia na UFAC foi quando ele veio a ser nomeado e empossado na carreira, algo que dificilmente aconteceria se outras pessoas estivessem à época na direção da faculdade. Por conhecer o trabalho de Ciro Facundo, Aloísio já tinha manifestado que, se eleito fosse,

nomearia Ciro Facundo. Em cumprimento à promessa feita, assim Aloísio procedeu quando eleito.

Fotografia 20 – Ciro Facundo de Almeida, professor da Universidade Federal do Acre (UFAC)



Fonte: Acervo histórico da UFAC

Fotografia 21 – Ciro Facundo participa da inauguração do Núcleo de Prática Jurídica da UFAC



Fonte: Acervo histórico da UFAC

Num cenário jurídico até então consolidado pela oferta de serviços educacionais por parte da UFAC surgiu, na década de 1990, a FIB-FAAO como instituição com a mesma proposta de curso.

Foi Ciro Facundo quem praticamente tornou viável o curso de Direito na FIB-FAAO. Naquele período, o dono da faculdade o procurara para que participasse da comissão que apresentaria, para o Ministério da Educação, as razões para a abertura do novo curso. Para a surpresa de Ciro Facundo, estava apenas ele na ocasião designada para a manifestação em favor das pretensões da faculdade. Seu pronunciamento foi reputado como excelente e a FAAO passou a poder oferecer à comunidade acreana o curso de Direito!

Posteriormente chamada apenas de FAAO (Faculdade da Amazônia Ocidental), a faculdade teve Ciro Facundo como professor desde os primórdios. Ele na instituição lecionou

até o momento em que sua mulher começou a ter problemas de saúde. Lembra-se de ter dito à época: “Olha, eu não tenho mais condições de dar aula. Não que eu não tenha saúde para tanto; mas é porque eu tenho que cuidar da minha mulher”.

Um mês após a saída de Ciro Facundo do quadro regular de professores, uma nova surpresa o acometeu: seu nome continuava a constar na folha de pagamento da FAAO. Assim que tomou conhecimento de tal fato ele foi à faculdade e disse ao secretariado: “eu já pedi demissão porque não tenho condições de aula, e nem acho justo vocês me pagarem. Me pagar pra quê, se eu não estou dando aula?”. Nesse instante, Ciro Facundo ouviu do diretor da FAAO, que residia em Manaus, o seguinte: “Enquanto você estiver vivo, você é professor da universidade. Ai do meu funcionário que tirar você da folha”. Até hoje pagam Ciro Facundo, em clara demonstração de gratidão.

A gratidão da FAAO em relação ao seu eterno professor também é manifesta em um dos seus principais salões: Juizado Especial Desembargador Ciro Facundo de Almeida! Sobre esse evento, ocorrido em 02 de setembro de 2009, eis um dos relatos da imprensa (sítio eletrônico do TJAC):

O Tribunal de Justiça do Acre e a Faculdade da Amazônia Ocidental assinaram o Termo de Cooperação Técnica Nº 01/2009, que celebrou a instalação de um Núcleo do 1º Juizado Especial Cível na instituição de ensino superior.

A solenidade, realizada no Auditório Sara Assef Valadares, foi prestigiada pelo Desembargador Pedro Ranzi, pela Desembargadora Eva Evangelista, pelo Desembargador aposentado Ciro Facundo, Juiz de Direito Cloves Augusto, Presidente da OAB-AC Florindo Poersch, Diretor Geral da FAAO Professor Luiz Antônio Campos Corrêa, Vice-Diretor Geral Carlos Corrêa, Diretor Acadêmico Professor Samuel Appenzeller e pela Procuradora do Estado Janete Dalbuquerque, representando o Governador do Acre.

O Termo de Cooperação Técnica, assinado pelo Presidente do TJAC, Pedro Ranzi e pelo Diretor Geral da FAAO, Professor Luiz Antônio Campos Corrêa, tem por objeto a instalação de um cartório, sala de audiências e gabinete de magistrado na sede da faculdade.

O Presidente do Tribunal de Justiça ressaltou a importância da parceria para a sociedade. Nos sentimos honrados com mais esta parceria, quando agora o Tribunal vem para dentro da FAAO para o exercício da prestação jurisdicional. Trata-se de uma forma de melhorar a qualidade de vida do cidadão e responder aos anseios da sociedade, que confia em nós. Agradecemos a disponibilidade desta exemplar instituição de ensino em nos receber. Nossa intenção é continuar melhorando nossa qualidade de serviços, para que o Tribunal cresça em qualidade, rapidez, eficiência e em segurança jurídica e a sociedade tenha acesso à boa Justiça, destacou.

O Professor Luiz Antônio, Diretor da FAAO, avaliou a relação entre as instituições. O Tribunal e FAAO estabelecem uma aproximação que constrói um espaço para a população, mas também para que os alunos do curso de Direito possam desenvolver o seu pensamento e suas ações. Este Núcleo de Juizado Especial é fundamental, porque além de eles poderem fazer o seu nome, podem retribuir à sociedade pela promoção da Justiça. A FAAO irá desenvolver outras parcerias e ações com o Tribunal, principalmente nas comunidades, onde estão as pessoas menos favorecidas e que mais precisam da Justiça, disse.

A Desembargadora Eva Evangelista enalteceu a iniciativa que, segundo ela, representa uma nova fase de compromisso social, de oferecer outra possibilidade para o Tribunal interiorizar as ações, ampliar seus serviços e solucionar, de modo mais rápido e econômico, os conflitos do cidadão.

Após o ato de assinatura, a Juíza de Direito Solange Fagundes de Souza, titular do 1º Juizado Especial Cível de Rio Branco, ministrou o curso Instrumentalização nos Juizados Especiais Cíveis da Justiça Estadual, com o objetivo de informar os mecanismos, normas e técnicas de operacionalidade nos Juizados Especiais Cíveis no âmbito do Juizado Estadual. Além disso, de acordo com a magistrada, o intuito é a capacitação dos aprovados no processo seletivo para Juiz Leigo e Conciliador.

Fotografia 22 - Inauguração do Juizado Especial Desembargador Ciro Facundo de Almeida na FAAO



Fonte: www.tjac.jus.br (2009)

Ciro Facundo também é imensamente grato à FAAO pelo tratamento que sempre o fora dispensado. Em reconhecimento a tudo que a faculdade lhe proporcionou, ele, que sempre foi um ávido colecionador de livros, doou mais de 3.000 obras para a biblioteca da referida instituição, manteve consigo apenas as de alguns autores italianos, como Enrico Ferri.

Fotografia 23 – Inauguração do acervo Ciro Facundo de Almeida na Biblioteca da FAAO



Fonte: Arquivo de Iolanda Almeida (2018)³²

É possível dizer que o período áureo do exercício da docência para Ciro Facundo foi antes da atividade intensa da advocacia e do ingresso na magistratura. Os muitos compromissos de trabalho assumidos fora do ambiente acadêmico naturalmente foram decisivos para a gradual retirada de Ciro Facundo das salas de aula.

A despeito dos cargos formais que Ciro Facundo ocupou em sua trajetória profissional, é muito importante destacar elementos materiais e imateriais, presentes no exercício da docência, que muitas vezes não compõem o “centro das atenções” do senso comum ou que podem ser ignorados ou pouco abordados em estudos da área, como a metodologia empregada pelo professor na transmissão do saber, a motivação nele existente para o cumprimento da função de ensinar, a percepção própria do que vem a ser o educador etc.

Em dado momento de uma das entrevistas mais recentes com Ciro Facundo, realizada em 26 de agosto de 2019, indaguei-lhe acerca dos motivos que o levaram a querer lecionar, o que o movia para o desempenho desse mister. Com satisfação, ele prontamente disse:

Eu gostava de dar aula. Eu procurei ser professor do Colégio Acreano porque eu gostava de dar aula. A gente guarda na memória, quando é pequeno, algumas lembranças boas, e eu achava admirável Seu Gil, lá em Jaguaribe, que era o tabelião e conhecia muita história do Brasil, e eu era adorava as aulas dele. Me dava conhecimento do Brasil, da importância do brasileiro, da importância das guerras... Seu Gil era um mágico! Gil Mourão Teixeira Bastos! Fui colega do filho dele (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019)

³² Iolanda Cristina Almeida é neta de Ciro Facundo. Na ocasião da cerimônia, ela fez os registros por meio de fotos. Disponível em: <<http://imgurk.com/media/969191873489057095>>. Acesso em 21/08/19.

É interessante notar como foi bastante marcante para Ciro Facundo ter tido um professor que reunia em si conhecimento sobre uma área da ciência, controle do discurso pedagógico e, aparentemente, grande paixão pelo trabalho de ensinar.

Por certo, muitas das qualidades presentes no Seu Gil, tão admiradas por Ciro Facundo, vieram a ser desenvolvidas, com sucesso, por este, a ponto de inspirar muitos dos seus alunos futuramente:

Hoje eu tenho alguns professores que dizem que se inspiram em mim, embora do nome deles eu não recorde. Tinha um escrivão da 2ª Vara Cível que fazia medicina e assistiu uma aula minha, certa vez. Ele largou a medicina e hoje é escrivão numa felicidade tremenda! Lembro que eu fui a uma audiência em que o juiz faltou. Esse escrivão foi quem me recebeu e fez uma declaração pública a meu respeito (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019)

Tal como o escrivão que carrega consigo, com muita estima, a lembrança de Ciro Facundo enquanto professor, muitas outras pessoas também o fazem. Algumas foram por mim entrevistadas e julgo adequado, para fins científicos, partilhar nesta obra o teor de parte desses encontros.

4.3. Do discurso pedagógico.

Ao longo desse estudo, é possível perceber que constam registros de diversos elogios feitos por pessoas à forma como Ciro Facundo faz bem uso da palavra. Quanto à facilidade com o manejo desse importante instrumento, ele destaca:

Talvez seja natural porque eu sempre fui conversador. Sempre conversei bem. E em todas as atividades que tive na vida eu sempre fui o cara de frente. Em Jaguaribe, onde fiz o curso primário, eu sempre falava nas aulas e qualquer coisinha a professora pedia pra eu falar, notadamente a professora Graziela (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019).

De certa forma, são compreensíveis as menções a Ciro Facundo como um excelente orador, afinal, trata-se de uma área a qual ele dedicou esforços para aperfeiçoar em sua trajetória profissional. Sobre o assunto, diz o próprio professor:

Acho que é uma coisa espontânea. Eu sempre tive vontade de ser grande, não por exibicionismo. Sempre achei que eu devesse me preparar para, no que eu devesse fazer, eu fosse bom. Na advocacia, eu advoguei muitos anos, e eu me preparava. Eu sempre tive o cuidado de nada fazer sem antes me preparar. Eu ia fazer um júri, eu colocava um espelho bem grande... eu fazia todo o júri de frente pro espelho. Se amanhã eu fosse defender alguém, hoje eu já me preparava. Me lembro que até a posição da mão, o movimento que eu devia fazer, toda vida eu treinei. Plínio Salgado, que foi talvez o meu mais importante guru, que foi chefe da Ação Integralista Brasileira, dizia que você tem que falar separando as três fases: o começo, o meio e o fim (...) Plínio dizia: prepara-se! Nunca faça o improviso. O improviso é uma cópia daquilo que você já fez. Era um grande instrutor (...) Em toda a minha vida fui extremamente cuidadoso quando eu vou falar. Sempre tive essa preocupação. Quando eu ia para uma repartição, uma solenidade ou alguma coisa, eu já previa que poderia ser chamado pra falar. Toda vida fiz isso. E antes de ir eu já alinhavava mentalmente o que eu que eu podia falar naquele instante. Eu preparava meu discurso na cabeça. E sempre deu certo! (...) Eu perdi quase todos os discursos. Sempre tinha expressões tiradas de livro. Tem umas que até tenho gravada: "O segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão o pacto honrado com a solidão", trecho do livro que envolvia o Coronel Aureliano Buendía, em "Cem anos de solidão", de Gabriel García Márquez) (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019)

Dentre as várias informações contidas na fala de Ciro Facundo, primeiramente cabível é a explicação acerca do que se entende por discurso pedagógico, a despeito do termo "oratória" aparecer por diversas vezes nessa obra, muitas vezes mencionado pelas pessoas entrevistadas.

O discurso pedagógico é um meio de produzir conhecimentos, de construção de possíveis e múltiplas aprendizagens, como uma porta de entrada para a constituição de um processo interativo inteligível. Mediante a valorização das especificidades da linguagem na tônica do ensino, há construção do saber, "considerando as infinitas possibilidades discursivas, advinda dos diferentes uso e contextos nos quais a língua se manifesta" (FREITAS; SAMPAIO, 2001, p. 1-2).

Assim, também do excerto supramencionado se extrai que, embora aparentemente revele técnicas empregadas para um discurso apenas ou um ato isolado, em verdade revela características de um discurso pedagógico, de um método para transmissão de conhecimento através da palavra falada, de um modo de agir que representa um dos alicerces filosóficos do ato de ensinar.

Ao citar uma das lições que assimilara de Plínio Salgado, "o improviso é uma cópia daquilo que você já fez" e que sempre tirava expressões de livros em seu discurso, Ciro Facundo reconhece a existência de processos discursivos sedimentados ou institucionalizados,

isto é, assevera que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, de maneira que não há se falar em sujeito como fonte exclusiva do seu discurso, mas em retomada de um sentido preexistente (ORLANDI, 2001).

É de se notar, também, no fragmento destacado, a vontade de Ciro Facundo em bem realizar as tarefas que se propunha a fazer. A fiel submissão à técnica ou ao processo discursivo demanda certamente, em regra, a existência de uma ou mais motivações, que, no caso de Ciro Facundo, residia também no fato de gostar de ministrar aulas e de saber que poderia influir na formação de vidas. “Fiz sem nenhuma vaidade, nunca fui vaidoso”, destaca.

Quanto às motivações e ainda sobre o discurso pedagógico empregado, são palavras de Ciro Facundo:

Eu me realizei enquanto professor. Gostava de dar aula. Achava importante dar aula para dar uma dinâmica diferente (...) Eu achava importante que eu trouxesse a matéria para o campo da vida, para as atividades humanas. Quando eu dava exemplos no curso do Direito, e isso eu fiz muito, era dar com coisas tópicas, que vemos no dia a dia. Numa ação de alimentos, por exemplo, eu ia falar da importância da ação, quem era beneficiado com a ação, e por que existia aquilo (...) Sempre levei para a vida real (...) Fiz isso muito e gostava (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019).

O emprego de exemplos reais ou concretos para a transmissão do saber é um traço marcante no exercício da docência de Ciro Facundo. Essa qualidade é quase sempre citada pelas pessoas que tiveram ele por professor. Ao aliar a teoria à prática forense, ele parece ter encontrado um caminho de conhecimento inesquecível para muitos.

4.4. A experiência de terceiros.

Durante as entrevistas que realizei ao longo da confecção deste trabalho, com diversas pessoas, colhi muitas informações sobre fatos marcantes e detalhes sobre a personalidade de Ciro Facundo. Passo a explorar, neste tópico, algumas das principais lembranças que estes guardam a respeito dessa pessoa, enquanto intelectual que se dispõe a ensinar através de suas diferentes atividades.

E encarar o professor como intelectual implica em considerar toda atividade humana como algo a envolver alguma forma de pensamento, é, nessa obra, enxergar Ciro Facundo como um profissional reflexivo, um homem livre com uma “dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens” (GIROUX, 1997, p. 161).

4.4.1. Cristopher Mariano Almeida (advogado)

Bem quisto pela família Facundo, Cristopher não só estagiou no Tribunal de Justiça do Estado do Acre (TJAC) ao lado de Ciro Facundo, mas, uma vez advogado, veio a associar-se formalmente nos quadros do escritório do desembargador aposentado.

Em abril ou maio de 2008, quando do estágio no TJAC, por meio de um professor Cristopher teve o primeiro contato com Ciro Facundo. Antes adepto dos estudos voltados para concursos públicos, nos quais já tinha logrado aprovação em alguns, Cristopher passou a desejar exercer a advocacia após ter contato com as experiências de Ciro Facundo. “Muito do profissional que sou hoje devo à minha convivência com Ciro Facundo ao longo de 7 ou 8 anos”, afirma.

Esse é um dos méritos dos bons mestres: conseguem inspirar em outros o desejo de trilhar caminhos parecidos. Assim era Ciro Facundo!

Na forma de educar e pontuar erros, “ele fazia muita questão em acolher e não machucar”, lembra Cristopher dos cuidados do seu mentor.

Durante a entrevista, ainda outras características de Ciro Facundo foram ressaltadas por Cristopher, como a oratória, por exemplo. Ciro Facundo era alguém que, pelo jeito sereno e de peculiar entonação de voz, arrastava multidões para acompanhar suas exposições ou sustentações orais.

Ainda, visto como conciliador, sempre apto a buscar meios para a resolução de problemas, é Ciro Facundo descrito como alguém muito ligado à família, que todos os anos visitava seus familiares. Testemunhou Cristopher que ele acompanhou Noeme, a esposa, até o fim, de forma que a família sempre estivesse no topo das prioridades dele.

“Era como um pai inclusive para quem trabalhava com ele!”, diz Cristopher a respeito de Ciro, o que leva a crer que a figura paternal e acolhedora deste era também presente no relacionamento dele com os funcionários.

Quando indagado acerca das lições que extraía ao longo da convivência, destacou o entrevistado que Ciro Facundo costumava dizer que todos os nossos objetivos podem ser alcançados de forma honesta, com muito trabalho, sem precisar prejudicar os direitos das outras pessoas. “Ciro Facundo incentivava a despertar o que há de melhor em nós, nossos sentimentos mais nobres”, crava Cristopher. Nesse sentido:

Ciro Facundo é uma pessoa leal, super agradável. Paizão, vozão. Paciência em educar, incentivar, sonhar em trabalhar. A ele tenho uma eterna gratidão.

Ele se preocupa em não incomodar, em pedir favor a ninguém. Nunca escutei de funcionário que tenha trabalhado com ele alguma reclamação. Tinha sorte quem trabalhava com Ciro Facundo. Mais importante que um trabalho, Ciro Facundo deixou um legado. Ciro Facundo era muito humilde. Dificilmente achávamos que estávamos conversando com um desembargador (...) Pelo sobrenome Almeida, alguns acham que sou neto dele. Que honra! (entrevista com Christopher Mariano - arquivo pessoal; 2019).

Também, durante a entrevista, Christopher relatou que Ciro Facundo é possuidor de uma memória incrível, já que se recorda, como uma “enciclopédia viva”, com precisão, de fatos políticos e históricos, sobretudo do Acre. Na ocasião, também ele disse que Ciro Facundo sempre gostou de estar bem informado:

Ele ficava atento às oscilações dos posicionamentos dos tribunais e gostava de saber como alguns juristas se posicionavam sobre algumas matérias. "Como fulano de tal se manifesta?", perguntava Ciro Facundo. Essa percepção serviu para que ele identificasse, enquanto juiz, até as jurisprudências "inventadas" pelos advogados (...) As peças confeccionadas por Ciro Facundo sempre eram amparadas doutrinária e jurisprudencialmente (entrevista com Christopher Mariano - arquivo pessoal; 2019).

E, assim, em um modesto escritório, que não era propriamente para advogar quando da sua construção inicial, mas um local para Ciro Facundo ser encontrado, para receber visitas, que Christopher aprendera parte das lições que reputa mais preciosas com seu professor.

Fotografia 24 – Christopher e outros celebram o aniversário de Ciro Facundo no escritório



Fonte: Arquivo pessoal de Christopher Mariano

4.4.2. Adalcilene Pinheiro Araripe (servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).

Ao lembrar de Ciro Facundo, prontamente Adalcilene afirma que foi uma pessoa que a marcou não só como profissional, mas como ser humano. “Foi meu professor no Tribunal, na Universidade Federal do Acre, na vida”, frisa.

Em sua mente, ainda resta fresca a memória de quando teve seu primeiro contato com Ciro Facundo. Na UFAC, no início do período letivo, durante a execução da lista de chamada, após o pedido do nobre professor para que a pessoa levantasse a mão quando tivesse seu nome mencionado, apresentou-se como Adalcilene Pinheiro Araripe. Em retuque, ouviu de Ciro Facundo algo surpreendente: "Quero lhe dar os parabéns, porque você foi aprovada em quarto lugar no concurso de técnico judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Acre". Pouco tempo depois, fora convidada para estagiar com ele no Tribunal.

Ainda como professor, Ciro Facundo é lembrado por Adalcilene como alguém bastante acessível, que sempre interagiu com os alunos após as aulas ou durante os intervalos. Era ele também conhecido pelo emprego das expressões durante as aulas de Introdução à Ciência do Direito, e por ensinar, desde o primeiro período letivo do curso, que os alunos deveriam portarem-se com urbanidade, com traques de respeito, pois o trânsito deles nas instâncias formais demandaria tal cuidado.

Ao graduar-se, Adalcilene assessorou Ciro Facundo e, de perto, passou a acompanhá-lo nos trabalhos no Tribunal de Justiça. Mesmo em tempos em que processos eram físicos e que não existiam metas impostas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) a cumprir, Ciro Facundo era preocupado com a celeridade dos processos e possuía um olhar de justiça peculiar. Certa vez, dirigindo-se à sua equipe, disse: "Vamos julgar primeiro os mais antigos (processos). Não vamos deixar a parte esperando. As pessoas que vêm com processo ou um recurso precisam da nossa ajuda". Afinal, “justiça tardia, é justiça falha (não é justiça)”. E se porventura a parte que integra o processo, acompanhada por advogado, desejasse obter algum esclarecimento, prontamente era atendido.

A ideia de celeridade caminhava ao lado da de concisão. Cria Ciro Facundo que a equipe poderia trabalhar melhor neste último aspecto. Ele tinha percebido que os ministros dos Tribunais Superiores, como o Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal, na formação dos seus entendimentos, eram sucintos. Assim, buscou proceder de igual maneira, cooperando para uma melhor qualidade da tutela jurisdicional. Tal postura também constitui um importante legado de Ciro Facundo.

Possível também é afirmar que Ciro Facundo tinha uma preocupação muito grande com o meio ambiente. Ele determinou que Adalcilene e o restante da equipe que utilizassem sempre os dois lados do papel, embora tal medida não fosse comum neste período (os

advogados usavam, por exemplo, apenas um lado das folhas nas petições). Posteriormente, a Desembargadora Regina Longuini adotou a mesma postura: "Vamos salvar o planeta!".

Com carinho Adalcilene recorda que Ciro Facundo sempre tinha um presente para dar para as crianças, seja um pirulito, um doce ou uma cadernetinha. Sobre essa matéria ele também tinha algo a ensinar: "Não é bom ter apenas um filho. O ideal é ter três filhos, porque se for um filho, este, em regra, se torna o centro das atenções, e se algo acontecer ao filho, grande ruína recai sobre o casal. Dois filhos implicam em comparações constantes e em competitividade. O número de 3 filhos implica em equilíbrio". Quando ouviu esse conselho de Ciro Facundo, Adalcilene tinha apenas um filho e parecia satisfeita quanto ao número. Curiosamente, ela veio a ter três filhos, no total.

Também, acerca do mundo infanto-juvenil, Adalcilene lembra que em determinada oportunidade estava no trabalho e recebeu a notícia de que sua filha, à época com sete anos, havia feito algo muito grave. Na ocasião, disse à filha, por telefone, que ela apanharia assim que a encontrasse em casa. Ciro Facundo, que atento estava à conversa, disse: "Você nunca deve dar peia com hora marcada". Ele contou, então, que, certa vez, um médico tomou conhecimento de que seu filho tinha feito algo muito grave. Esse profissional, que era conhecido por ser muito severo, disse ao filho que este iria apanhar a ponto de que nunca esqueceria desse fato. O garoto ficou tão consternado que se suicidou. "Fiquei chocada com o que ele falou. Ele pediu que eu ficasse calma, que criança era assim mesmo", rememora Adalcilene. O lado pacifista e conciliador era muito presente em Ciro Facundo.

Noutro dia, falara Adalcilene a sua irmã, que reside no nordeste brasileiro, que lhe faria uma visita em data inesperada, isto é, uma viagem surpresa. Novamente Ciro Facundo estava atento à conversa. Finda a conversa entre as duas, prontamente dirigiu a palavra a Adalcilene: "Nunca faça uma viagem surpresa. Lembre-se da história do 'Pequeno príncipe'. 'Se me disser a que hora vens, sempre estarei esperando'. É bom você avisar e ser esperado".

A amada Jaguaribe permeava o imaginário de todos os subordinados de Ciro Facundo, já que sempre lhes eram contadas histórias do lugar. Adalcilene conta que Ciro Facundo, quando mais novo, em visita à irmã dele em Jaguaribe, questionou acerca de uma sobremesa cujo nome desconhecia. Lembrava que tão somente era gelada e doce e que havia sido oferecida por uma namorada. A irmã prontamente identificou como pudim e, desde então, passou a fazer a iguaria sempre que Ciro Facundo ia visita-la.

Por fim, durante a sessão de aposentadoria compulsória de Ciro Facundo (a regra geral impunha a necessidade de servidores obrigatoriamente se aposentarem assim que completassem setenta anos), foi lembrada por Ciro Facundo em discurso por ele proferido. A

cerimônia, apesar de muito bela, foi marcada por um grande lamento pela existência da referida regra, pois, para muitos, Ciro Facundo estava no auge da sua produtividade. O obstáculo legal parece não respeitar o desenvolvimento intelectual humano, a julgar pelos senadores em Roma, que tinham, em regra, mais de 60 anos, uma idade em que se acreditava ter o ser humano acumulado muito conhecimento e sabedoria.

4.4.3. Francisco Djalma (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).

Iniciei, em 23 de julho de 2018, um ciclo de conversas com desembargadores que conviveram com Ciro Facundo. O primeiro deles foi o Dr. Francisco Djalma, à época Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Acre.

Em princípio, o entrevistado destacou que Ciro Facundo impressionava muita pela retórica. Era um discurso que não cansava, não era algo enfadonho ou sisudo. “Ficávamos calados para escutar”, recorda. Além de preparado, era muito humano, o que era refletido em suas decisões e fazia dele uma referência muito grande junto aos colegas. A Des. Regina Longuini, por exemplo, adorava ele.

Até a imprensa se rendia a Ciro Facundo! Assevera Djalma que nunca viu uma crítica da imprensa àquele. Pelo contrário, os registros eram sempre de elogios.

Destaca Djalma que, para os membros da magistratura, a aposentadoria de Ciro Facundo foi um momento muito marcante. Para as pessoas mais próximas, Ciro Facundo entregou uma peça de trabalho, no ato. Para Noeme, sua esposa, ele entregou sua toga. “Foi um momento muito bonito”, lembra.

Muita falta faz Ciro Facundo ao Tribunal porque ele é um pacificador muito habilidoso. Pontua Djalma uma ocasião em que estava saindo do fórum por volta das 20hs, acompanhado pela colega Denise Bonfim (eram juízes da 1ª e 2ª vara cível, respectivamente). Na saída, havia um oficial de justiça ladeado por uma mulher, uma criança e um homem. A criança chorava porque não queria ir com o rapaz, que era seu pai. Na oportunidade, discorreu o oficial de justiça acerca do imbróglio, indicando que deferira o magistrado da causa a medida de tutela antecipada para que a criança ficasse sob a guarda com o pai, que praticamente nunca tinha tido contato com o infante. Ele e Denise tentaram demover o colega magistrado da ideia que ensejou a decisão, mas não obtiveram sucesso. Enquanto diretor do fórum no período, ele decidiu recorrer ao des. Ciro Facundo. Este, que estava na condição de presidente do Tribunal, após ouvir atentamente sobre as peculiaridades do caso, não hesitou em revogar a decisão daquele magistrado e reestabelecer a ordem.

Sem qualquer pretensão ou interesse, Ciro Facundo se dispunha a ensinar e a ajudar seus colegas não só em casos complexos (vide caso Hildebrando Pascoal), mas em diversas outras situações. Djalma, por exemplo, reconhece que chegou até a FIB-FAAO e para a UFAC pelas mãos de Ciro Facundo. Também, carinhosamente guarda a lembrança do período em que prestou prova oral para o cargo de Juiz de Direito do Estado do Acre, em 1987, no antigo prédio do TJ. Na ocasião, Ciro Facundo adentrou a sala de espera onde aguardavam a avaliação Djalma e outros candidatos e os confortou com palavras. Ciro Facundo era juiz de Cruzeiro do Sul à época.

As qualidades de Ciro Facundo enquanto gestor também foram objeto de destaque. “Foi uma das administrações de maior proveito que a magistratura já teve”, afirma Djalma. O período de informatização passou por ele, bem como a construção de diversos fóruns à época. Ainda, Ciro Facundo não tinha dificuldades quanto à comunicação com os colegas, de maneira geral (incluindo partes do processo e advogados). Ele recebia a todos e os problemas que lhe eram apresentados eram rapidamente resolvidos, se estivessem dentro da sua esfera de atuação.

Fotografia 25 – Visita do desembargador Francisco Djalma a Ciro Facundo



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

4.4.4. Samoel Evangelista (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre)

Quando da nossa entrevista, logo percebi que as emotivas palavras iniciais de Samoel indicariam a grande profundidade dos relatos que estavam por vir. “É uma imensa honra falar de Ciro Facundo porque temos quase uma relação de pai e filho”, asseverou.

Ainda na década de 70, o Tribunal de Justiça do Estado do Acre funcionava quase com toda sua estrutura onde hoje é o Museu do Tribunal, no Fórum Barão de Rio Branco.

Nesse período, Samoel estudava na antiga Escola Normal Lourenço Filho. Quando ele saía da aula à noite, não raro passava em frente onde era a sede do Tribunal, que era onde

funcionavam as sessões do júri. Da janela ele observava o que se passava lá dentro e, certa vez, acompanhou o desempenho do então advogado Ciro Facundo numa das sessões. Ciro Facundo, segundo ele, já era muito conhecido na época. Neste tempo, o marcou o “caso dos castradores”, que envolvia a família Moraes, e como já foi descrito anteriormente nesse trabalho, foi um fator motivacional para ele viesse a cursar Direito depois.

Os caminhos de Samoel e Ciro Facundo se cruzaram pela primeira vez na década de 70, quando o Acre estava sob governo de Joaquim Macedo, e, conseqüentemente, a Secretaria de Segurança Pública comandada por Ciro Facundo. Samoel, que desde os 14 anos labora na área da segurança pública, no período era diretor do que hoje é o Instituto de Identificação Criminal (à época, um mero departamento). Por atuarem juntos frequentemente, os vínculos entre ambos se estreitou, de modo que não tardou para que Ciro Facundo convidasse Samoel para chefiar seu gabinete, no âmbito da Secretaria. Os dois se aproximaram ainda mais nesse tempo.

Lembra Samoel que nas épocas de carnaval era comum os secretários de segurança emitirem portarias proibindo consumo de bebida alcoólica no período. Marcante foi a postura de Ciro Facundo quanto ao tema. Ele se negou a agir assim, pois entendia que a medida apenas atingia os pobres. Costumava ele dizer: "O pobre não deixará de beber sua cachaça enquanto os ricos estão pelos clubes tomando whisky". As marcas da retidão e da compaixão mais uma vez restaram evidenciadas no comportamento de Ciro Facundo, algo que foi notado não só por Samoel, mas por diversos outros profissionais, vide o Conselho do Norte dos Secretários de Segurança Pública, esfera onde Ciro Facundo sempre foi muito admirado e respeitado.

Digno de nota é que acerca desse espaço de tempo de trabalho conjunto na Secretária de Segurança Pública, Samoel parece lembrar de muitos mais detalhes que Ciro Facundo. A título de exemplo, destaca Samoel que Ciro Facundo, na sua gestão, muito investiu em recursos humanos. Ele admitiu diversas pessoas no serviço público (à época sob o regime celetista), sempre muito bem qualificadas. Ele nomeou várias pessoas para atuarem como delegado de polícia (não era necessário concurso público), tendo sido um dos primeiros a chamar bacharéis em Direito para trabalhar nessa condição, antecipando em décadas o que viria a se tornar uma exigência legal, no futuro.

Aparentemente, os caminhos de Samoel e Ciro Facundo não mais voltariam a se cruzar após a aprovação daquele no concurso do Ministério Público, em 1985. “Achei que nossas vidas se separariam ali”, recorda Samoel. A larga experiência de Samoel na área de Segurança Pública o conduziu ao cargo de Secretário dessa pasta, em 1986. Não muito tempo

depois, ele retornou para Tarauacá, para novamente atuar como promotor de justiça. Neste momento ele tomou conhecimento de que Ciro Facundo havia passado no concurso para a magistratura acreana.

Em determinado dia do ano de 1987, o Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público ligou para Samoel e disse que este precisaria passar uma semana em Cruzeiro do Sul para substituir um colega em férias e fazer alguns júris que estavam previamente marcados. Em sua ida, deparou-se com Ciro Facundo como juiz da comarca. Nessa e em outras ocasiões vindouras, ambos atuaram juntos.

Com alegria Samoel se recorda desse momento de sua vida; afinal, não só seu contato com Ciro Facundo se tornou frequente novamente, mas ele percebeu que o senso de promoção de justiça presente no Ciro Facundo-advogado que conhecera muitos anos atrás, permaneceu incólume no Ciro Facundo-magistrado. De lhaneza ímpar, o trato de Ciro Facundo para com os servidores, os colegas de trabalho, os advogados e a comunidade era exemplar, segundo Samoel. Nada disso comprometia sua imparcialidade.

O tempo de ambos em Cruzeiro do Sul é também marcado por diversas histórias engraçadas. Uma delas está relacionada às duas residências oficiais do Poder Judiciário existentes na cidade (posteriormente, quando Samoel foi presidente, ele as transformou em setores de serviços). Como era de praxe, sempre que chegavam alguns juízes na comarca era feita uma recepção por parte da comunidade jurídica local. Como promotor de justiça, Samoel foi ao encontro para receber dois juízes: Adair Longuini e Pedro Ranzi. Ciro Facundo morava na residência da frente. Restara acertado, no período, que Pedro Ranzi, melhor qualificado no concurso de ingresso, iria ocupar a residência da frente; Adair, a de trás. No jantar de recepção, Ciro Facundo começou a contar histórias de fantasmas. Disse ele, na ocasião, que quando ia ao fórum à noite, quando estava com dificuldade sobre como julgar um processo, ele invocava os espíritos de alguns juízes que tinham passado por lá e tinham morrido. Rapidamente um deles nele incorporava e a decisão surgia. Ainda, disse que nessa casa onde ele morava era comum enquanto estava deitado e estava muito calor os espíritos aparecerem e balançarem a rede. Com medo, Adair foi morar na casa da frente com Pedro Ranzi. Como se percebe, com muito bom humor Ciro Facundo lidava com as tarefas cotidianas. E contar histórias era um dos seus hábitos!

Em dado momento da entrevista Samoel destaca que Ciro Facundo gostava muito da ideia de ir trabalhar em Rio Branco. Quando isso aconteceu, todavia, uma semana após a chegada, Ciro Facundo, atordoado, disse ao seu amigo: "Ah, Samuel, aí eu era um juiz, aqui eu sou apenas mais um". Apesar das dificuldades, Ciro Facundo moldou-se à nova realidade.

Os dois amigos, anos depois, trabalhariam juntos novamente como desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Acre

Lembra Samoel da sua ida para o Tribunal em 2002. Ciro Facundo era Vice-Presidente à época (Arquilau era o presidente). Ciro Facundo compunha a Câmara Cível excepcionalmente como vice-presidente. Designado para ocupar esse espaço em definitivo, com uma grande quantidade de processos, lembra de ter ouvido de Ciro Facundo, aos risos: "Eu estava aqui só 'tapando buracos', é você quem vai assumir isso aqui".

Em seguida, em 2003, Ciro Facundo e Samoel alcançaram a presidência do Tribunal, sendo o primeiro presidente e o segundo vice, respectivamente. Samoel é eternamente grato a Ciro Facundo pela experiência adquirida no cargo, pois foi onde passou a conhecer profundamente a estrutura do Tribunal. Ciro Facundo confiava a ele várias atribuições, por meio de delegação. Ante esse profícuo período, quando veio a ser presidente do Tribunal no biênio 2005-2007, Samoel alega não ter sentido dificuldades para gerir os interesses da instituição.

Do tempo em que laborou com Ciro Facundo na presidência, Samoel destaca que o amigo construiu diversos Centros Integrados de Cidadania (CIC's) no Acre. Em dado momento, foram angariar recursos junto ao governo federal para a implantação das medidas. Como as autoridades já conheciam a experiência do Projeto Cidadão, sugeriram à época que o Poder Judiciário acreano desenvolvesse um projeto que tornasse o Projeto Cidadão não temporário, mas fixo. Foi aí que surgiu a concepção dos CIC's. Tal como sucedera no Projeto Cidadão, os CIC's continuaram com a expedição de documentos e registros civis, em favor da população. A ideia era priorizar os locais que não tinham fóruns. Lugares como Epitaciolândia, Porto Valter, Marechal Taumaturgo e Rodrigues Alves passaram a ter, 10 anos depois, aproximadamente, os CIC's transformados em fóruns.

Ademais, ao longo do período de gestão, Ciro Facundo conseguiu recursos para adquirir muitos veículos. Também, investiu bastante no Centro de Capacitação dos Servidores, que até então era apartado da Escola da Magistratura. Ele trouxe para o âmbito da Escola o referido Centro, permitindo maior integração entre os membros e os servidores do Poder Judiciário.

Como magistrado, Samoel descreve que Ciro Facundo sempre foi muito respeitado entre os juízes e no Tribunal. Seus posicionamentos eram sempre muito bem fundamentados, embora representasse minoria em alguns casos.

Para o entrevistado, Ciro Facundo sempre encarnou a figura do “paizão”. Até mesmo quando este presidia júris, após ler a sentença, retirava um tempo para dar conselhos ao condenado.

Assim que Samoel mencionou a palavra “conselho”, fui tomado pela curiosidade de saber se ele guardava consigo algum que lhe tenha sido dado por Ciro Facundo. De pronto, a resposta foi afirmativa.

Um dos conselhos remete ao fim da década de 80, quando Samoel foi convidado a ser secretário de segurança pública pela segunda vez (ele já tinha ocupado tal posição, no passado, durante o governo Nabor Júnior). Naquela oportunidade, o convite foi feito por Édson Simão Cadaxo, vice-governador que assumiu a chefia do Executivo em um mandato tampão de 11 meses, após o governador Flaviano Melo ter se afastado para assumir o senado. Não sabia Samoel como proceder na hora. Internamente, revela que não queria assumir, mas não tomaria essa decisão sem antes ponderar bem a respeito da questão. Precisando ele de conselho, não exitou em pedi-lo a Ciro Facundo. Este, que já havia vivenciado situação semelhante, assim se manifestou: "Samuel, eu e você fomos secretários porque tínhamos a vaidade de dizer um dia que isso fizemos pra nossos filhos. Com 11 meses você vai fazer o quê? Para quê novamente se submeter aos holofotes?". Em seguida, Samoel formalmente recusou o convite.

Outro conselho importante foi dado quando do período de trabalho de ambos em Cruzeiro do Sul. Certa vez, estava Samoel saindo da unidade da Promotoria com vários processos debaixo do braço quando encontrou Ciro Facundo na porta do gabinete dele. Este interpelou-o dizendo: "Você vai pra onde, Samuel"? A réplica: “pra casa”. "Não faça isso; fique até meia noite no fórum, se necessário; mas a sua é a sua casa. Nunca misture isso", frisou o nobre magistrado. Desde então, nunca mais Samoel levou consigo trabalhos para casa.

Uma outra lição que Samoel carregou consigo diz respeito à maneira como o orador deve se portar diante do público. Recorda o entrevistado que quando alguém começava a discursar e que demorava muito no ato, Ciro Facundo dizia: "Olhe, discurso não pode durar mais do que 7 minutos; fale pouco, fale claro".

Por essas e muitas outras “pequenas” coisas, o homem que sempre elogiou muito Jaguaribe e disse de lá ter nascido Clóvis Bevilácqua, o maior juriconsulto das Américas, é carinhosamente lembrado por todos. Não por outra razão a cerimônia de aposentadoria dele foi tão marcante. Afirma Samoel que esse ato carregado de simbolismo foi inédito. Não houve registro anterior ou sequer depois de algo semelhante no Tribunal de Justiça.

Por fim, Samoel lamenta muito não ter sido aluno de Ciro Facundo na Universidade Federal do Acre. Embora ele fosse já professor da instituição quando de seu ingresso, salvo engano ele estava afastado das atividades docentes em razão de um curso de capacitação, algo não incomum para um magistrado que busca aperfeiçoar-se no exercício de suas funções.

4.4.5. Pedro Ranzi (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Acre)

A história de Pedro Ranzi se entrelaça com a de Ciro Facundo em diversos momentos. A começar pela chegada de ambos no Acre na década de 60, Ciro Facundo em 1964 e ele em 19 de fevereiro de 1969, também se destacam o bacharelado em Direito pela Universidade Federal do Acre nos anos 70, o posterior compromisso institucional dos dois enquanto professores da casa, Pedro Ranzi lecionava Direito Administrativo e Ciro Facundo Introdução à Ciência do Direito e o exercício da judicatura em Cruzeiro do Sul.

Quanto a este último evento, a ida de Pedro Ranzi teve por fim substituir definitivamente Ciro Facundo na comarca, uma vez que este passaria a laborar em Rio Branco. Como foram criadas duas varas à época em Cruzeiro do Sul, Adair Longuini ocupou a de natureza cível e Pedro Ranzi a de caráter criminal. Curiosamente, como se extrai do relato de Samoel Evangelista, Pedro Ranzi é um dos personagens da história dos fantasmas das residências oficiais de Cruzeiro do Sul, contada por Ciro Facundo.

Quando do ingresso de Pedro na Universidade Federal do Acre, em 1973, Ciro Facundo já era um advogado renomado. Novamente vem à tona, nesta parte da entrevista, a lembrança do júri do "caso dos castradores". Ato contínuo, foi destacada a postura de Ciro Facundo enquanto tribuno, alguém que dispunha sempre de uma fala bem empostada, hábil para fins de convencimento.

Em seguida, como magistrado, teve mais recursos para promover justiça nos casos que lhe eram confiados. Entre as metas profissionais que tinha, nunca escondeu que almejava o desembargo. "Nem que eu vá de bengala, quero ser desembargador", dizia Ciro Facundo, segundo Pedro Ranzi.

Já como desembargador, sabe-se que as habilidades de Ciro Facundo como gestor dos interesses do Poder Judiciário foram levadas à prova. E eram impressionantes, de acordo com Pedro Ranzi. Na entrevista que realizei neste dia, restou evidenciado que foi Ciro Facundo o principal interlocutor para levar atividades do Tribunal de Justiça para dentro do FIRB-FAAO (passou a funcionar uma unidade de Juizado Especial lá), importante espaço universitário.

Ainda, como presidente do Tribunal, por meio de articulações políticas, Ciro Facundo conseguiu uma emenda parlamentar federal de bancada (11 milhões) para expandir as

atividades do Tribunal no Acre. Houve informatização ampla nesse período. Tudo isso Ciro Facundo fez em um momento reputado complicado sob o prisma político, uma vez que seu mandato coincidiu com o fim da Era Orleir Cameli e o início de gestões sucessivas do Partido dos Trabalhadores, iniciada por Jorge Viana.

Ultrapassadas as considerações profissionais sobre Ciro Facundo, Pedro, sentindo-se mais à vontade, revelou curiosidades acerca do seu colega e importantes conselhos que deste recebera.

Além de gostar de contar histórias e ser um apreciador de whisky, “Ciro Facundo gostava de novela. Era bem franco quanto à isso e às vezes se despedia de todos para poder assistir”, conta Pedro aos risos.

Os risos dão lugar a um semblante contemplativo, como de alguém que, com admiração, está a recordar de algo precioso. Nesse momento, discorre Pedro sobre um fato marcante: em certo momento da sua carreira, um colega o chamou para "quebrar um galho" em outra unidade, alegando que precisava de ajuda. Ciro Facundo tinha lhe dito o seguinte, à época: "não vá; não largue o que é seu". Contudo, Pedro deixou sua unidade jurisdicional e foi cuidar do espaço ocupado pelo amigo. O desfecho da situação foi bastante negativa: na ausência de Pedro Ranzi em sua unidade de origem, quem o substituiu implicou na sua ida à Corregedoria por algumas vezes, em razão da má gestão.

4.4.6. Kátia Rejane (Procuradora-Geral de Justiça do Ministério Público do Estado do Acre)

A maior parte das recordações de nossa entrevistada são do período da sua graduação em Direito, de como as aulas ministradas por Ciro Facundo eram bastante prestigiadas. Acerca desse tempo, são suas palavras:

Ele sempre foi um professor muito didático. Fui agraciada em ter cursado Introdução à Ciência do Direito com o Prof. Ciro Facundo. As aulas eram bem ilustrativas. Ele contava vários casos, o que era importante para que fixássemos a matéria. Eram sempre atuais as discussões. Era tudo trazido de forma muito leve e cativante. A experiência serviu de base para as disciplinas estudadas posteriormente.

(...)

Geralmente as autoridades inspiram temor naqueles que estão ingressando no mundo jurídico. Todavia, mesmo sendo desembargador, sempre Ciro Facundo se revestia do manto de professor, prescindida de uma relação protocolar. Ele era muito acessível. (Fonte: arquivo pessoal)

Nesse sentido, cabe o lembrete de Ciro Facundo acerca da metodologia que empregara em suas aulas: “Eu achava importante que eu trouxesse a matéria para o campo da vida, para as atividades humanas. Quando eu dava exemplos no curso do Direito, e isso eu fiz muito, era dar com coisas tópicas, que vemos no dia a dia.”

Sob a perspectiva da à época discente Kátia Rejane, vê-se que o método utilizado por Ciro Facundo para a transmissão do conhecimento lhe foi muito útil, já que não só promovia a assimilação do conteúdo ministrado, como também “serviu de base para as disciplinas estudadas posteriormente”. Aqui se percebe a marca impressa pelo professor.

Já como promotora de justiça, Kátia Rejane lembra das decisões emanadas por Ciro Facundo, cujas exposições eram muito bem tecnicamente fundamentadas. Tal como outros entrevistados, ela destacou que mesmo nas divergências de entendimento entre os pares, ele era muito respeitado.

4.4.7. Simone Jacques Azambuja Santiago (Subdefensora-Geral da Defensoria Pública do Estado do Acre).

Embora não tenha sido aluna efetiva da disciplina que Ciro Facundo lecionava na Universidade Federal do Acre, Simone Santiago tem por muito marcante uma aula magna proferida por ele em 1996, na qual ele pôde expor sua experiência enquanto juiz e desembargador. Como Simone estava iniciando sua graduação em Direito, as palavras ditas pelo professor naquele dia foram inspiradoras, dando-lhe certeza de que estava no curso adequado às suas pretensões.

Por outro lado, Simone trabalhou na Faculdade da Amazônia Ocidental (FAAO) durante 10 anos, lugar onde também Ciro Facundo exerceu a docência. Sempre reverenciado por todos, Ciro Facundo, que era um dos professores que iniciou os trabalhos por lá, emprega seu nome a uma das salas do local. Destaca Simone que ele era conhecido, também, pela cordialidade e atenção dadas aos colegas e aos alunos.

4.4.8. Francisco Pereira da Costa (Coordenador do Curso de Direito da UFAC).

O atual coordenador do Curso de Direito da Universidade Federal do Acre, Francisco Pereira da Costa, foi aluno de Ciro Facundo no passado. Em março de 1992, quando iniciava sua graduação em Direito na UFAC, Francisco frequentou aulas de Introdução à Ciência do Direito, disciplina que tinha Ciro Facundo por professor. Além de Ciro Facundo discorrer sobre Direito, enquanto ciência, a partir de casos concretos, sempre falava de Jaguaribe de

uma maneira bem carinhosa, era ele reputado um professor extremamente aberto ao diálogo, sendo comum vê-lo nos corredores interagindo com os colegas.

Ademais, Ciro Facundo era muito atencioso às demandas do curso de Direito. Quando presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, ouvira a comunidade acadêmica para implementar nos Centros Integrados de Cidadania (CICs) ações voltadas ao combate contra a violência contra a mulher.

Anos depois, quando a UFAC estava sob gestão da professora Olinda Batista Assmar, via resolução, foi criada uma turma de Direito em Cruzeiro do Sul. Entedia-se, à época, que não havia a necessidade de criação de turmas ano após ano. A ideal original era formar uma turma e depois iniciar outra. A ideia teve tanto sucesso que o MEC gostou da proposta e encampou a ideia de que o curso se tornasse regular. Ciro Facundo, que foi um dos principais envolvidos na articulação da formação do referido curso, inclusive colocando-se à disposição para ministrar aulas no novo campus, tinha viva em si uma enorme preocupação social.

4.4.9. Nassara Nasserála (Servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Acre).

Quis propositalmente deixar por último o registro mais emotivo, talvez, que colhi durante o período de entrevistas. Nassara Nasserála atualmente é servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Acre e por meio das seguintes palavras tenta resumir o que para ela significa ter convivido com Ciro Facundo com considerável intensidade:

Conheci o Dr. Ciro Facundo no primeiro ano de faculdade (2007). Lecionava a disciplina mais importante para um jovem estudante de Direito cheio de sonhos como eu: Introdução ao Estudo do Direito. E não tive dúvidas: Seria ele, o magistrado, o mestre que usaria como espelho para o meu caminhar profissional.

De aluna logo me tornei estagiária, amiga, fã e ainda posso dizer que me sinto como neta. O carinho é real e impossível não sê-lo por alguém que esbanja o amor por onde passa.

Não tenho qualquer lembrança de um "franzir de testa", de alteração de timbre durante nossa convivência. Sempre com um sorriso no rosto, tinha prazer pelo ensinar, lecionar e motivar.

Como magistrado: serenidade e pacificação. Como advogado: um perfeito escritor. Durante o júri: o melhor ator. Na Secretaria de Segurança: a firmeza e sabedoria. Como professor: um incentivador. Como homem: integridade, verdade. Para a astrologia: o coração grande e amigo de um verdadeiro canceriano. E eu bem sei reconhecer um, já que também sou (risos). Para o Acre: um presente.

É uma enciclopédia viva e, por assim ser, um dos melhores contadores de história que já vi. Possui um olhar atento ao próximo, ao cidadão que procurava justiça, ao aluno que procurava esperança, ao amigo que procurava um bom conselho. Tudo isso sem perder a humildade e o orgulho ao lembrar-se de onde veio e tudo que teve que enfrentar.

Jaguaribe deve ser mesmo muito especial, como ele sempre fez mencionar. Trouxe-nos Dr. Ciro Facundo, mudou a história do nosso Estado e a minha. Minha eterna gratidão e promessa de que carregarei comigo todas as suas lições. (Fonte: arquivo pessoal).

Em honra ao tempo de convívio e ao que Ciro Facundo para ela representa, Nassara dedicou a este um poema, qual seja:

"Para que nenhuma palavra se perca
E que todo sentimento transpareça,
em versos lhes digo:
Jamais existirá alguém como Dr. Ciro Facundo.
Voz serena, olhar sincero, coração acolhedor.
De pai,
De vô,
Chefe, amigo...
Um professor"
De direito e respeito.
Da arte da vida, de ser mais que um julgador.
Fez da justiça sua arte
Reescrevendo a história do Acre,
Com o resplendor da sua estrela interior.
Que até hoje brilha em suas histórias
Na minha memória e na sua, caro leitor.
"Era uma vez o jovem da pequena Jaguaribe..."

Do carinho e da admiração contidas nas palavras acima se extrai que o professor Ciro Facundo interfere claramente na constituição do discurso da estudante e vice-versa. Ele e Nassara, bem como todas as pessoas que depuseram anteriormente, são transformados nesse processo. É o discurso pedagógico, portanto, um lugar de interação, que cria um novo espaço de significação para os sujeitos envolvidos (FREITAS; SAMPAIO, 2010).

5 O POLÍTICO

Tradicionalmente, quando se menciona que alguém é “político”, extrai-se como um dos sentidos mais comuns desta palavra aquele referente à pessoa que ocupa algum cargo na Administração Pública ou no Poder Legislativo.

Confesso que, quando da aproximação inicial com o Sr. Ciro Facundo, meu objeto de estudo neste trabalho, não imaginei que ele, no passado, tivesse experimentado a política, no sentido acima demonstrado.

O pai dele, em dado momento, chegou a ser candidato a vereador em Jaguaribe, município do Ceará. Embora fosse muito querido, não tinha propensão alguma para esse meio, lembra Ciro Facundo. Nesse período, estimavam-se como necessários 200 votos para que alguém pudesse ser eleito vereador. Como as cédulas de votação eram compradas, o pai adquiriu só duzentas. Uma vez feita a distribuição de todas, sempre que buscavam as cédulas dele para votação, o grupo de interessados era dispensado. Após a abertura das urnas, foram constatados 180 votos em favor do pai do Ciro Facundo, número insuficiente para que fosse eleito. Essa foi sua única experiência nesse universo.

Curiosamente, não foi esse fato narrado ou a possível influência do pai que motivou o professor (confessa Ciro Facundo que seu pai não gostava verdadeiramente da política) a interessar-se pela área.

Segundo Ciro Facundo, ele tinha 18 anos quando se apaixonou pela política. À época, por compadecer-se da pobreza do bairro Pirambu (Fortaleza - CE), lugar onde trabalhava e caracterizado por ter várias indústrias, habitantes muito necessitados e ruas sem estruturas, bem como pelo contato com o Partido da Representação Popular (PRP), através de folhetins e outros meios de propaganda eleitoral, filiou-se à referida agremiação política.

Em verdade, o PRP era apenas a materialização formal, para fins de cumprimento da legislação eleitoral, da Ação Integralista Brasileira, cujo líder era Plínio Salgado, alguém que era visto por Ciro Facundo como escritor notável, sociólogo renomado, homem culto, orador de “mão cheia”, alguém, por fim, que indevidamente era chamado de líder nazista, embora suas matrizes ideológicas fossem outras.

Ora, é perceptível a admiração que Ciro Facundo tem por Plínio enquanto discorre acerca deste. Durante nossa entrevista, a fala pausada, intercalada por olhares para o alto, revela a atitude de quem, sem pressa, revive com alegria as lembranças enquanto as revela ao mundo. Recorda-se que tinha todas as obras do seu líder (estima que sejam mais de 40 livros); todavia, em razão de uma alagação, todas se perderam ou foram gravemente deterioradas.

O caráter fundamental e determinante da influência exercida por Plínio Salgado sobre Ciro Facundo ajuda a compreender a noção de geração e as posturas que este veio a tomar ao longo da sua trajetória profissional. Nesse sentido:

“O postulado que preside o estudo da noção de geração é o de uma influência fundamental dessas determinantes sobre o comportamento político daqueles que foram submetidos a elas, capaz de explicar várias de suas atitudes concretas durante o tempo de sua atividade partidária” (SIRINELLI, 2003, p. 72).

Em virtude do período na Ação Integralista Brasileira, Ciro Facundo desde cedo aprendeu a manifestar suas opiniões. É que Plínio Salgado tinha uma preocupação com a ala jovem. Ele criou os Centros Culturais da Juventude, componentes do Movimento Águia Branca, de maneira que mensalmente ocorriam reuniões para a discussão de temas da literatura. Por exemplo, se em um encontro um jovem discorria sobre José de Alencar, a outro incumbiria abordar as obras Joaquim Nabuco. Sempre havia alguém pré-determinado para ministrar algo nesses eventos. Daí veio também a afeição de Ciro Facundo pela leitura.

Uma das lições que Ciro Facundo assimilou de seu mentor foi a de como se portar perante o público, sobretudo nas ocasiões em que necessário seria discursar. Como era um grande orador, Plínio Salgado instigava todas as pessoas a ouvi-lo por longos períodos de tempo. Os discursos de 3 horas de duração eram praxe. Contudo, técnicas eram empregadas para que a atenção dos ouvintes fosse mantida. Relata Ciro Facundo que a cada 40 minutos de exposição oral de Plínio, quando já se percebia o incômodo ou a dispersão em parte do público, uma piada, que devia ter pertinência com o tema abordado, era contada. Eventuais monotonias eram, assim, quebradas.

“Quando você ri, você se liberta”, lembra Ciro Facundo, com carinho, das palavras ditas por Plínio, certa vez. Tal técnica Plínio dominava magistralmente. Ciro Facundo seguiria os mesmos passos, replicando-a anos depois em seus discursos. “Eu contava muitas histórias e piadas”. Todos riam e voltavam a concentrar-se, na expectativa já de quando seria a próxima parada.

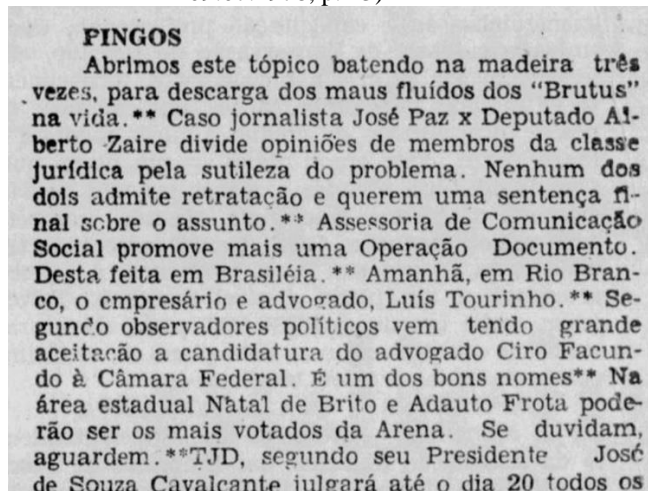
Foi com idade próxima aos 30 anos que Ciro Facundo, já residindo no Acre, candidatou-se a deputado federal. Era a época da Revolução de 64, dizia . Ciro Facundo utiliza “Revolução” ao invés de “Ditadura” por enxergar no movimento intenções louváveis, apesar dos erros. A propaganda eleitoral efetiva, digo, com abordagem de aspectos de campanha e de críticas aos opositores, era possível apenas através de comícios, eventos que reuniam, em regra, pessoas para ouvir um candidato político em campanha.

Em período eleitoral, os comícios ocorriam na capital e em todo interior do Estado. Eram lotados. Frisa Ciro Facundo que, hoje, se a “atração” não for um nome de muita

expressão no cenário, ninguém comparece ao evento. Perdeu-se o costume. Hoje as pessoas assistem pela televisão as propagandas eleitorais.

Durante sua juventude, Ciro Facundo assiduamente comparecia às reuniões do PRP. Quando se mudou para o Acre, ao longo dos seus 27 anos, filiou-se ao partido Arena e, não tarde, candidatou-se a deputado federal. A cobertura feita pela imprensa, sobretudo pelo periódico “O JORNAL”, foi intensa:

Fotografia 26 – Ciro Facundo cotado para a Câmara Federal (O JORNAL, edição n.º 00057, de 09.07.1978, p. 13)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Em nove de julho de 1978, Ciro Facundo foi mencionado pela primeira vez em um periódico como profissional que almeja um cargo político. Na ocasião, foi visto como um “bom nome”. Na lista de pretendentes na área estadual, a partir da análise do recorte acima, “Aduino Brito da Frota foi um grande promotor e que chegou a ser prefeito por duas vezes em Rio Branco”, destaca Ciro Facundo.

Poucos dias depois, na coluna política do mesmo periódico, O Jornal, Ciro Facundo é elogiado por seus atributos e por sua atuação como professor universitário. Ao seu lado, seu correligionário político, José Walter Martins, também aparece como pretendente a uma das cadeiras da Câmara Federal. Segundo Ciro Facundo, há uma impropriedade no excerto abaixo: José Walter Martins era advogado do Banco do Brasil, em verdade, e não funcionário do Banco do Estado do Acre.

Fotografia 27 – Qualidades de Ciro Facundo (O JORNAL, edição n.º 00058, de 17.07.1978, p. 14)

ADVOGADOS — Dois advogados pleiteiam pela Arena uma das cadeiras da Câmara Federal, em novembro: José Walter Martins, vitorioso dirigente do Banco do Estado do Acre, tributarista, desportista que teve suas glórias no passado, e ex-professor do ensino médio; o criminalista Ciro Facundo de Almeida, assessor jurídico do Banco do Estado, professor universitário, inteligente, culto, e dotado de grandes dotes de oratória. São duas forças jovens e de prestígio, em suas áreas, e que merecem o veredito popular.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

A confirmação de Ciro Facundo enquanto candidato a deputado federal pela ARENA, no Acre, foi noticiada em 31 de julho de 1978. Na divulgação feita acerca do evento, também foi noticiada a presença de Pedrinho Ranzi como candidato na área estadual, político que veio a tornar-se colega de Ciro Facundo nos quadros da magistratura acreana, anos depois. Na disputa por uma vaga no Senado, vale também a menção de Iris Célia Cabanellas, pessoa que é reconhecida por Ciro Facundo como “excelente professora”.

Fotografia 28 – Candidatos definidos (O JORNAL, edição n.º 00060, de 31.07.1978, p. 15)

CANDIDATOS DEFINIDOS. Após a realização da Convenção Regional da Arena, no último sábado, ficou decidido quem é quem na postulação a cargos eletivos no próximo pleito. O listão reúne nomes que por si só merecem o respaldo popular. Entre os novos candidatos aparecem nomes como Natal de Brito, Walter Felix de Sousa, Felix Bestene, Aloisio Maia, Valter Prado, Railda Pereira e Pedrinho Ranzi, estes, na área estadual, enquanto na federal a renovação ficou nos nomes de Ciro Facundo, Amilcar Queiroz e Walter Martins, já que Nossier Almeida, Wildy Viana e Osvaldo Coelho são políticos veteranos. No Senado, a novidade fica com Iris Célia Cabanellas. Somando-se estes aos demais candidatos da Arena — de igual quilate

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Nas edições seguintes do “O Jornal”, Ciro Facundo volta a ser lembrado:

Fotografia 29 – Ciro Facundo, um forte postulante (O JORNAL, edição n.º 00066, de 18.09.1978, p. 19)

ACRÉSCIMO. À lista dos prognósticos políticos publicada na coluna "Cidade em Revista" de O Rio Branco, na semana que passou, ao nosso entender cabe o acréscimo do nome de Ciro Facundo à mesma, como um dos mais fortes postulantes a terceira vaga da Arena na área federal, no próximo pleito. No restante concordamos com o articulista da tradicional coluna, no tocante às posições de Nosser Almeida e Wildy Viana como primeiro e segundo colocados respectivamente. (Luis Carlos)

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

A despeito da notícia reforçar o nome de Ciro Facundo como um prospecto relevante no pleito eleitoral daquele ano, cumpre observar o nome de Nosser Almeida como candidato a ganhar a primeira colocação na disputa. Sobre ele, comenta Ciro Facundo:

"Ele foi deputado federal durante muitos anos. No passado, eu muito o ajudei na campanha, porque eu era, na época, gerente da Exportadora Americana Ltda., uma empresa multinacional cuja sede era em Fortaleza, no Ceará. Meus chefes na empresa perguntaram quem eu achava que seria um bom candidato para apoiar. Eu disse: 'Nosser Almeida'. Aí eles me autorizaram a fazer despesas pró-Nosser Almeida. Aí eu pagava algumas despesaszinhas do Nosser, se quisesse fazer uma festa, eu pagava..." (série de entrevistas com Ciro Facundo - arquivo pessoal; 2019).

Mesmo quando envolto de interesses privados, é perceptível que a consciência e o discernimento de Ciro Facundo não descuidavam de avaliar o cenário político formado no Acre. O relato em questão apresenta um elemento novo à obra: a atuação dele enquanto articulador político, viabilizando financiamento de campanhas.

Em 04 de outubro de 1978, além dos registros de elogios à pessoa e à campanha de Ciro Facundo, as críticas destes ao cenário político foram destacadas pelo periódico:

Fotografia 30 – Ciro critica o cenário político (O JORNAL, edição n.º 00068, de 04.10.1978, p. 3)

+ + + **Ⓞ** **advogado e candidato a deputado federal, Ciro Facundo, mandando o povo votar em quem se interessa por seus problemas, cunhou uma frase lapidar: "Chega de deputado Copa do Mundo que só nos aparece aqui de quatro em quatro anos". + + +** **A informalidade**

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Fotografia 31 – Campanha bem produzida (O JORNAL, edição n.º 00068, de 04.10.1978, p. 13)

BARBA DE MOLHO. A ascensão do nome de **Ciro Facundo** na bolsa política já começa a inquietar certos candidatos que viam em sua pretensão de eleger-se deputado federal um simples sonho. Com uma campanha muito bem conduzida e que deverá atingir seu pique no momento exato, **Ciro Facundo**, como prevíamos, não está na parada como mero concorrente.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Quando da exposição desses fragmentos a **Ciro Facundo**, indaguei-o acerca das características de sua campanha à época que permitiriam as conclusões acima por parte do jornal. Prontamente ele respondeu:

“Primeiro, eu era um bom orador. Falava muito bem. Tinha facilidade. E outra: eu era professor muito conhecido. E a minha linguagem política para os outros era a de alguém que queria ver realmente o progresso do Acre, parar um pouco com essas influências políticas que só fazem mal. Por isso achavam que eu tinha muitas possibilidades e que eu realmente tinha como realizar. Quem me ajudou muito nisso foi **Paulo Pinheiro**. Ele veio pra cá na época recomendado por alguém para falar comigo. Ele veio de Fortaleza e se tornou meu amigo. Ainda hoje ele vive só disso. Ele adora isso. Quando ele veio pra cá, eu tive a impressão que ele era do SNI (Serviço Nacional de Informações), porque quando ele chegou aqui ele veio logo me procurar (...) E ele ficou aqui (...) Gente muito boa e de família tradicional no Ceará (...) Quanto ao jargão “Chega de deputado Copa do Mundo que só nos aparece aqui de quatro em quatro anos”, isso era com um dos deputados federais que era candidato que só vinha aqui na época de festas etc. (risos). Só aparecia de “quatro em quatro anos”. Isso era coisa do **Crica**, que até hoje tem um blog.” (série de entrevistas com **Ciro Facundo** - arquivo pessoal; 2019).

A campanha de **Ciro Facundo** foi muito rápida, baseada apenas em comícios. Neste tempo, ele aprendeu que na seara política a desconfiança imperava. Apesar de ter cabos eleitorais em **Feijó**, **Tarauacá**, **Cruzeiro do Sul** e outros lugares, por exemplo, não era possível confiar plenamente nas promessas de votos destes “funcionários”. É que, não raro, por um maior valor eles passavam a trabalhar secretamente em prol de adversários, influenciando pessoas a votarem nestes. Curiosamente, em **Rio Branco**, os alunos de **Ciro Facundo** no **Colégio Acreano** consubstanciavam uma grande massa de apoio em seu favor.

Nesse ínterim, eleições internas para o comando da Seccional Acre da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) estavam em curso. Em busca de mudanças, Ciro Facundo compôs a chapa contrária àquela que disputaria para manter-se no poder (e que veio a sagrar-se eleita). Esse fato está a mostrar que a atuação de Ciro Facundo e sua influência se espraiavam em diferentes setores da sociedade.

Fotografia 32 – Eleições na OAB-AC (O JORNAL, edição n.º 00075, de 23.11.1978, p. 2)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Ainda sobre as desconfianças que permeavam o meio político, relata Ciro Facundo que havia fortes indícios da presença de um espião em seu escritório político (que também era onde exercia seu labor enquanto advogado). Um sujeito oriundo da cidade de Senador Guimard supostamente tinha gostado muito de suas propostas de campanha e queria, portanto, ajudá-lo. Desde o ingresso do rapaz no comitê, estranhamente onde Ciro Facundo iria fazer um comício, de alguma forma essa informação chegava ao conhecimento do grupo político adversário. Assim, ao chegar no horário determinado para o comício, Ciro Facundo se deparava com o comício do outro candidato já em execução.

O adversário político do professor era uma pessoa muito conhecida na sociedade acreana: Amilcar Queiróz, genro do influente Jorge Lavocat.

Além do apoio da tradicional família Lavocat, que dispunha de uma considerável soma de recursos, Amilcar contou com a ajuda de Ilmar Galvão, advogado do Banco do Brasil alçado ao cargo de juiz federal por indicação política à época (veio a ser, anos depois, membro do Supremo Tribunal Federal).

Sem dinheiro próprio ou de terceiros para o financiamento, é possível afirmar que, ainda assim, a campanha eleitoral de Ciro Facundo foi um sucesso. Embora não tenha sido eleito, Ciro Facundo conseguiu uma boa colocação em número de votos, sobretudo porque, segundo ele, seu desempenho “era muito bom nos comícios”. À época, esse foi o resultado das urnas:

Fotografia 33 – Resultado das urnas (O JORNAL, edição n.º 00077, de 05.12.1978, p. 4)

ELEIÇÃO PROPORCIONAL PARA DEPUTADO FEDERAL								
ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL								
NOMES DOS CANDIDATOS	JUNTAS ELEITORAIS							TOTAL
	Rio Branco	Xapuri	Sena Madureira	Cruzeiro do Sul	Taranuá	Brasiléia	Feijó	
Amílcar Alves de Queiroz	4.219	319	1.009	592	430	393	590	7.552
Antônio dos Santos Pedreira	202	6	2	8	2	3	4	227
Ciro Facundo de Almeida	1.427	30	22	22	35	83	93	1.712
Edson Cardoso Nunes	381	35	37	30	1	63	—	547
José Walter Martins	342	21	71	67	5	13	211	730
João da Cruz Santana	27	—	2	259	3	1	1	293
Nosser de Almeida Tobu	2.598	416	338	4.250	310	41	152	8.105
Oswaldo de Carvalho Coelho	1.133	64	103	152	130	99	41	1.722
Omar Sabino de Paula	2.135	269	222	142	215	78	51	3.112
Wildy Vianna das Neves	4.465	360	400	112	274	849	186	6.646
Votos só de legenda	992	83	189	394	68	81	79	1.886
TOTAL DE VOTOS DE LEGENDA	17.921	1.603	2.395	6.028	1.473	1.704	1.408	32.532

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

O insucesso no pleito eleitoral para deputado federal, todavia, abriu novas oportunidades para Ciro Facundo. Já conhecido advogado criminalista no Acre, ele foi chamado para integrar o governo de Joaquim Macedo, iniciado em 1979, como Procurador-Geral do Estado, cargo de prestígio jurídico e de grande responsabilidade política.

Fotografia 34 – Ciro Facundo PGE (O JORNAL, edição n.º 00086, de 12.02.1979, p. 15)

Doutor Ciro Facundo de Almeida, cearense nascido em Mecejana, criado em Jaguaripe e formado pela Fundação Universidade Federal do Acre, em Direito, mereceu a confiança do futuro governador para ocupar o cargo de Procurador Geral do Estado. Candidato a deputado federal nas eleições parlamentares de novembro último, obteve 1 712 votos em todo o território estadual, pela legenda da Arena. Hábil e com elogiável prática forense, vai substituir o acreano Juraci Perez Magalhães, uma das mais vivas e sadias inteligências moças de nossa Terra.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Fotografia 35 – Ciro Facundo PGE (O JORNAL, edição n.º 00091, de 16.03.1979, p. 4)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Nesse cargo, para além das atribuições jurídicas voltadas à defesa dos interesses do Estado em sede judicial e extrajudicial, por não poucas vezes foi chamado para manifestar-se em temas de interesse geral, como educação, condições socioeconômicas da população acreana, criminalidade etc. Eis abaixo uma de suas entrevistas:

Fotografia 36 – Ciro comenta problemas sociais (O JORNAL, edição n.º 00094, de 16.04.1979, p. 6)

"Bebida, mulher, cobiça, educação, pobreza, aliados à falta de cultura e à atribulada vida na sociedade atual eis as razões determinantes da violência", opina o Procurador Geral do Estado — e respeitado criminólogo — Ciro Facundo de Almeida.

Ciro Facundo diz que "o Tribunal do Júri tanto condena como absolve, o julgamento vem do entendimento de seus membros que representam a sociedade. O Tribunal do Júri é uma necessidade e a cada dia se faz mais necessário. Acho que sua competência, inclusive, deveria abranger todos os crimes capitulados no Código Penal".

O Procurador Geral repele a observação de ser a colônia penal "uma colônia de férias": "É um estabelecimento penal que dentro de suas limitações vem atendendo aos fins para a qual foi criada. Recuperação de criminosos é outra coisa, não acredito em recuperação de criminosos somente pelo fato de ser preso, para tanto necessita-se de outros fatores".

Para coibir o crime Ciro Facundo de Almeida sugere "mais incentivos à educação, estímulo à religiosidade, melhoria sócio-econômica do homem, eliminação da fome e da pobreza extrema". Sobre a ação da Justiça e da Polícia, declara:

"A Justiça deve ser melhor aparelhada para dar andamento rápido a todos os feitos quer civis ou criminais. A Polícia, por sua vez, pode

melhorar a capacidade técnica de seus homens: através de cursos, estágios etc." O advogado não considera o Tribunal do Júri "bonzinho, é um tribunal de homens que podem acertar ou errar, o que importa é que sua justiça é a justiça dos homens e os tribunais superiores estão aí para modificar suas decisões quando não corretas".

Quanto ao problema do menor, tem causas diversas como a desagregação familiar, abandono, falta de amor dos pais, ausência de Deus nos lares, a fome, miséria, as facilidades do mundo moderno, a bebida, as drogas como condicionantes geradoras do problema da delinquência infanto-juvenil, em todo o mundo.

«CRESCER O ESTADO, CRESCER OS PROBLEMAS, OPINA ETELVINA PINTO»

Etelvina Ferreira de Farias Pinto, assistente social, ex-Secretária do Interior e Justiça, debita ao crescimento sócio-econômico do Estado a causa dos crimes de morte, principalmente na capital, e destaca como fatores e inadequada formação familiar, o desinteresse da sociedade pela sorte de seus semelhantes (como o menor abandonado) e o impressionante desrespeito à pessoa humana. Sobre as crônicas absolvições de criminosos pelo Tribunal do Júri, a sra. Etelvina Pinto é muito franca: "Entendo que haja

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira)

Dentre as considerações feitas pelo então Procurador-Geral do Estado, é perceptível a preocupação com a questão prisional, algo que até hoje se apresenta como um grave problema no Brasil. A crença de Ciro Facundo na ressocialização do preso e no emprego de instrumentos estatais para esse fim seria corroborada, posteriormente, pela Lei n. 7.210, de 1984, que regula as execuções penais no Brasil.

Também, atuando na vanguarda, parte dos valores de Ciro Facundo reputados como humanistas ou garantistas vêm à tona no ato de reconhecimento que uma série fatores cooperam para o enfrentamento do problema da segurança pública, em geral, já que sugere esforços não para o emprego de mais violência estatal, mas para a redução das desigualdades sociais e a promoção de mais incentivos para a educação.

Ainda sob a égide do governo Joaquim Macedo, Ciro Facundo viria a exercer o cargo de Secretário de Segurança Pública, pasta política de grande relevância para o Estado. Acerca desse período, remeto o leitor à sessão de entrevista com o desembargador do TJAC Samoel Evangelista, que bem descreve os feitos da época.

Da análise da trajetória política de Ciro Facundo, é possível afirmar que ele era alguém que não se limitava ao mundo das ideias e das palavras. Ao mesmo tempo, ele reuniu em si os atributos de cientista, crítico e revolucionário. Sua estreita ligação com a política e às classes sociais evidencia a grande compreensão que ele tem de si mesmo e das contradições da sociedade, o que, por consequência, providenciou sua inserção ativa nos embates hegemônicos! Essa “práxis política”, exercida mediante os cargos que ocupara ou que foram do seu desejo ocupar, reflete essencialmente sua condição de intelectual orgânico (SEMERARO, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intento de explorar importantes aspectos da trajetória intelectual de Ciro Facundo de Almeida, que marcou positivamente diferentes gerações através da sua vida e obra, decidi concentrar, nessa pesquisa, maiores esforços nos pontos que julguei serem “fortes” de Facundo, quais sejam, as facetas de jurista, de docente e de político por ele ostentadas, muitas vezes simultaneamente. Sem descuidar de fazer menção a detalhes dos seus anos iniciais, da vida como criança e adolescente, é possível afirmar que nessa tríade consiste o sustentáculo desse trabalho.

A opção metodológica empregada no percurso pretendido foi a História Oral. A partir de entrevistas com o próprio Ciro Facundo e com terceiros que com ele conviveram, em cotejo com informações extraídas de documentos oficiais e, principalmente, periódicos, dados foram colhidos para conferir concretude e solidez à obra.

No caminho percorrido, para fins de maior compreensão acerca do objeto de estudo, necessário se fez trabalhar com conceitos científicos há muito desenvolvidos pela doutrina, como a categoria gramsciana de intelectual orgânico, posicionando Ciro Facundo para longe dos intelectuais tradicionais, visto como independentes, que “acima das classes e das vicissitudes do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com seu saber livresco.” (SEMERARO, 2006, p. 377)

Pelo contrário, como intelectual transformador (GIROUX, 1997), Ciro Facundo revelou-se como sujeito que se manifestou contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das instituições formais de ensino, valendo-se do seu saber específico para produzir discursos verdadeiros e promover ligações transversais de saber a saber (DA SILVA, 2013).

O diálogo com esses conceitos, dentre outros, permitiu que o teor das entrevistas pudesse ser analiticamente estudado e problematizado, quando oportuno, proporcionando o distanciamento dessa pesquisa do que tradicionalmente se entende por memorial ou biografia.

Mesmo quando tive a impressão de que não haveria nada de novo a apreender sobre o objeto de estudo, de que tinha atingido o “ponto de saturação” (ALBERTI, 2008, p. 174) no tocante aos “pontos fortes” da trajetória de Ciro Facundo de Almeida, prossegui com as entrevistas, com diferentes informantes, para me certificar da validade daquela impressão.

Nessa senda, em sede de considerações finais, acredito ter confirmado a hipótese de que Ciro Facundo tem sua trajetória intelectual marcada por procederes de ensino em quaisquer das perspectivas estudadas: jurídica, docente e política.

Considerando a experiência como um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social, que confere singularidade à cultura, aos valores e ao pensamento, principalmente àquela que é decorrente da classe em que o indivíduo está ligado (THOMPSON, 1981), com êxito Ciro Facundo a expressou nas três mencionadas áreas.

Como jurista, Ciro Facundo promoveu mudanças significativas na comunidade acreana ligada ao Direito, bem como na sociedade, em geral, através dos cargos que diretamente ocupou. Uma sorte de outras mudanças também ocorreu e ainda ocorre mediante terceiros que carregam em si uma fração do sujeito Ciro Facundo, e em suas ações revelam,

como num constante devir, ainda nos tempos atuais, que o legado intelectual deste permanece vivo, vide os depoimentos dos discentes, colegas de trabalho etc. constantes nessa pesquisa.

Como docente, ele demonstrou grande paixão na transmissão do saber. Do ensino fundamental ao ensino superior, revelou-se alguém acessível, sempre ao alcance de quem tivesse fome e sede de conhecimento. Muitas vezes lembrado por ser um professor que se utilizava de casos práticos durante a ministração de conteúdos, especiais lembranças também existem quanto ao seu ativismo em relação aos problemas sociais e o incentivo para que cada pessoa, como parte da sociedade, enfrentasse-os.

Enquanto político, Ciro Facundo não se apartou da sua sincera crença de que poderia tornar o Acre um lugar melhor para se viver, um espaço com menor desigualdades sociais e econômicas. Embora por meio do voto não tenha sido eleito a deputado federal por esse estado em 1978, por indicação política de governantes veio a ocupar lugares centrais na estrutura jurídica-administrativa, com grandes responsabilidades.

Com o olhar voltado os tempos atuais, acredito verdadeiramente que o exercício do ensino por meio do exemplo ou da palavra continua bastante presente em Ciro Facundo. Tratando-se este trabalho de História oral, que por natureza promove movimento e constantes mutações nos sujeitos envolvidos na entrevista, é com alegria que posso afirmar que nesse processo também fui transformado. Fui ouvinte na maior parte das oportunidades, e muitas das palavras proferidas pelo entrevistado encontraram terreno fértil para prosperar e, conseqüentemente, promover mudanças em algumas das minhas posturas e concepções sobre a vida, em geral.

Neste espírito, faço votos de que a trajetória de Ciro Facundo de Almeida continue a afetar positivamente aqueles que o conheceram e, quanto à geração que não contemplou seus feitos, na qual me incluo, desejo que obtenha a inspiração necessária para reter o que possa ser reputado como de bom proveito neste trabalho.

Valendo-me do mesmo sentimento e das palavras manifestas por Nassara, ratifico que “o jovem da pequena Jaguaribe se tornou grande homem para o mundo”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro das Histórias**. In: Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., I a reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

BORDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: Usos & abusos da história oral/ Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. In: Memória e Sociedade. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (organizadores). Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. DIFEL - Difusão Editorial S.A. Janeiro - 2002.

DA SILVA, Tiago Viotto. **Michel Foucault e a História dos Intelectuais: um diálogo (im)possível?** Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia. V. 4, N.1, Janeiro-Julho de 2013.

FREITAS, Luzinete Cesário de Araújo; e SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **Discurso pedagógico: tecendo interação e conhecimentos**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/Artigo_luzinete.pdf>

GIROUX, Henry. **Os professores como Intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Editora Civilização Brasileira. 1982.

KARNAL e TATSCH, Leandro e Flavia Galli. **A memória evanescente**. In: O Historiador e suas fontes / Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (orgs.). – 1.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2015.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: História oral: desafios para o século XXI. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. — Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira** / Sérgio Miceli. – São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Brasília : Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação, 1998.

ORLANDI, E.P. **Para quem é o discurso pedagógico**. In: A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: Por uma história política I [Direção de] René Rémond; tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

SOUZA, Áulio Gélío Alves de. **História da criação do ensino superior no Acre** / Áulio Gélío Alves de Souza. – Brasília : Thesaurus, 2006.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**. Tradução de Waltensir Dutra. Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 1978, por The Merlin Press, de Londres, Inglaterra. Direitos para a edição brasileira adquiridos por ZAHAR EDITORES S.A. 1981.

WASSERMAN, Claudia. **História intelectual: origem e abordagens**. In: Tempos Históricos. Volume 19. 1º Semestre de 2015. p. 63-79. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de Graduação em História da UNIOESTE. Versão eletrônica.

Páginas da internet:

<http://www.ufac.br/site/noticias/ufac-na-imprensa/edicoes-2001/fevereiro/os-oitenta-anos-do-dr.-jersey-pai-do-ensino-superior-no-acre>

<http://www.ufac.br/direito/menu/projeto-pedagogico/ppc/projeto-de-reformulacao-curricular-de-direito-ufac-2008-ppc#page=9>

<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/11/tumulos-na-catedral-guardam-restos-mortais-dos-primeiros-bispos-do-acre.html>

<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/iolanda-de-lima-reis-fleming>

<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/185/edicao-1/magistratura>

<https://www.tjac.jus.br/noticias/desembargador-arquillau-melo-se-despede-do-tribunal-de-justica-acreano-apos-27-dedicados-a-magistratura/>

<https://www.tjac.jus.br/noticias/acre-tera-mais-tres-cics-em-agosto/>

<https://www.tjac.jus.br/noticias/ciro-facundo-deixa-a-justica-mais-presente-na-vida-do-povo/>

<https://www.tjac.jus.br/noticias/discurso-de-despedida-do-des-ciro-facundo-da-presidencia-do-tj/>

<https://www.tjac.jus.br/noticias/tj-homenageia-ciro-facundo-de-almeida/>

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>